

Cyro de Mattos

# Berro de fogo

e outras histórias



2ª edição

**edus**  
Editora da UDESC



## **Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

**JAQUES WAGNER - GOVERNADOR**

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

**OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**

**ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA**

**EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR**

---

**DIRETORA DA EDITUS**

**RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO**

**Conselho Editorial:**

**Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente**

**Antônio Roberto da Paixão Ribeiro**

**Dorival de Freitas**

**Evandro Sena Freire**

**Fernando Rios do Nascimento**

**Jaênes Miranda Alves**

**José Montival de Alencar Júnior**

**Lino Arnulfo Vieira Cintra**

**Lourival Pereira Júnior**

**Maria Laura Oliveira Gomes**

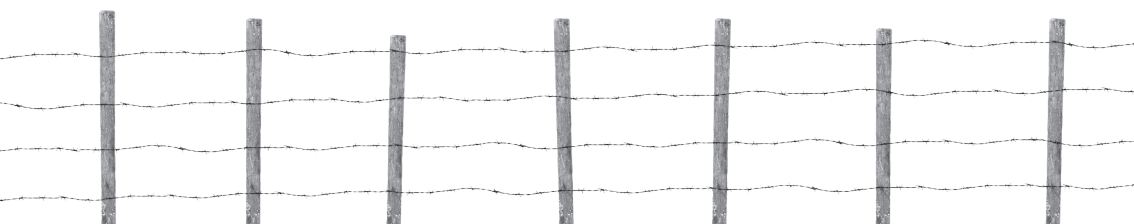
**Marcelo Schramm Mielke**

**Marileide dos Santos de Oliveira**

**Raimunda Alves Moreira de Assis**

**Ricardo Matos Santana**

---



Cyro de Mattos

# Berro de fogo

e outras histórias



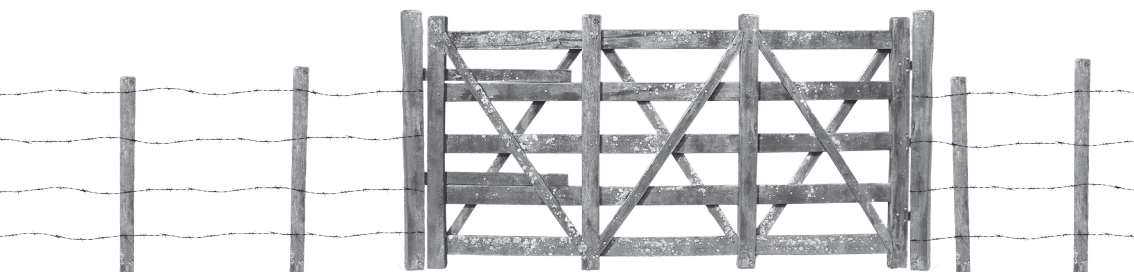
2ª edição

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2013





Copyright ©1997 by CYRO DE MATTOS  
2ª edição: 2013

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,  
conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

PROJETO GRÁFICO E CAPA  
Alencar Júnior

REVISÃO  
Maria Luiza Nora  
Roberto Santos de Carvalho  
Cyro de Mattos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

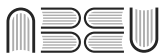
---

M444      Mattos Cyro de.  
             Berro de fogo e outras histórias / Cyro de Mattos. – 2.ed. –  
             Ilhéus, BA: Editus, 2013.  
             203 p.  
  
             ISBN: 978-85-7455-297-2  
             Inclui bibliografia  
  
             1. Contos brasileiros. I. Título.  
  
                                 CDD 869.93

---

**EDITUS - EDITORA DA UESC**  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028  
[www.uesc.br/editora](http://www.uesc.br/editora)  
[editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

*Para*

*Alberto Silva,  
Carlos Falck,  
José de Oliveira Falcón  
e Olney São Paulo*

*- em memória*

# Sumário

|                                                |     |
|------------------------------------------------|-----|
| A força selvagem,<br>por Cid Seixas            | 09  |
| Berro de fogo                                  | 13  |
| O Velho e o Velho Rio                          | 31  |
| Infância com bicho e pesadelo                  | 51  |
| Ladainha nas pedras                            | 89  |
| Inocentes e selvagens                          | 113 |
| Coronel, cacauero e travessia                  | 127 |
| Velhinhos em suas notações de amor             | 143 |
| Flor descoberta                                | 149 |
| Pai, filha                                     | 157 |
| Leninha Língua de Fogo                         | 167 |
| Encontro não marcado,<br>por Marcos Santarrita | 175 |
| Biobibliografia                                | 179 |
| Sobre o Autor                                  | 195 |

# *A força selvagem*

*Cid Seixas\**

Quem não conhece o contista Cyro de Mattos terá a oportunidade de descobrir uma das vozes mais fortes da literatura produzida na região baiana do cacau. O leitor de hoje talvez repita as palavras ditas por Ferreira de Castro, há mais de trinta anos: “Seus contos revelaram-me um novo escritor. Inventivo e de forte expressão.” A força da palavra e das situações engendradas marcam a presença do contista e inscrevem seu nome de forma vigorosa. Mas a alusão ao seu lugar, entre os escritores regionais, não quer limitar o alcance de uma obra, há muito conhecida e incluída entre as boas contribuições dos grapiúnas à literatura brasileira.

Sabe-se que o ciclo do cacau, ou a opulência econômica da Região Sul da Bahia, propiciou o aparecimento de narradores poderosos, como Jorge Amado e Adonias Filho, para citar apenas os dois nomes mais conhecidos. Além deles, uma dezena de escritores (romancistas, poetas e contistas) buscaram seu próprio espaço e deram destaque à produção regional. Nenhuma

história da nossa literatura estará completa se ignorar a importância individual e conjunta dos escritores grapiúnas.

É neste quadro, onde a qualidade é um fato, que a obra de Cyro de Mattos desponta e se inscreve. Esta coletânea, *Berro de fogo e outras histórias*, traz mais de uma narrativa que pode ser incluída em qualquer antologia do conto brasileiro. Isto quer dizer que Cyro de Mattos, apesar de não fazer parte do pequeno círculo de escritores contemporâneos abençoados pela mídia, se impõe por outros caminhos: pela força das suas narrativas. A crítica tem sido favorável à sua obra, e alguns dos nossos melhores escritores já leram e recomendaram a leitura deste contista.

Alceu Amoroso Lima surpreendeu-se com o que chamou de “admirável ficcionista”, ressaltando o “estilo profundamente impregnado de nossa fala brasileira.” Neste livro, agora publicado, chamo a atenção do leitor tanto para os contos inéditos quanto para outros já premiados e incluídos em antologias. “Os Brabos”, “Berro de Fogo”, que abrem o volume, dão uma mostra expressiva do recurso usado constantemente por Cyro de Mattos. Ele constrói personagens rudes, quase selvagens, em meio a situações de desespero.

Para que estes personagens de papel apareçam vivos e com sangue quente a correr nas faces, recolhe a linguagem mais direta e característica desta gente. O resultado da receita, simples e sem concessões ao maneirismo dos literatos, é uma escrita que parece história contada ao pé do fogo, nas noites da roça. O narrador consegue fotografar a força selvagem das situações para nos ofertar, encadernadas, num álbum de cores enrubescidas.



“Inocentes e Selvagens!” é outra história que permanece na mente do leitor graças a esta combinação de um tema marcado pela brutalidade do poder com o relato sem concessões à reflexão ética e filosófica. Em moldes de instantâneos, colhidos no calor da hora, Cyro de Mattos compõe seu painel a partir de uma ótica que lembra um pouco o chamado cinema verdade. Este tipo de arte ganhou notoriedade na mesma época em que ele publicou os primeiros livros. A narrativa apenas conduz o olhar do leitor para os lugares onde a ação se desenvolve, flagrada na clareza solar ou na penumbra recolhida do silêncio.

Tudo isso confere duração ou permanência às tramas dos contos de Cyro de Mattos. Quando o leitor, após o ato de leitura, volta a ruminar os acontecimentos do universo ficcional do autor é que percebe este traço *durativo* e compreende porque o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu a sentença: “São histórias que ficam na lembrança da gente”. Mas os contos de Cyro de Mattos não se sustentam apenas nos flagrantes da realidade social e na expressão objetiva da luta dos homens pela dominação ou pela sobrevivência. Há uma fabulação interior, uma reflexão contida e ocultada que conferem vida psíquica aos seus personagens. Eles não são apenas tipos populares que desempenham seu papel no palco dos conflitos sociais. Eles têm uma dimensão interior enraizada na explosão dos dramas e das misérias coletivas. Quando um destes personagens se deixa surpreender, na intimidade da vida familiar, é então que se percebem os desvãos da sua alma. “Flor descoberta” pode ser tomado como o conto que se

presta, de forma exemplar, à discussão da magnitude interior das rudes criaturas que transitam pelas veredas da roça e cidade.

\* Cid Seixas é poeta e ensaísta. Autor de “O Signo Selvagem” e “Fonte das Pedras”, poesia, entre outros. Ensina na Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutor em Letras pela USP. O texto “A Força Selvagem” foi publicado no jornal “A Tarde”, 23 de março de 1998, Salvador.

# *Berro de fogo*



*Para*

*Ruy Espinheira, em memória*

**C**onto porque foi um despropósito sem tamanho. Até hoje me lembro de tudo como se estivesse acontecendo neste momento. Eu tinha dezoito anos, hoje eu tenho 68, era animado e gostava de andar em pé de baile, lá no sertão, onde gado e capim se espararam num mundo de terras que se perde onde o céu se acurva. Aconteceu justamente numa dessas noites de São João, noite quente, alegria pegando fogo no umbigo do salão, licor correndo de mão em mão e foguetório riscando o céu. A sanfona do ceguinho não parava um só instante, poeira forte misturada com fumaça anuviando o pessoal na dança. Sucedeu quando eu estava soltando no

terreiro foguete de seis descargas. Um deles demorou de acender. Vi foi uma desgraceira de repente rasgada nos pipocos e estourando na minha mão esquerda. Quase fui jogado dentro da fogueira. Gritaria, vexame, corre-corre, desmaio, me contaram depois. Muito tempo eu fiquei desacordado, todo respingado de sangue. Só me dei certeza que tinha escapado com vida, quando no outro dia acordei, vendo diante de mim o pai calado e a mãe que rezava com a irmã mais velha.

Desde aquele momento que perdi os três dedos, foi ficando dentro de mim uma tristeza que deixava o coração todo esmorecido, sem graça pra viver, a cada dia que passava. Foi quando eu dei pra notar que as moças nos bailes já não se assanhavam pra meu lado. Logo eu que era o preferido delas, só porque estava agora sem três dedos numa mão era deixado sem interesse no canto. E me esquentava o sangue quando eu via os olhos de mangação dos rapazes em cima de mim, alguns deles deram pelas costas de me chamar Mãozinha. Eu, pra evitar tamanho aborrecimento, me desligar daquela aporrinhção que me feria dentro, decidi então deixar o pai, a mãe, os três irmãos, alguns parentes e conhecidos. Debandei de lá do sertão, vindo bater nas portas deste Sul da Bahia, pensando em trabalhar nas fazendas de cacau. Melhor era assim, mudar de estrada cedo antes que o mal cresça e o ruim aconteça. Eu ia ter que mandar com uma carga de chumbo grosso alguns daqueles pestes pirracentos pras profundas do inferno. O que fazia eu antes de chegar nestas bandas? Ajudava o pai no serviço do gado. Ninguém no sertão igualava o pai na arte de lidar com o

gado. Vaqueiro Chico era o primeiro sem segundo. Muito respeitado, prestimoso e querido na pisada de muitas léguas. Fazia como ninguém parto de bezerro atravessado, operava rês com gabarro, aprontava parilha de novillo pra ficar no jeito bom de se botar a canga. Novilha zebu de primeira cria ele amansava em poucos dias, dava a rês pra soltar logo o leite como se fosse vaca parideira. Lá no sertão sem fim, o velho Chico levava boiada braba por muitas léguas tiranas, na marcha cadenciada e sem qualquer atropelo. Não perdia uma rês na viagem, a boiada seguindo ordeira no tempo estradeiro, obedecendo o comando do seu berrante afamado e do seu aboio bonito.

O pai me dizia que juízo quente faz o homem matar outro no repente. Eu nunca devia me importar quando alguém me chamasse de Mãozinha. Ele me aconselhava pra eu botar água fria no fogo da cabeça nessas horas, dizendo que o que estava feito por obra do acaso não podia ter reparo, também, Dezinho, por causa disso o mundo não vai desabar em cima de sua cabeça. O pior é que o pai não sabia quanto doía lá dentro quando eu era chamado de Mãozinha na pior pirraça, no pior maltrato, no pior desprezo. Ficava cego de raiva nesse instante e com aquele calor brabo a ferver meu sangue no juízo. Eu vim, como já disse, bater nas portas deste Sul da Bahia tão afamado, tentar me livrar por fim daquela gente que ofendia e me enraivava com a mangação desse desgraçado chamamento.

Cheguei na fazenda Vista Formosa, do coronel Barreto, numa tarde que chovia muito. Foi ali o único abrigo que tive nestas bandas. Nunca saí de lá pra trabalhar em outra fazenda. Tive sorte, não nego, com o apego que o

coronel Barreto teve comigo. Não entendia aquela afeição que se deu logo no começo, pois um homem sem três dedos numa mão não deve render o mesmo no serviço que um homem perfeito. O coronel Barreto era sabedor disso. Fui encarregado de fiscalizar os trabalhadores na colheita e quebra do cacau. Era muita gente que trabalhava nesse tipo de serviço, tinha até mulher e menino. Só não gostei quando um deles fez cara feia pra mim, torcendo o nariz e cusbindo pro lado. O atrevido resistiu a minha ordem e disse que mais ligeiro não podia fazer o serviço. “Se quiser, tome o meu lugar”, falou o peste, indo devagar beber água no córrego, querendo com isso mostrar aos outros que de mim não tinha receio. Reclamei pela segunda vez, o atrevido respondeu com mais atrevimento: “Parece até que vosmecê não é trabalhador igual a nós”, cusbindo no chão com mais força e arrematando naquela cusparada nojenta: “Também pudera, sempre foi protegido do coronel Barreto por causa dessa mãozinha sem os três dedos”. A gargalhada dos outros foi geral, também o peste só falou até aí, ficou engasgado com os tiros que disparei sem vacilo e sem dó, no peito e na cabeça dele. Com as mãos pra trás o coronel Barreto apareceu no alpendre. Disse: “Ninguém viu nada. Todos saibam que um homem é merecedor do respeito dos outros até nos seus defeitos”. Encarou os trabalhadores e sem mexer o rosto falou que o assunto estava encerrado, vosmecê, Dezinho, agiu certo, foi desrespeitado e desobedecido.

Mais tarde soube que aquele homem alto e magro, cabeça branca, olhos verdes no rosto seco, tinha sido



chefe político de muito poder na cidade. Perdeu o mando com uma derrota vergonhosa nas eleições, dizem que traído pelos velhos amigos. Com os filhos todos casados, a mulher sem poder andar com a moléstia, decidiu demorar mais tempo quando vinha visitar a fazenda. Passava meses sem botar o pé na cidade. Não escondo também que peguei afeição ao coronel Barreto, dando assim reconhecimento pelo bom tratamento que ele tinha comigo. Me tornei homem de sua inteira confiança. E por sua vontade deixei de fiscalizar o pessoal na colheita e quebra do cacau. Era agora encarregado de resolver com os vizinhos desentendimento por causa dos rumos ou alguma encrença por parte dos posseiros. Tudo nos conformes do coronel Barreto. Seguia suas ordens sem desvio, cumpria feito cego seus desígnios.

Algumas mortes foram acontecendo. Uma, duas, três... Quando cheguei na Vista Formosa, eram dezenas os posseiros, gente muito antiga que ocupava trechos de terra nos pertences do coronel Barreto. Os que queriam sair por bem recebiam um pagamento pelas roças de cacau e cereais que tinham plantado nas terras de Vista Formosa. Os que resistiam, o único jeito era o dedo no gatilho. Eu na ajuda leal e constante, firme no puxar do dedo, vendo o coronel Barreto choco de contentamento com os meus novos préstimos. Foi o Jovino que me ensinou a ser frio e preciso no puxar do gatilho. Não me espantar com nada, prender a respiração e morder os dentes antes de puxar o dedo. Fogo. Meu revólver e repetição no berrar do fogo. Bem amolado meu facão, caso faltasse munição e fosse preciso usar a lâmina afiada como auxílio. Conto

porque foi um despropósito sem tamanho, já disse. Não era do meu gosto tirar o Jovino da posse de sua terrinha, lá na Serra dos Quatro Porcos. Uma besteira de terra, uma tira estreita feito um talho visto de longe no espinhaço da serra. Que aumento iam fazer ao coronel Derreto umas dez tarefas de cacauzeiros velhos e novos, duas de capoeira, umas quatro com roça de feijão e milho? Que aumento, hein? Aquelas terrinhas bestas com pedaço de mata e um resto de capoeira! Nenhum mesmo nas léguas de cacauzeiro e matas do coronel Barreto. Jovino foi o único amigo que tive nestas bandas. Gostava de caçar com ele nas matas fechadas. Escutar de sua boca mansa casos de assombração que os mais velhos tinham contado a ele. Entre um cafezinho quente e cigarrinhos de palha, ventinho fresco passando, era bom saber das caçadas de onça naquelas serras, ele ainda um menino no meio dos caçadores velhos. O coronel Barreto nunca desistia ficando ordem no severo: "Quando é, Dezinho, que eu não vou ter mais o derradeiro posseiro em minha fazenda?" Eu ouvia ele dizer com a voz arrogante, impaciente, o rosto sério buscando alguma coisa que estava longe dele. Se dizia que ele ficava melado de usura quando alguém comentava sobre a rocinha de cacau e cereal plantada pelo Jovino na serra. "Um ovo cheio, coronel Barreto, cacauzeiro carrega da raiz à ponta dos galhos, pra não se falar de um minador que dá água boa e azuladinha", aquele homem que veio da Vila Santa Margarida Efigênia falou no alpendre pro coronel que descansava na rede.

Ele, o coronel Francisco Barreto Magalhães Roboredo, nunca ia se conformar que ainda restasse um posseiro

na fazenda Vista Formosa. Teimoso era o velho Jovino, que não aceitava qualquer pagamento por sua roça de cacau e cereal, preferindo morrer ali mesmo na serra que entregar sua posse de terra vinda do tempo do pai, Nego Terto, quando naquelas partes só existia esturro de onça e muito índio. Fosse lá como fosse, a encrenca do coronel Barreto com o Jovino já durava anos, era preciso ter logo um acerto com aquele velho renitente, decida logo isso, Dezinho, e retire aquele demônio dos meus pertences, o homem sempre me apertando no cerco, não me dava trégua, cada vez mais impaciente.

Certa vez disse ao coronel Barreto que estava disposto a cumprir os seus desígnios e no outro dia viajaria pra ter uma conversa séria com o Jovino. Cumpri nada. Não demorei muito no caminho, me deu logo uma bruta pena do Jovino, um homem velho que vivia entocado no seu canto, somente tratando da roça de cacau, feijão e milho, sem fazer mal a qualquer vivente que naqueles longes aparecesse. Agoniado, o coronel Barreto me procurou, logo que desmontei da mula Lamparina. “Tão depressa? Não me diga que botou alguém de confiança no seu lugar”, disse descontente, “porque isso pode não ter presteza”. Eu pedi a ele: “Coronel, tenha paciência, me dispense dessa empreitada”, mostrando então pra ele que minha natureza estava empacada, esmorecida e sem jeito pra cumprir tamanho desígnio. Falei com a voz quase não saindo, escabriado mesmo, não minto, não conseguindo olhar de frente os olhos verdes do coronel Barreto, que de repente faiscavam vermelhos. Como podiam aqueles olhos verdes mudar de cor de

repente? Era raiva mesmo. Foi então que eu ouvi o soco forte bater na mesa e derrubar prato, copo e moringa. Ele falou com energia, boca tremendo: "Mãozinha, peste, é o pagamento que você me dá?" Sesqueceu de tudo que eu tenho feito por você aqui nos meus pertences?" Coronel Francisco Barreto Magalhães Robredo, eu pensei, é a primeira vez que vosmecê me trata assim no inteiro desprezo. Tinha mesmo que cumprir o seu querer e rumar o mais depressa pra bandas da Serra dos Quatro Porcos, onde ficavam as terras do poseiro Jovino. Pela tarde, já tinha viajado bom pedaço de tempo, eu escutei um vento seco bater nas folhas dos cacaueiros, tirando um assovio esquisito que fazia calar os passarinhos nas árvores grandes e baixas. Um vento seco, triste mesmo, penetrava os meus cabelos e fazia crescer dentro de mim somente pena pelo pobre do Jovino. Perguntei ao meu coração doído o que seria daquela vez que estava acontecendo comigo. Deixei a mula Lamparina seguir na pisada boa como se não tivesse comando naquele momento. Mula sem igual no viajero era Lamparina, habilidade ela tinha no passo, esperteza nos pontos mais difíceis dos atalhos e trilhas. Eu viajava atento nos ruídos que chegavam da natureza. Gavião piava num galho seco perto de uma clareira. Uma nuvem de periquitos pousou na copa do putumuju. Codorna repetiu o canto dentro da capoeira. Cada trilha que Lamparina ia deixando pra trás, eu pensava na desgraça que teria de acontecer lá na frente. Palavra de coronel nestas léguas é lei e lei que vem dele é pra ser cumprida de qualquer maneira.

Eu tinha saído de madrugada da fazenda Vista Formosa e cortei caminho por muitos atalhos, queria chegar pelo entardecer nas terrinhas do Jovino. Assim imaginava quando deparei com o Ribeirão do Gado, estava pegando água, só com uma mula habilidosa como Lamparina podia fazer a travessia. Com muita calma tentei romper as águas, cobrindo minhas pernas no meio do ribeirão e tomando a barriga de Lamparina, eu seguro na rédea, oxente, mulinha, aguenta firme, falta pouco pra acabar esse suplício. Teve um momento que senti perder a rédea e que ia sendo levado pelo ímpeto da correnteza. Agarrei na crina e vi Lamparina romper com dificuldade a correnteza. Respirei aliviado quando pisei no outro lado em terra firme. Cansado com o esforço que fiz, arregacei as calças molhadas e fui tirando a água das botas. Não sei de onde, veio pra junto de mim um velho vestido numa capa preta, barba grande até o queixo, apareceu na beira do córrego, já estava me preparando pra seguir viagem. Um cacho de cabelos brancos caía sobre a testa dele. Usava um chapéu velho que escondia a cabeça e a testa. Tinha na parte de cima da boca uma cicatriz que subia até o nariz, deixando aberto aquele ponto onde apareciam dois cacos de dente. Falava fanhoso, o que dizia às vezes era confuso, me trouxe espanto certo trecho do que ele informava. Falou que os rios lá do sertão estavam há dias estourando água pra todo lado, engolindo casas, ruas, lugarejos, até banda de cidade. O velho era das terras do cacau, tinha andado lá no sertão procurando achar os pais, não queria morrer sem antes tomar a bênção dos velhos. Naquela voz fanhosa o velho ainda falou que lá no sertão das Gerais as águas da

cheia estavam deixando atrás febre do impaludismo e tifo, levando sem dó muita gente pra cova da noite pro dia.

Me despedi do velho, que seguiu apoiado em seu cajado pro lado onde o sol nasce, ele me disse que ia pras bandas da Serra de Santa Luzia onde tinha uma rocinha de cacau e lavoura pequena. Retomei meu caminho sem perda de tempo e imaginei nos estragos que a cheia estava fazendo no sertão. Pensei no pai, mãe, irmãos, parentes, conhecidos. Quando era tempo das trovoadas no sertão, pelas baixadas água e capim viravam uma coisa só, muita rês morria afogada nos alagados. Neste Sul da Bahia chovia também muito quando aqui cheguei. Hoje um mês de sol é como se tudo fosse acabar, a terra está cansada, não aguenta pouco tempo ficar sem chuva. Cacaueiro velho ou novo começa a morrer de repente. Naquele tempo não, a terra era fresca, chovia muito no ano, o chão ficava encharcado com uma camada apodrecida por cima. As chuvas de trovoada tinham o seu tempo certo pra chegar no ano. Quando caíam do teto preto do céu, os rios engrossavam e passavam raivosos na descida barulhenta. Traziam toras de pau grande, corpo de bicho morto, galinha d'água, marreco, até garças em cima das baronesas. Capinzal todo empapado, mandiocal no azedume, represas rompidas. Casas ribeirinhas serviam de morada de peixe. Depois que as chuvas passavam, os cacaueiros apareciam com todo viço, fazendo a boca dos fazendeiros alargar de contente. Quantas léguas eram da Vista Formosa até chegar na rocinha do Jovino? Quase dia e meio na pisada morosa de mula viageira, não contando a noite, quando às vezes no mato se dormia na rede.

Eu nunca acreditei que o coronel Barreto quisesse fazer outra casa-sede bem no pé da Serra dos Quatro Porcos. Ele repetia que queria trazer pra casa-sede a água encanada daquele minador que brotava nas terras do Jovino. Tenho comigo que ele queria mesmo era arrancar o Jovino da Vista Formosa, cortar de vez a erva daninha do último possessor, como sempre dizia, tirar aquela doença sem cura que há anos vinha resistindo pra sair de seus pertences. Era tudo usura mesmo. Um homem velho, o Jovino, vivendo sozinho lá na serra, sem ter alguém que cuidasse dele num momento de aperto. Podia até morrer da noite pro dia com a idade avançada que já andava nele. Fazer o mal numa pessoa assim é como matar um passarinho, é como se fosse fazer um crime, um despropósito que fere qualquer limite. Eu tinha que cumprir os desejos do mandão superior da fazenda Vista Formosa, sempre soube que nessas léguas sem fim vontade de coronel tudo compra, só não compra mesmo a morte. Eu sabia que o Jovino por livre vontade dele não daria de volta suas terrinhas ao coronel Barreto, mesmo que por elas fosse pago um bom preço. Não tinha dinheiro nesse mundo que fizesse ele sair de suas terrinhas. "Pra onde eu vou se neste mundo não tenho mais um só parente? É esperar morrer de velhice aqui mesmo nestes longes, junto do pai, da mãe, do irmão que era cego", Jovino disse certa vez, me apontando as três cruzes que foram fincadas nas covas abertas perto do lajedo. De lá o coronel Barreto fosse tirar ele somente morto, falou Jovino, a voz baixa e o olhar duro em cima da repetição pendurada na parede.

O sol avermelhava umas nuvens ralas na Serra dos Quatro Porcos, quando eu me dei conta que estava chegando nas terrinhas do Jovino. Dei a volta por fora de uma plantação de cacauzeiros novos, deixando de lado a trilha que dava entrada nas rocinhas dele. Beirei uma cerca velha com o arame enferrujado, pregado nas estacas quase todas caídas. No pasto pequeno com pouco capim só havia um burro magro e um casal de ovelhas lanzudas. Lá estava perto do lajedo a sua casinha de taipa com uma porta e uma janela de frente. Olhei com atenção a casinha e os arredores dela, as galinhas agasalhadas nos galhos de uma goiabeira. Araponga gritou na mata seu canto de estalar o ouvido. Sapo coaxou perto. Uma cigarra com seu canto forte começou na queda da tarde a furar o silêncio. Caminhei devagar e me amoitei atrás de um tronco caído de jequitibá. Ali sem me mexer um momento fiquei aguardando que o Jovino aparecesse, era costume dele caçar aracuã na mata pela queda da tarde. As aves chegavam fazendo barulho, só se acalmavam nos galhos quando no finzinho da tarde tudo naqueles longes ia ficando num grande silêncio. Por trás da casa de Jovino anum cantou seu canto azarento e eu tive de repente um estremecimento esquisito. Pra espantar aquele frio que me entrou nos nervos, lembrei de uma coisa que certa vez o pai me disse. Aqui neste mundo, Dezinho, o buraco é o mesmo pra todos nós, os caminhos de se chegar até ele é que são diferentes. Era chegada a hora do Jovino entrar nesse buraco, o que podia eu fazer pra contrariar a ordem do Coronel Barreto e evitar isso? Nessas bandas, já disse, ordem do coronel é



lei, pode até ser um despropósito sem tamanho, mas tem que ser cumprida. Bestava eu nesses pensamentos quando Jovino apareceu, trazendo um teiú morto na mão, na outra ele tinha a repetição. Notei que seus dois embornais a tiracolo estavam cheios. Creio que ele tivesse derrubado umas aracuãs na mata. Gritei alto, "Jovino! ", cuspiendo forte como quisesse arrancar de vez uma coisa ruim que me apertava o peito. Quando ele se virou com aquela cara alegre, buscando me achar atrás do jequitibá caído, preendi a respiração e mordi os dentes. Puxei o revolver na direção do peito. Ainda vi o corpo dele recuar, cair da ribanceira e rolar no despenhadeiro. Sabia: berrei fogo no Jovino. Lá de cima espiei o corpo dele que ficou no meio do despenho, enganchado no tronco de um arvoredor.

Naquele jeito de andar com as mãos pra trás, encontrei o coronel Barreto no alpendre. O verde dos olhos dele ficou mais verde do que o verde do cacau verde, logo que eu disse que a empreita estava cumprida, nos seus pertences já não havia mais posseiro.

Veio um dia, outro dia, mais outro dia. Não conseguia pegar direito no sono. Uma semana. Duas. Nada de chegar sono como antes. Um mês. Três. Ficava dentro de mim agora o tempo todo como uma visagem feia a cara que o Jovino fez quando recebeu no peito a descarga dos tiros. Não tenho dúvida que ele sabia ter sido eu que chamei seu nome quando dei aquele grito. O Jovino conheceu minha voz naquele momento, eu sabia, não tenho dúvida disso. Longe do despropósito acontecido, lá no sertão dos Gerais, talvez eu pudesse esquecer tudo aquilo

voltando a ter meu sono na santa paz de um bom sossego. Puro engano conforme adiante eu lhe digo. Decidi voltar pro sertão dos Gerais e quando lá cheguei os pais já tinham finado. A irmã mais velha com os outros irmãos tomaram o destino de Pedra Azulada, um povoado muito longe das cercanias onde o vaqueiro Chico lidava com o gado do coronel Belmiro. Deco e Dico, meus primos, tinham ido também com eles. Voltei a trabalhar nas fazendas de gado como ajudante de vaqueiro. De novo aqueles pestes pirracentos continuaram pelas costas a me chamar do meu apelido nojento. Tentava controlar os nervos e o quentume da cabeça, me lembrava dos conselhos do pai, fazia grande esforço pra não mandar com uma carga de tiros uns pestes daqueles pros infernos. Também só me pirraçavam pelas costas e de longe, saíam logo correndo, não sabiam eles todos com que cobra venenosa estavam mexendo. O tempo passava e noite adentro passava longe de mim o sono fugitivo. Eu vinha até o terreiro e bom pedaço da noite ficava distraído, catando estrela miúda no céu claro. Nada de chegar sono não. Vezes bestava de namorar com a lua, vezes imaginava me encontrar com São Jorge no céu daqueles confins e sair com o santo caçando dragão e outros monstros do demo. Escutava a saparia coaxando nos brejos, atirava em coruja pousada na ponta da estaca, com aquele canto agourento fazendo mangação dos meus olhos ardidos. Como aguentei tantas noites sem dormir? Sei não, não sei não. Só sei que me virava e revirava na cama a noite inteira, o corpo molhado de suor, o sono chegava apenas de madrugada quando os olhos estavam bem vermelhos e ardidos. Meus pen-

samentos diziam nessas horas que eu voltasse pras terras do Sul da Bahia. Inchados e vermelhos os meus olhos, a água que minava deles dando aquele ardor doído e forte agonia dentro.

Então resolvi viajar pela segunda vez pra este Sul da Bahia, eu desejava muito ter um encontro com o coronel Barreto.

Fui trabalhar como leiteiro na Vila de Santa Margarida Efigênia. De lá, da Serra dos Coatis, que fica do outro lado onde o sol morre, qualquer um avista embaixo a vila no entroncamento de quatro estradas. Um dia, eu soube que o coronel Barreto vinha descer pra vila pra conversar com o padre sobre o batismo de um bando de menino pagão que havia na fazenda dele. A Vila de Santa Margarida Efigênia ficava nas terras do coronel Barreto, e de lá do povoado até chegar na sede da Vista Formosa durava mais de uma légua. Aguardei que o coronel Barreto aparecesse na curva da estrada, quando pela tarde retornasse da Vila de Santa Margarida Efigênia. Fiquei escondido atrás de uma jaqueira velha. Vozes, plaque-plaque, caçuás balançando no burro com a feira de algum roceiro. Bando de japus pousou com alvoroço no jenipa-peiro. Uma mosca picou meu braço. Matei a bicha com tanta raiva que senti o gosto do sangue quando mordi a língua. Um besouro preto passou perto de minha cabeça, zunindo e tirando um fino esquisito. Não demorou um minuto e aquele besouro preto voltou e ficou ali na minha frente zumbindo. Pensei comigo se aquele besouro preto que estava ali perto zumbindo não era alguma arte

do além, querendo por parte do Jovino me dar algum aviso. O pai me disse certa vez que quando se mata alguém inocente a alma do que foi vivente fica penando aqui mesmo, só sobe deste mundo nosso pro outro do além quando se faz justiça e é vingada a morte dele. No fim da tarde, a estrada quieta, passarinho procurando dormida nos galhos, apareceu coronel Barreto montado no seu cavalo preferido, animal gabado por ele, macio de sela e admirado por sua pelagem branca que reluzia com o sol quente. Nervoso me deu, confesso, quando eu vi ele lá, despreocupado e todo vistoso na sela, não desconfiava que eu estava ali perto. Não deu tempo de mirar, só levei a arma e disparei, atirando nele como em qualquer caça. O tiro pegou no meio dos olhos verdes. Berrei fogo no coronel Barreto. No mesmo instante do tiro vi sair desembestado o cavalo branco e com o coronel desequilibrado na sela entrar o animal numa roça de cacau junto da estrada. Com cautela saí detrás da jaqueira velha e lá adiante fui seguindo os rastros de sangue dele. Nem tive espanto quando encontrei o coronel Barreto de quatro pés, caminhando feito bicho por uma trilha que ia dar num plantio de bananeiras novas. Gemia e gritava. Chamava por Deus a todo momento. Tentava enxugar o sangue, passando a manga da camisa no rosto. Quando ele saiu rastejando na direção do plantio de bananeiras, os joelhos dele ferindo nas pedras, tudo já estava turvo ao redor. Eu passei a noite escondido ali perto, escutando os gemidos dele. Até quando na escuridão da noite não escutei mais qualquer gemido. Somente escutava agora o cricrilar de algum grilo ou de vez em quando o pio de

algum bicho no calor da noite. Como já disse, passei a noite ali mesmo, de ouvido atento. Não queria que alguém chegasse e desse auxílio ao coronel Barreto. Isso eu não queria.

Era quase meio-dia, o sol muito quente no meio do céu sem um fiapo de nuvem, cacau maduro brilhando nos galhos, quando eu vi os urubus alvoroçados nos galhos da ingazeira. Foi só o primeiro deles pousar junto do corpo do coronel Barreto para que os outros fizessem o mesmo. Logo começaram com os bicos famintos aqueles bichos nojentos a disputa assanhada das carnes de coronel Barreto.

Vosmecê quer saber se o sono voltou e eu passei a ter meu sossego? Não voltou, Cyro. Deu agora pra infernar meus pensamentos a danação das duas mortes, a do Jovino e a do coronel Barreto. Os meus olhos cada vez mais inflamados, ensanguentados, nessa inflamação de fruta madura quando fica no ponto pra bico de gurinha-tã ou sanhaçu. Noites em claro até hoje. Nada de voltar sono não. Nada de voltar. Nada mesmo. Não.

# *O Velho e o Velho Rio*



**A**s costas no cimento frio. Tremem as pernas, ossos e nervos, doem como se fossem perfurados por estilete. Gemidos abafados na respiração cansada, o peito com os músculos amassados. Faz um esforço para abrir os olhos, sumidos nas pálpebras inchadas. A cara empastada de sangue, fora impiedosa a surra, socos e pontapés fortes. Os ouvidos zunem. Ruídos que vêm de fora são pontos obscuros e longínquos que ele não consegue captar.

Na cela vizinha, os gritos da doida com gosto de fel, palavras sem sentido chocam-se no ar frio e atanzam o silêncio da cadeia. A mulher com a voz azeda suspende a saia a todo instante e oferece o sexo imundo aos outros presos. Cheiro de café, intenso, exala-se na manhã, vindo da última cela. Teoflora nem sente o cheiro bom do café quente, inchado e ferido o nariz, a garganta pegando fogo. Jatos de luz, caindo das frestas do telhado, esbatem-se na cama velha. Iluminam nomes estranhos, desenhos grotescos, frases não terminadas, riscos de carvão na caiação velha da parede.

O vento úmido da manhã sopra nos poços fundos e remansos do Rio Cachoeira, percorre o vale onde a cidade começa a movimentar o dia. Vão sendo abertas portas dos armazéns e lojas na Rua do Comércio. O vento atravessa ruas, sobe ladeiras, paira na praça deserta e segue na direção da cadeia velha. O vento sopra agora seus cabelos brancos no peito. Refresca o rosto, aliviando as dores do corpo largado no cimento frio. Vento amigo, com gosto das águas mansas do rio. Nas cheias ficavam barrentas as águas, o rio descia impetuoso, rolava com um volume que de tão pesado deixava assombrado o povo da cidade. As águas barrentas invadiam a Rua do Comércio, derrubavam casas e desciam velozes com os estragos da fúria assassina. Quando as águas começavam a baixar, os rostos dos ribeirinhos eram uma expressão marcada no rosto de alegria. Bonito ver o rio voltar ao curso sereno. As corredeiras límpidas. Remansos, pedras pretas. O Velho Rio brilhava entre seixos e limos. Cantiga de lavadeiras alcançava o rio num só ritmo colorido de roupas que eram estendidas nas pedras.

Os areeiros escolhiam os lugares próximos da margem onde fosse mais fácil de ser retirada a areia. Os jumentos subiam as encostas das margens do rio, um atrás do outro, a carga pesada da areia nas latas. Uma voz paciente tangia os jumentos. Quando os jumentos passavam carregados de areia, não sabia o que lhe dava na cabeça para achar que casas e sobrados ficavam de joelho, agradecendo a bondade do Velho Rio. As casas ribeirinhas ajoelhavam suas fachadas e tomavam a bênção ao Velho Rio. A pá sem areia não serviria para construir a cidade, como a areia sem a pá nunca seria um presente dado por Deus, assim ele pensava, na manhã soprada por um vento ameno, imaginando que casas e sobrados sempre andassem cochichando sobre o entendimento perfeito que havia entre os areeiros e o rio.

Na balaustrada, o cabo Pernambuco assovia uma cantiga irritante. Olhos de sono inspecionam a Igreja de São José, a imagem do padroeiro da cidade no alto da pilastra. Homens e mulheres saem da igreja onde o padre acabou de rezar a última missa. O velho Teofloro, num esforço que dói muito, lambe com a língua ferida os cortes na boca. Rudes suas mãos, fracos os braços, tentam com dificuldade acalmar o fogo na barriga. Olhos sumidos no rosto inchado não distinguem as coisas nos traços e contornos. Ouvidos bloqueados para qualquer som que venha de fora. A cabeça pesada. Contorce-se. Sobe e desce o peito na respiração quase presa, vagarosa de tão abafada, saindo em suas camadas pastosas pela boca que solta gemidos.

No peito do velho Teofloro há um rio, o rio da vida que flui com dor. E há um tempo que move esse rio por



todos os lados. Tempo de abandono, solidão e morte. Um tempo que comanda no rigor humano de seus gestos e nunca perdoa.

Marcelino, o pai, era o areeiro mais velho da cidade. Conhecia os lugares que a areia mais se acumulava, quando o rio depois da cheia voltava ao curso normal. De madrugada, o nevoeiro esgarçando-se no rio, tocava os jumentos com as latas vazias. Teoflorinho sacolejava na cangalha do mais manso, aguentava-se como podia com os movimentos do animal na rua esburacada. Teoflorinho gostava de fazer castelos de areia, pegar borboleta e grilo nos barrancos, descobrir ninho de passarinho na ilha grande. O menino, o pai, os jumentos quase cobertos na neblina forte. Fria ou quente fosse a manhã, lá estava o pai a escavar o leito do rio, a pá obedecendo às puxadas dos braços firmes. Montes de areia iam crescendo na beira do rio, era trazida na canoa depois de retirada dos trechos rasos. Pronta a carga, cheias as latas, os jumentos eram tocados para a entrega das encomendas.

O tempo passava com o rio que tirava fotos da lua nas manhãs quentes. O pai e o filho mantinham uma relação amiga com o rio, tão natural na passagem dos dias como uma coisa íntima que se preza porque só faz bem, não se podendo em algum momento se afastar dela. Dos pescadores e areeiros mais velhos, passou Teoflorinho a conhecer casos cheios de mistério que aconteciam no rio. O buço no menino já sombreava o lábio, a voz começava a aparecer num tom mais grave, músculos nos braços e peito encorpando-o com os meses que iam

passando. Gostava de escutar o canto das lavadeiras na manhã luminosa. A falação de gente velha sobre a última enchente, as águas invadindo o quintal das casas, derrubando casebres nos bairros ribeirinhos. Os areeiros tristes com a cheia que já durava mais de um mês, cabisbaixos com a indômita passagem das águas, o rio como um animal sem tamanho no passo desembestado.

As águas baixando aos poucos, pedras pretas de fora, a ilha grande quase toda descoberta no meio do rio, alguns areeiros iam aparecendo cautelosos. Retornavam calados ao trabalho de tirar areia do rio. As pás entravam e saíam da água cheias de areia, cor de chumbo ou escura, grossa ou fina, conforme o trecho do rio. A areia dos barrancos era vendida para rebocar as paredes das casas e sobrados vistosos, que iam se repetindo nas principais ruas e bairros da cidade. Vento morno soprava margaridas silvestres nos barrancos, nuvens de borboleta compartilhavam um balé de séculos, no voo suave, dentro da tarde com atmosfera agradável.

Teoflorinho aceitava o desafio que era feito por outros filhos de areeiro. Armava as apostas para ver quem seria o nadador mais veloz que chegaria primeiro no outro lado do rio. Era sempre o primeiro a chegar ao outro lado, nadava direto, nem descansava sequer na pedra grande que ficava no meio do rio. Braçadas contínuas no fôlego de animal novo, cheias de ímpeto, faziam com que ele saísse na frente e chegasse ao outro lado distanciado dos amigos. Capetava em todos os cantos do rio, naquelas águas companheiras que não guardavam para ele qualquer segredo. Íntimas sempre em todos os pontos de seu mapa rico feito nos dias de sustos com

saltos. Camarão e pitu pegava nas locas, ou às vezes de munzuá, peixe miúdo era pescado de anzol ou jereré. Vendia o que pescava aos sábados na feira. Logo que juntou um bom dinheiro, pensou em comprar uma tarrafa e deixar de ser pescador de peixe miúdo, aquelas porqueirinhas que exigiam muita paciência dele e pouco resultado davam quando ia vender na feira atrás da estação ferroviária.

Na manhã acesa com os raios de um sol quente, nuvens ralas no céu azul, tropas de burro com guizo e chovalho faziam na Rua do Comércio a festa de passos cadenciados. Suspendiam na terra cascalhenta ruivo poeiral.

Entrou no armazém de Lino Sergipano, homem pequeno e de pouca conversa, gostava mais de observar as pessoas por trás do balcão. O armazém sortido com armas, munições e artigos de pesca. Aquele hominho troncado com cabelo de índio, olhos rasgados no rosto, passou a negociar na cidade muito cedo. Tinha um jeito manso de atender a freguesia, que diariamente ia crescendo, aos sábados enchia o armazém.

As tarrafas penduradas na parede.

— Aquela ali do canto — disse sem hesitar, depois de examinar com cuidado, uma a uma, as tarrafas.

Era uma tarrafa bem trançada, trabalho perfeito de quem com paciência soube no milagre das mãos tecer a vida com arte. Mostrou ao amigo Janunço, o mais antigo pescador da cidade, quem melhor conhecia o Velho Rio, com todo os seus casos de assombração, todos os seus peixes nas enchentes e secas, correntezas e remansos. Havia chegado à região no tempo da selva, a cidade um arru-

ado com poucas taperas, talvez umas vinte. Um tempo daqueles que o rio tinha peixe com fartura, sob a lua clara cardumes pulavam à flor d'água.

Teoflorinho havia comprado uma boa tarrafa, disse Janunço, as malhas são bem trançadas, você vai pegar muito peixe se souber lançá-la nos poços onde há mais cardume.

À noite saíram calados, lua amarela vidrilhava na escuridão dos peraus. Vento bom soprava no rosto, os dois tranquilos. Frescor que saía do rio envolvia a noite clara. Se o vento trouxesse de repente aquela voz suave, puxando certo canto enfeitado, cardumes pulando e brincando nas pequenas vagas, eles retornassem depressa e deixassem a pescaria para outro dia. Aquele canto era o da Mãe d'Água, que à noite saía para brincar com os peixes e se banhar nos raios da lua, derramando prata na água. Não queria naquela noite que intrusos estivessem no seu reino, observava Janunço com a voz pausada, dentes pretos de fumo nas gengivas carnudas.

Empurraram a canoa, remaram em silêncio. Lá ficaram no meio do rio, brilhando com a prata da noite na superfície mansa. Deram os primeiros lanços, as águas como cortadas com o barulho das malhas da tarrafa jogada. Em cada lanço, voltava a tarrafa carregada de peixes. A pescaria acontecendo com fartura, escamas prateavam na superfície dentro da noite iluminada. Com mais alguns lanços, os balaies grandes estariam cheios, regressariam então na certeza de que aquela pescaria havia sido dos agrados da Mãe d'Água. Se em silêncio haviam chegado ao meio do rio, mais calados retornavam. Os balaies

entupidos de peixe, a canoa deslizando com dificuldade. Não se lembrava Janunço quando havia pescado tanto peixe, ele e Teofloro nem passaram muito tempo jogando a tarrafa. Devagar remavam, pesada a canoa ia cortando águas calmas, brilhava o rio com uma lua cheia que se refletia nos peraus e remansos.

No início apareceu fraco o vento, trazendo no meio da noite aquela voz branda que embalava e fazia dançar as vagas. Peixes começaram a pular na frente da canoa, aquela voz chegava aos poucos na direção deles, seu canto vagaroso a embalar a noite clara. Era mais nítida agora a voz, comandava muitos peixes que pulavam fora d'água, alguns se esbatendo no costado da canoa.

— É aparição do outro mundo! - gritou Janunço, voz engasgada. - Jogue n'água os peixes que pescamos e vamos embora! - a ordem dada no rosto que tinha uns olhos cheios de medo, sem querer acreditar no que viam.

— Até peixe grande como robalo estava pulando fora da d'água – comentou Teofloro. — Vamos logo voltar a jogar a tarrafa – sua voz decidida na ordem rápida.

Várias vezes jogaram a tarrafa, retornava sempre vazia, peixes apareciam e, de repente, sumiam nos saltos repetidos. Peixes grandes, que de tão hábeis assustavam a todo instante. Desconfiados um olhou para o outro, a tarrafa agora com muito peso, como se um peixe enorme estivesse prendendo-a no fundo. Teofloro pediu ajuda a Janunco. Com as forças que puderam reunir tentaram puxar a tarrafa presa no fundo do poço. Veias dos braços como se fossem partir, o suor pegajoso molhando o corpo.

Abatidos, feridas com o esforço as mãos, tentaram, tentaram, mas não conseguiram tirar a tarrafa das águas fundas. As forças sumiram dos braços. Pela última vez tentavam e, com grande esforço, foram aos poucos puxando a tarrafa. Pararam duas vezes e tomaram fôlego, o coração batia forte no peito que arfava, a pulsação num ritmo acelerado. Buscavam tomar fôlego para recuperar as forças que se enfraqueciam com o esforço despendido, imposto por algo oculto que não parecia ser deste mundo. Enfim, conseguiram puxar a tarrafa presa com um grande peso nas águas fundas.

— Valha-me Nossa Senhora dos Navegantes! É um bichão, Janunço! - gritava Teofloro, mãos nervosas, rosto agoniado, tremor no peito, enquanto rezava baixo Janunço, com os olhos assombrados. O bicho feio nas malhas da tarrafa dentro da canoa.

Remaram apressados, jogaram no rio todos os peixes que tinham pescado. Voltava a aparecer agora aquela música estranha do meio dos peixes que não paravam de pular. Vento da noite escorria uma canção que, em sua voz encantada, vinda das vagas do tempo, percorria muito antiga as águas puras e profundas.

Aquela noite não dormiu. No breu do quarto, olhos de insônia viam dentro da noite aquela coisa disforme que a tarrafa havia puxado. Bicho feio como aquele nunca tinha ouvido falar pela boca dos pescadores e moradores ribeirinhos mais velhos. Cabeça de boi sem chifre, focinho de jacaré, boca larga com dentes grandes e afiados, cruz-credo, afaste-se de mim, assombração medonha...

De manhãzinha, o pai chamou Teofloro.

— Tenho as pernas fracas, as mãos sem firmeza pra cavar a areia.

— Tenho notado isso, pai.

— A hora chegou pra você ficar no meu lugar.

— Isso tinha de acontecer um dia.

Inquieto:

— Começo hoje?

— Sim, é preciso entregar as cargas de areia encomendadas - observou o velho Marcelino, dizendo de si para si que tudo dele, o sustento durante anos, a casa abarracada, o criatório de porco e galinha, as vacas espalhadas nas ilhas do rio, vinha do seu trabalho de escavar areia do rio. Quem sabe se com o tempo o filho não teria mais sorte do que ele naquele trabalho de areeiro? Um dia não fosse dono de muitas casas nos bairros novos que vinham surgindo pelos arredores da cidade?

Areiros mais velhos ensinaram-lhe como retirar a areia dos trechos melhores do rio. A água na altura do peito, a pá entrando e saindo do rio, os gestos firmes no corpo jovem, rosto calado vendo o tempo passar sem pressa. No início ele entregava as cargas de areia encomendadas na semana. Meses depois, um menino, chamava-se Zé Piaba, bem arisco, pele clara, passou a entregá-las nas construções. Não tinha pai nem mãe aquele menino, dormia debaixo da ponte velha, vivia pegando peixe miúdo nos trechos rasos do rio. Pescadores e areiros gostavam muito daquele menino, tinha ele um jeito esperto de pegar camarão e peixe pequeno debaixo de pedras e nas locas.

Um ano passado em seu trabalho de retirar a areia do Velho Rio. Arranjou mulher para morar com ele, o pai e a irmã, Aparecida. Quase uma criança ainda a irmã fazia agora os serviços da casa com a morte da mãe. A mulher, Detinha, todos os dias levava o almoço nas duas latas de manteiga, enquanto os jumentos ficavam pastando nos beirames do rio. O verão sempre forte no céu azul com algumas nuvens como grandes camadas de algodão. O sol nas águas rasas iluminava pedrinhas lisas e redondas, os peixinhos ariscos, faiscava nos peraus um sem número de espelhos.

Aproximaram-se três areeiros, agudas suas vozes sem esconder o tom da revolta, o mais alto deu a notícia:

— O fiscal da Prefeitura informou que de agora em diante pra cada carga de areia os areeiros vão pagar imposto.

Raiva concentrada na goela, comida fazendo mal no estômago, rosto duro com os olhos de fogo.

Teoflora encarou os três areeiros.

— Vai todo mundo reunido mostrar agora ao Prefeito que ele nunca foi o dono do rio.

As pás nos ombros, os jumentos com as latas despencadas das cangalhas, no calçamentos a zoadeira chamava curiosos que chegavam nas janelas.

Em pé no banco do jardim, próximo ao prédio da Prefeitura, soltou a voz sem medo:

— Seu Prefeito, se o senhor não voltar atrás na ordem pra cobrar o imposto, não vai haver nesta cidade uma só pá que cave mais areia no rio.

Punho erguido:



— Sem areia tirada no rio, a cidade vai parar as construções.

Aagitada a multidão pequena formada pelos areeiros, os mais velhos davam vivas à falação de Teofloro, nas latas vazias batiam com pau e pedra. Veio até a janela o Prefeito, rosto receoso olhava a multidão inquieta, gente do povo e meninos vadios misturavam-se no meio dos areeiros. Vaia demorada dirigida ao Prefeito explodiu de repente. Assustado o Prefeito fechou a janela, não quis fazer comentário sobre aquela manifestação de revolta que durou pouco tempo. Os areeiros dispersaram-se, os jumentos com as latas despencadas das cangalhas, alguns deles pisando a grama do jardim. Dias depois o Prefeito suspendeu a ordem que havia dado para que fosse cobrado imposto em cada carga de areia tirada do rio. Os areeiros voltavam ao trabalho como se nada de anormal houvesse acontecido. Taca silvando o ar, tangiam os jumentos com as cargas de areia, um atrás do outro na direção das construções, nas ruas próximas e bairros distantes

Acordava mais cedo, o escuro da noite nos cômodos da casa abarracada, o pai no quarto ao lado ressonava com a boca aberta. A mulher dormia como um passarinho, o sono leve, mãos sempre naquele gesto tímido de cobrir os seios agora moles. O pai quase não enxergava, andava arrastando os pés, falava sozinho, espantava morcegos que assustados passavam no breu da noite.

Muitas cargas de areia teria que entregar na construção do Coronel Lajedão, um homem de voz grossa, risada demorada e alta, muito respeitado na cidade. Queria aquele homem corpulento construir com quatro andares

o prédio mais alto da cidade. Pensava então Teofloro que dessa vez ia ganhar muito dinheiro, certamente de fazer inveja aos outros areeiros, somadas aos sábados as cargas de areia entregues durante a semana. E, já antes de entregar a primeira carga, começava a viajar com aquele bolo de dinheiro que enchia os bolsos, só de imaginar quanto ganharia tinha alguns momentos de tonteira. De repente um calor forte fazia o coração bater depressa e querer sair pela boca. Em casa via o dinheiro amarrado com uma tira de borracha, deixando-o confuso, mãos de calo agora atrapalhadas na contagem das notas novinhas. Ao redor dele, espantados, sentados numa mesa grande, o pai, a mulher, a irmã e o menino Zé Piaba.

Na viagem que fazia com as notas novinhas, lá estava com ele o coronel Lajedão, que soltava risadas altas e demoradas. Aquele homem que tinha sempre os olhos atentos no movimento dos operários, entrando e saindo da construção como num pequeno formigueiro. Nas tardes frescas gostava de ficar no muro baixo do vizinho, as pernas despencadas balançando. Pela armação da primeira laje, ao ser enchida, engolindo muitos sacos de cimento e areia, seria aquele o maior e mais vistoso prédio da cidade. Coisona mesmo, quando estivesse pronta, pra qualquer pessoa olhar, admirar e se babar, gostava de observar o coronel Lajedão, olhando em fim de tarde para o alto e apontando o nariz vermelho para as nuvens. Muita gente na cidade sabia que o coronel não gostava de zelar das fazendas de cacau e gado. Tinha ele nas veias o sangue circulando como um vício danado para construir casas, sobrados e avenidas. Teofloro foi-se acostumando com as

maneiras daquele homem esbranquiçado, com umas placas vermelhas nos braços cabeludos, a cabeça grande no pescoço grosso. A boca larga mostrava dois dentes de ouro quando ele sorria, azuis os olhos no rosto gordo.

Ao desejar algo, a voz impositiva.

— Teofloro, preciso de uma moça pra trabalhar com minha mulher lá em casa.

— Falo com a mana Aparecida, é moça de confiança. Não entende de serviços caseiros finos, mas pega jeito logo com o tempo e a mulher do coronel vai se agradar dela.

Satisfeito passou a ficar Teofloro, vendo Aparecida sem mais aquelas roupas pobres, que não dão graça nem cor alegre a ninguém. Tinha agora a irmã Aparecida um jeito bonito de se enfeitar e vestir. Para o coronel Lajedão, em hora salvadora chegava Aparecida, ventos saudáveis prenunciavam dias com ardor, as carnes velhas da mulher já não lhe batiam os dentes, como nos primeiros anos de casado. O coronel passava a língua nos lábios babados, gabava a maneira formosa de Aparecida cuidar da casa, fazer a comida com tempero gostoso e não se queixar de nada. Mas não chegou a completar dois anos Aparecida na casa do coronel, teve de voltar para junto do pai e do irmão, dizendo que não aguentava mais tanto trabalho pesado. A mulher do coronel não ficava um minuto fora de casa, arranjava muito trabalho pra ela e fiscalizava todos seus movimentos na casa. Gostava de tudo limpo, o trabalho tinha que ser feito rápido. Esfregar o chão do banheiro, jogar cedinho o lixo fora, cozinhar com pouco sal e lavar com

um cuidado especial a roupa da casa. Todos os dias não lhe dava trégua, dormia cansada tarde da noite. Sem dizer uma palavra, pai e irmão tudo escutaram, silêncio fundo não escondia certa tristeza que vinha de uma dor forte. Dor que apertava dentro, mostrando suas sombras de rancor nos rostos cabisbaixos.

Aparecida evitou no início encontrar os olhos com os olhos dos de casa. Andava agora meio esquisita pelos cantos, as coxas inchavam, peito e barriga cresciam. Escondia os vômitos no quintal atrás do abacateiro. Os seios, antes dois limões duros, intumesciam, o ventre polpudo.

Apertou o cerco Teofloro.

— Quem foi?

— Pra que interessa saber, mano?

— Quem, burra?

— Ele.

— Quem mesmo, sem-vergonha?

— Ele, o coronel.

O soco atingiu o rosto e, com a violência como foi desferido, fez Aparecida cair no piso esburacado.

— Diga a verdade.

Mãos no rosto como se quisesse se esconder do mundo. — O coronel... O coronel...

Dentro do quarto irrompeu um choro convulso.

— Converso amanhã com ele.

Olhos sanguíneos, lábios mordidos, voz presa na garganta. Partiu sem os jumentos, a pá na mão direita. Sol quente faiscava nas pedras da rua sem calçamento.

Passarinhos no voo de uma flecha ligeira riscavam o espelho da manhã cheia de brilho.

O coronel Lajedão no muro do vizinho, pernas despencadas, o olhar fixo para alguns operários que entravam na construção. Encabulado com a chegada de Teofloro sem a carga de areia.

— O que aconteceu?

— É que Aparecida engravidou.

— E que tenho eu com isso?

— Ela diz que foi o coronel.

— Veja só isso, moça sem juízo fazendo vergonha nos becos e querendo botar a culpa da sujeira nas pessoas que só merecem respeito.

— Tive que dar uns murros nela para conseguir que falasse a verdade.

— Deixe de invenção, homem.

— Não tirou da boca o nome do coronel.

— Você quer complicar minha vida e da minha família com essa maluquice?

— Não quero nada disso. O coronel sabe que o filho que vem por aí precisa de algum amparo do pai.

— Se continuar com essas acusações mentirosas, pego o caso e agora mesmo vou entregar ao delegado.

— O coronel quer que o seu filho se crie no mundo sem a proteção do pai?

— Veja, homem, da cadela quem vai saber quem é o pai?

Olhar severo para dentro dos olhos de Teofloro. Saltou do muro, expressão de zanga nos olhos faiscantes. Buscou a entrada da construção, passos rápidos, no corpo pesado os ombros gingando. Mais ligeiro suspendeu Teofloro a pá, descendo com força nas costas e na cabeça.

Grito horrível ecoou na manhã.

— Não faz isto, filho da puta!

O terceiro golpe pegou no ouvido, o corpo rodou e caiu com a boca sangrando num monte de areia. Sem saber o que fazer o pessoal que trabalhava na construção, o corpo do coronel ainda estrebuchava, o sangue empapando a areia.

Não fugiu e, já calmo, nada escondeu ao delegado. Sabia de sã consciência que não foi coragem aquele fogo que lhe tomou a cabeça no instante de mais raiva. Não era homem para receber tamanha desfeita. O coronel sem querer assumir o filho, a irmã preta, como uma coisa repelente, largada no canto.

O delegado ordenou que ele fosse levado para a cadeia.

Coçando o queixo, o delegado disse que o cabo Pernambuco sabia o que melhor fazer em casos como aquele, até que fosse marcado o dia de seu julgamento.

Recordava-se de todo o trajeto. Muita gente surgiu na porta das lojas, armazéns, bares e barbearia. Meninos inquietos gritavam num coro de vozes agressivas. ASSASSINO! ASSASSINO! Um braço foi amarrado nas costas, a mão segurava as calças rasgadas sem o cinturão. A cabeça havia sido raspada, o peito nu, passos inseguros. Como uma coisa vil e repelente, foi jogado dentro da cela. Os socos pegaram nos olhos e nos ouvidos, que ficaram zunindo, a cara no cimento. Os pontapés do cabo Pernambuco faziam o mundo, em suas camadas de opressão, ficar sem uma réstia de luz dentro dele. “Chibatada neste cão nojento, que é o que ele merece”, ordenara com raiva o cabo Pernambuco ao soldado.

Escutaria quantas vezes aquela ordem? Não sabia ele até quando poderia suportar dias e noites que passavam num curso invariável, de dor, solidão e abandono. O mundo há muito tempo desabara sobre ele, e ninguém podia fazer nada.

Os ossos como se fossem quebrar o corpo, com o esforço feito para ficar sentado. Dói na palma dos pés, molhado de suor, o corpo todo treme. Urina no colchão velho ativa o cheiro de mofo. A cela imersa na escuridão da noite. Vindo dos barrancos do Velho Rio, chega um vento com cheiro de margaridas silvestres. Talvez esse vento, em seu sopro vagaroso, tente suavizar uma dor de solidão e uma dor que, acompanhada de uma tosse seca, se alojou no peito. O fim está chegando, queria ver o rio, beber um pouco de sua água. Mergulhar nos pe-  
raus, nadar nos remansos, pescar com rede ou tarrafa em noite de lua clara. Quase não ouvindo dentro dele os fios de sua voz, o coração quer pulsar na sensação daquelas águas que com ele manteve uma relação amiga. No início com uma atmosfera que dava ao menino surpresas, depois com a pá e a areia aderindo nele como uma coisa só, que se repetia cedo, todos os dias, em vários trechos do rio. No tempo que se apresentava generoso, de onde retirava o seu sustento e os daqueles que dele dependiam, da mesma maneira que havia acontecido com o pai, em sua vida de areeiro.

Morto parece o rio, não escuta os lamentos do Velho Teofloro, que, numa ilha perdida na noite fria, clama vingança àquelas águas paradas. Ganhassem força então as águas, invadissem a cidade, as correntezas enfurecidas

levassem as casas, sobrados e avenidas do coronel Lajedão. Indômitas não deixassem alvenaria, pilastra, viga, parede, laje, telhado, um só tijolo em pé. Varressem pedra sobre pedra. Não deixassem neste mundo qualquer lembrança da passagem do coronel Lajedão com o seu coração cheio de egoísmo, ambição e poder. Pede o Velho Teofloro que o Velho Rio com a sua fúria inconcebível tudo destrua.

Respiração cansada, olhos boiando nas trevas.

Uma teia de aranha que se solta da cumeeira velha cai na boca. Lábios com sede deixam de gemer neste instante. Dentro da noite escura, longínquos os ruídos que chegam aos poucos, perfurando as paredes da cadeia centenária. Vêm do rugir das águas os ruídos, de algo volumoso que derruba casas, sobrados e avenidas. Vêm de construções que se desmoronam, de pedras que rolam, árvores e plantas aquáticas, que são arrastadas por um bicho espumando por todos os lados, arrebrandando por onde passa tudo que está em sua frente. Ouvidos, que quase não escutam, tentam captar gritos de gente alarmada, de pessoas que sem saber o que fazer procuram escapar da cidade alagada, na tentativa inútil de não serem alcançadas pelas águas.

Em sua ilha, no meio da noite sem estrelas, o Velho Teofloro escuta o barulho das águas que avançam impiedosas. Agora mesmo estão subindo a ladeira e, no ímpeto incontrolável, começam a entrar na praça deserta. Em poucos minutos, estarão subindo os degraus da cadeia velha, onde na parte de cima alcançarão os aposentos do cabo Pernambuco e do soldado. Alagarão o pequeno



pátio e as celas sujas. Derrubarão, enfim, a cadeia velha, último reduto da cidade que vai ficar submersa para sempre, sem qualquer sinal de seus habitantes.

Dentro da noite sem ruído, um corpo cai. Da boca do Velho Teofloro escorrem filetes de sangue no cimento frio. Um corpo na queda só pele e osso, que já não conseguia ficar em pé, mudo agora, quieto, sem dor.

Lá embaixo, o Velho Rio permanece no sono de bicho pesado, com suas águas cobertas de uma névoa que esvoaça lenta. Nenhuma estrela vidrilha na superfície, certo ar triste circula na noite úmida, tudo é silêncio e frio. Assim permanece o Velho Rio, solitário e pesado em seu sono muito antigo, de águas que recebem a madrugada em tons roxos puxada pela cauda. Na manhã que vem sem voz. Nesse dia em que as pás vão ficar encostadas no canto como sombras, ao lado das latas vazias.

# *Infância com bicho e pesadelo*



**C**irculam nas ruas lâminas de calor, do azul do céu descai um dia claro, homens transitam na rua esburacada com os rostos banhados pelos raios fortes do sol. Alguns apressam os passos quando passam perto do sobrado, o matagal crescendo em volta das paredes deterioradas. A moradia em ruína ainda sustenta certo ar solene que logo sugere um tempo de imponência e mando. Gente velha não gosta mesmo de passar naquela rua, exatamente no trecho onde o sobrado está com as paredes cobertas de poeira, madeira apodrecida que não se sabe como sustenta telhado e forro, bastante enegrecida nas janelas e portas. Ali, dizem os moradores antigos da

cidade, almas condenadas fizeram a sua morada, a noite é sempre feita de assombração e medo, voos assustados de asas que passam entre vozes carregadas de lamento e choro convulso. Cruz-credo, é morada do demo, ares bafejados com o hálito venenoso do inferno! Há comentários cheios de temor, aflição de quem no íntimo roga a proteção dos seus santos preferidos.

No fim da rua, próximo a um rio de curso sonolento, o sobrado é somente mistério: ferrugem nas fechaduras e trincos, casa grande de cupim na cumeeira, teias de aranha caindo do teto, paredes rachadas em cujas gretas fazem o ninho passarinhos e lagartixas. Quando a tarde se faz noite, a cidade recolhida no sono justo dos moradores, após outro dia de trabalho, véus de nuvem se esgarçam numa atmosfera tenebrosa, passam a envolver, pouco a pouco, todos os cantos do sobrado. Neblina mortífera começa a sair do chão, cobre de um manto frio os quatro cantos do quintal, onde antes flores bem cuidadas estavam nos canteiros, havia então um mundo repleto de ternura, dias radiantes de beleza, manhãs alegres, tardes de sonho.

Lá dentro o homem tido como crendeiho nas artes do além, (em menino houve o nome de Mundinho), pena agora numa voz gemida que se prolonga na noite solitária. Há sussurros e gemidos que chamam carinhosamente por um gato. O tempo põe-se ruminante, horas entre ruídos e guinchos escoam vagarosas, sons confusos como se viessem de outro mundo. O homem, olhos cavados, barba e cabelos grandes, dentes verdosos, corta a carne para o gato, a tigela com leite a seu lado. A noite

arrasta-se em passos de cobra, lenta, pegajosa e, enquanto vão caindo sombras fugidias como fantasmas conhecidos, vagarosas lembranças do homem emanam de objetos empoeirados, lugares antigos, íntimos, agora deteriorados, envoltos de extrema solidão em sua linguagem fria e imóvel. Pendurado na parede o relógio ainda exhibe aquele ar grave, tom solene que vem daquela época em que se constituía num objeto raro, cobiçado, muito estimado pelos falecidos.

Na espreguiçadeira, aqueles gestos frouxos do pai, moscas iam e vinham sobre umas faces gordas, desligado de tudo, as pernas estiradas numa posição que acomodava o corpo. Nos dias de verão, mormaço e silêncio resvalando nas coisas, o pai recolhia-se no sono ferrado. A memória desprendia-se deste mundo, caminhava por outras léguas, onde a estrada subia serras e estendia-se por baixadas, na terra que tinha a fama de ser boa para o plantio de qualquer lavoura. Era um costume antigo descansar depois do almoço, a boca soltando a respiração abafada, camisa aberta no peito cabeludo molhado de suor. Na barriga gorda, o cinturão largo feito de couro de zebu, o retrato do avô no fivelão branco, o pai sempre a se lembrar dele como um homem que tinha uma memória invejável, sabendo na vida separar das flores os espinhos. Mãos peludas, ombros grandes, o pai tinha a fisionomia avantajada, olhos graúdos que mais se esbugalhavam nos momentos de zanga. Na sala de jantar, fixa o homem os olhos na cadeira de rodas onde a mãe ficava sentada manhãs e tardes: peitos magros, cabelos sem brilho, rosto triste acentuando sombras de derrota, de alguém amargurado

que foi largado num canto, sob o cerco da doença indecifrável, que foi se alojando aos poucos por todas as partes do corpo. Doença cruel aquela, nunca pôde ser descoberta, começou tomando as forças de umas pernas ágeis na máquina de costura para depois roubar em definitivo toda a alegria de uns gestos bondosos, caseiros, abnegados, cotidianos. Certa vez o pai contara ao filho que o casamento com a mãe se deu nos lonjais do sertão, onde notícia de gente só se tinha com o chamado do búzio, de tão longe eram as distâncias, a terra seca a se perder por muitas léguas de sol quente. Saíram do mato em lombo de burro, pouco se importaram com os cangaceiros em andanças na região, buscaram o padre na Vila dos Bugres, a de menor proximidade. Dez léguas de sol quente foram caminhadas na inclemência da caatinga, a terra rachada, o ar de forno, o céu de fósforo, como se tudo estivesse se queimando em torno.

Aquele olhar sombrio no rosto parado, a barra da saia tocando o chão, da cadeira de rodas a mãe gostava de observar o filho, o menino a se enrolar no assoalho com o gato. Fazia gestos esquisitos, imitava tudo quanto era espécie de miado e se levantava em algazarra, trazendo o bichano nos braços. Brincavam de esconde-esconde o menino e o bicho por todos os cantos do sobrado, metiam-se no forro dos quartos de cima, cansados retornavam à sala de jantar. Com o rabo esticado, o bichano espetava o ar, aproximava-se besourando, passos macios como se estivessem pisando em algodão. Mundinho, meu filho, você não sabe que seu pai não tolera bicho? Anda, menino, passa a brincar no quintal, ordenava a mãe. Meio

chateado, respondia ele: Ora, o bichinho não faz mal a uma mosca quanto mais à gente grande. E continuavam em alegres brincadeiras, de quando em vez o bichano aproximava-se com o focinho nervoso, língua vermelhinha agradando a cabeça do dono. Irritado, o pai acordava na espreguiçadeira, vendo aquelas cenas que não eram de seu agrado, arrepiados os cabelos do corpo todo, do peito forte aquele estremecer de voz: Eu já falei que não quero porqueira de bicho nesta casa! Boca cheia de reclamações, a dilacerar a quietude do sobrado, fogo de ventos ásperos pulando por janelas e saindo porta afora, arrebrandando-se nas paredes do vizinho. O menino disparava para o quintal, passos aflitos buscavam o esconderijo na dormida das galinhas poedeiras, o galinheiro grande havia sido construído num dos cantos do quintal que servia até pouco tempo para depósito de ferramentas. E mãos pequenas e magras aconchegavam Sarampelo, o gato com os olhos quietos, como se soubesse que a afeição do menino por ele era sinal de que estava protegido contra a investida de ventos perigosos, sanha de temporais reeditados contra paredes, vidros, portas, forro, móveis, assoalho e cômodos.

Recolhia-se nos cantos preferidos do sobrado. E por onde andasse, cuidadoso, concentrado, pressentia sempre aquele faro agudo do pai, rastejando-o com os olhos graúdos, as mãos apalpando, os passos de cão ladino medindo os mais leves movimentos do filho. O sobrado surgia então com suas portas gigantescas, paredes enormes soterrando

sonhos ingênuos, tão frágeis como flores que são arrumadas no jarro por mãos zelosas, mas cujas pétalas vão caindo com a passagem do vento forte. Sua imaginação dava saltos, ficava horas a sonhar com os bichos caseiros, únicos companheiros que poderiam com a sua presença festiva encher as estações de azuis e verdes, num canto de amor, fantasia e brincadeira. Quando se via preso da zanga do pai, nos momentos de maior aflição, naquela paisagem forjada na guerra declarada, mandava escapulida pro telhado. Ali ficava observando os urubus em voo, as nuvens no céu azul como colchas de algodão, em círculo aqueles pequenos pontos negros, asas luzidias rodando na imensidão daquele espaço límpido. O vento farfalhava na mangueira, os pombos saindo e entrando nos ninhos, o pombal do vizinho sempre com arrulhos e alvoroço. Olhos longínquos retornavam aos urubus em voo, até quando ia sentindo o corpo amofinar com a monotonia daquela distração tola. Dia infeliz via o coração se esvaizar como o balão que se apagou no alto, lentamente veio caindo batido pela derrota da descida, rasgando-se com as lufadas do vento até quando na terra passou a ser nada mais do que cinzas, sem qualquer presteza para flutuar na imensidão do firmamento. Sombrias sensações emergiam de uma zona onde desejos estavam inermes, sufocados numa faixa de tristeza, outra vez se via cheio de inveja pelos filhos do vizinho. Todos eles possuíam bichos caseiros, tratados com muito zelo, nome de gente, afeto. Jaiminho, o mais velho da trinca, era só alegria com os tatus trazidos da fazenda Santa Clara. Os bichinhos haviam sido presenteados pelo capataz, orgulhoso ele dizia.

E, não contentes com aquela grande gabolice, cheios de superioridade iam se acercando dele e imediatamente se exibindo:

“Veja, Mundinho, nem precisava o quintal ter muro”.

“Por quê?”

“Os bichos fizeram a toca na despensa dos fundos, lá no meio do carvão”.

“Será que eles não fogem?”

“Nada, já tomaram amizade com os de casa”.

“Um dia podem buscar o caminho do mato e se enfiam por debaixo do chão”.

“Nem faz um tico de medo”.

“Se fossem meus, botava mais atenção”.

“Na hora do almoço, os bichinhos já sobem a escada do quintal e se mandam pra cozinha. Ficam arranhando as unhas no cimento e dali só saem com a barriga cheia. Depois passam o tempo todo dormindo no meio do carvão”.

“Muita gente diz que esse bicho fica de dia dormindo e de noite anda à cata de defunto”.

“Não acredito nessas besteiras, os meus gostam muito é das lavagens e dos bolinhos de feijão”.

Nem implorava bicho-do-mato, tatu então nunca foi de despertar seus pensamentos, buracos e marcas de focinho por tudo quanto fosse canto do quintal. A mãe não iria se conformar com a desordem que os bichos iriam fazer no canteiro das flores e o pai quando visse os buracos nos cômodos do sobrado. Já vi mesmo, seu pestinho, que você não toma juízo! Até bicho que come



defunto traz pra dentro de casa e causa esse inferno de consumição! E a resposta seria como das outras vezes, lágrima brilhando cílios, queixo quebrando soluços, tanta humilhação envolvendo doces sonhos. Cenas que se repetiriam quantos bichos tivesse. Melhor seria então se conformar com bicho caseiro, que desde quando nasce vai se acostumando logo com as maneiras de gente adulta e de menino.

E as semanas escoavam-se sob manhãs e tardes de verão, os filhos do vizinho humilhando-o a todo instante, estufados de orgulho, cada qual com o seu bicho de estimação: gato, papagaio, cachorro, galo de briga, tatu, porco, pombo. Jaquinho, o menor dos três, era agora o dono da rua, o único que tramava e chefiava as brincadeiras com a turma, graças a um cachorro enorme que ganhara do tio como presente de aniversário. O mais novo deles todos era agora o mandão da rua, fazendo e desfazendo tudo conforme os ventos de sua vontade. Ocasão tinha que ele ficava camuflado atrás do barraco, o cachorrão ao lado. Espreitava, quieto, a chegada do velho Messias ao cair da tarde, o saco de papel e coisas insignificantes no ombro, encurvado, nos passos lerdos. Aquela mangação de repente misturada com fortes latidos que entravam nos ouvidos do velho como facas afiadas, pernas magras cambaleando, urina escorrendo das calças.

“Larga o saco, come-papel!”

“Larga! Larga! Larga!”

Insistia Jaquinho aos gritos, o cachorrão querendo voar na garganta do velho, risos seguidos dos amigos demonstravam completa aprovação àquela judiaria, todos

atijando lenha no fogo da brincadeira. Dedos trêmulos afrouxavam o saco, apressado o velho desviava-se dos meninos e, nos passos de temor, protegia-se dentro do barraco, olhos arregalados, rosto branco de medo. O saco era chutado por mil pés, papéis de jornal e de embrulho subiam e desciam espalhados para encher a rua, valetas, passeios; numa festa de cores, notícias, sorrisos, sobressalto, gritos; algazarra antecedida de ânsia, trama, segredo. O velho, alocado no barraco, dentes trincados, de sua boca trêmula pragas fogueadas e medonhentas. Pra que tanta judiação? Um bicho só deve servir de companheiro quando ensinado para as brincadeiras sem maldade. E mesmo que assim pensasse o pai jamais daria aprovação a seus intentos e sonhos: sempre naquela proibição enfiada. Primeiro aconteceu com o periquito que havia sido agarrado numa visgueira no pé de jenipapo. O bichinho nem sequer permanecera dois dias no sobrado. De repente teve sumiço como se tomasse encantamento em mãos de mágico de circo. Não houve lugar no sobrado nem na vizinhança em que ele não fosse procurado. Chegara em cima da cangalha do burro o periquitinho, o animal veio sendo tocado pelo capataz da fazenda do pai, nos caçuás a carga de bananas balançando. Eu trouxe pra você, disse o capataz, em seguida retirou alguns cachos de banana, colocou-os num saco de lona e buscou os depósitos no fundo do quintal. E nervosinhos, vívidos, olhinhos de coelho faiscaram, alegrinhos espíaram todos os movimentos do periquito. Um corpinho verde agarrava-se às frinchas dos caçuás, futucava os cachos de banana, bico buliçoso a escarafunchar a cangalha do burro. Já faz mais de mês,

já está mansinho, observara o capataz ao sair tocando o burro, ia vender a carga de bananas na feira velha atrás da estação. O periquito foi subindo em seu pescoço como se estivesse escalando uma ladeirinha. E lá em cima começou a soltar gritinhos estridentes, lá em cima beliscou-lhe o couro cabeludo. Com olhos avermelhados ficou o pai, os lábios resmungaram cheios de repulsa, dentes rasgaram-se na boca descontrolada: Não vai ficar uma só peça da mobília nova! Esse bicho vai esburacar tudo! Sapato, madeira, pano, cabide, fruta, piano. Lufadas de medo percorreram um corpo frágil, onde o coração, sob o choque de um sinal perigoso, ficou o resto do dia e a noite toda a bater num ritmo descompassado.

Não dormira direito àquele dia, acordara tonto de sono, fora logo, sem sequer escovar os dentes, à procura do periquito. Encontrou na cozinha a gaiola vazia, jogada no chão. Nos olhos sinal de alarme, no corpo o sangue quase sem vida circulava. À hora de tomar café mostrou-se de cara zangada, boca remoendo a ausência do periquito com fortes doses de mágoa. Não quis triscar na refeição, propositara a si mesmo castigar-se. O dia inteiro passou entocado no pé de carambola, mais uma vez ia ter de enfrentar a mangação dos amigos, escabriado, sem esperança de algum dia possuir seu bicho de estimação. Buscava agora suportar a barriga com fome, a cabeça vazia flutuando sem graça num território imenso de desânimo. Então procurou despistar dores agudas surgindo peito adentro, passou a olhar desalentado os pombos do vizinho, cujos voos na direção da vida em festa buscavam sempre o outro lado da cidade. Flores ressuscitavam no jardim, rosas balançavam formosas, por todos os

cantos do quintal o sol desfiava claridade. Naquele recanto que era o lugar do sobrado que a mãe mais gostava, tal o desvelo com que flores eram plantadas e tratadas, tamanha a atmosfera pacífica que a ela retornava como uma resposta suave, dadivosa, inesgotável. Foi quando da janela do banheiro um chamado irrompeu insistente para despertá-lo daqueles ares tristes. Cara gorda da lavadeira abria os dentes alvos: Venha cá, meu filho, trouxe uma coisa boa pra você. O que seria realmente que aquela cara bexiguenta estava trazendo? Uma luzinha de esperança bruxoleou dentro do peito, aos poucos cresceu entre sombras de um coração naquele instante mofino, foi afastando aquela vontade forte que teimava em lhe empurrar do pé de carambola. Jururu, enfezadinho, pernas cambotas, aproximou-se com os olhos meio fechados até quando mais próximo foi abrindo-os devagarzinho, perscrutando com espanto algo que se mexia dentro da pequena trouxa. A lavadeira colocou a pequena trouxa feita de panos velhos no assento da espreguiçadeira. Aberta a trouxa, como num toque de mágica, um focinho tímido logo farejou o ar, quatro pernas meio bambas se firmaram e um rabinho ágil se mexeu, de um lado para outro. Uma mancha de urina foi deixada na espreguiçadeira, um salto afoito esparramou-se no assoalho. A princípio, os latidos pareciam de alguém desconfiado, receoso, de quem sabe que irá pisar em território desconhecido, depois os passos foram ganhando confiança, um corre-corre divertido acabou em festa pelos cantos do sobrado.

“É meu!”

Da sala de visitas apareceu o pai, sonso, calmo, metuculoso e brando.

“Não é pé-duro de todo. Vai se chamar Barão”.

Contente com a observação do pai, olhos fulgurantes tremeluziram sobre o corpo de Barão: pelo bonito, fauces possantes, faro sem igual. Embalou corrida porta afora, quase se bateu no portão, cabelos revoltos ao vento, a todo fôlego ia chamando os companheiros. Humildes foram se acercando, surpresos cada um deles foi dando uma opinião, inconformados ficaram perguntando. Barão nunca tinha passado por tão rigorosa vistoria.

“Como é o nome dele?”

“Pai botou Barão”.

“Tem quanto tempo de nascido?”

“Dois meses”.

“Quantos quilos?”

“Uns dois”.

“Deixe ele crescer”.

“Pra quê?”

“Vamos armar briga com o de lá de casa”.

“Não tenho um tiquinho de medo”.

“Aí a gente vai ver se esse pulguento é barão ou bobão”.

“Pai falou que Barão tem boa raça e é dos tais que não teme cara feia de ladrão”.

“É, se vê logo pela cara: bom na carne e bom no prato de feijão”.

Todos deram então aquele riso arreliado, que repercutiu nos ouvidos num tom desagradável, o medo foi trazendo camadas perigosas, revelando as intenções reais do pai. Se for preciso, Barão dorme comigo amarrado ao pé da cama, foi dizendo de si para si, na medida em que se

afastava dos amigos, peito enzado na vontade enorme para defender seu bichinho de estimação.

Os dias levaram as semanas e os meses. Mansas eram as noites de Mundinho. Belos sonhos levavam-no em aventuras felizes com Barão. A temporada das férias chegara com dias de calor no verão forte, céu sempre naquele azulão claro, nuvens grandes vagavam como lençóis e grandes flocos de algodão.

O pai dera a ordem:

“Vai passar as férias na fazenda do padrinho. Tomar o ar puro do campo praguejar o batido das aulas no próximo ano”. E de maneira sizada: “Com esse corpinho, se não tomar cuidado com a saúde, vai engatinhar o tempo todo na cartilha”.

Partira com bastante queixais, tristonho, resmungando porque saía da companhia de Barão. Durante a viagem, silêncio carrancudo apertava-lhe o corpinho, sacolejando em cima do burro, sentimentos esmorecidos, de maneira impiedosa envolvidos por aqueles tremores no coração. Viajava alheio à cantoria dos pássaros nas árvores, trinando e saltitando nos galhos. Os passos firmes do burro, patas marcando a terra empretecida, pareciam com as batidas abafadas no coração. A memória gravava com imagens claras sonhos que se desmanchavam rápidos como castelos de areia entre os dez dedos das mãos. Dias depois uma paisagem que apresentava cores novas incumbia-se de diminuir as saudades de casa, brincadeiras afoitas com Barão, jogo de bola com os amigos nos campinhos de futebol

improvisados nos terrenos baldios, aventuras nos passeios com pião, caçadas com estilingue na ilha no meio do rio, nos quintais frutíferos espalhados na cidade.

Compenetrado saía para as caçadas com o filho do padrinho, carregava o bernal de aviamentos, durante horas ficavam esquecidos do mundo lá no mato. As mais bestas caçadas eram as de ouriço-cacheiro, para as quais nem precisava usar bala de estilingue ou tiro de chumbo: o podão derrubava o bicho todo espinhado lá em cima no galho. Lá se vinha zuinchando, corpo cheio de espinhos arranhando-se na descida, em baixo a se mexer em guincho e sangue. De manhãzinha, corpo nu com o sexo murcho de frio, tomar banho no ribeirão. Das águas pretas e geladas uma neblina forte esgarçava-se, às vezes aparecia como véus de noiva, toalhas úmidas e aladas. A água tinha um gosto salobre, dizendo o filho do padrinho que aquilo era muito bom para a engorda do gado, fazer crescer a fome em qualquer barriga, o corpo ficar disposto e forte. O que facilmente era comprovado à hora do café. Olhos deslumbrados, boca esperta, rosto aguçado: à mesa de jacarandá a fartura banhando-se nos pratos, carne de sol, requeijão, no leite fresco pedaços de jerimum inchados.

À noite sentava-se na varanda junto ao padrinho. A fisionomia concentrada, ouvidos abertos para uma voz grossa a trazer um mundo distante onde homens galopavam sob ventos perigosos, sol de fogo, dias e noites de sanha. Ritmos e pausas naquela voz grossa faziam-se necessários para a descrição demorada da luta dos homens na conquista da terra, numa zona de cobiça e morte. O padrinho a trazer do passado a tocaia nas curvas da estrada,

rastro de bala nas demandas. No corpo estirado, fixavam-se olhos de espanto e raiva, naquele mundo destemido, ligado à terra que acenava com fartura e fama. Os homens no alpendre, calados, silêncio severo neles revelava enorme respeito por aqueles narrados do padrinho. Àquela hora era comum surgir um velho de cabelos ruivos, puxando a trilha de cães. A lua brilhava nos aleijões da serra, derramava prata na escuridão da mata. O velho barbirruivo dava a saudação, adiante tomava o caminho da mata, à frente cães agoniados e ariscos. Lá se ia com a capanga a tiracolo, a espingarda na mão, candeeiro para alumiar os passos nos trechos mais escuros. Metia-se no corpo da selva o velho caçador com uma barba feito ninho de passarinho, passos que bem conheciam ruídos e odores. Longe a luzinha do candeeiro a se mexer na escuridão da serra, sob o manto compacto de escuridão feito de árvores altas.

“Ele não tem medo de cobra?”

“Tem o corpo fechado com reza, conhece a selva pelo cheiro dos bichos e do mato”.

“Quanto tempo ele demora lá dentro?”

“Ocasão tem que demora dias, isso quando a caça é escassa, os cães ficam que nem demônios assanhados quando conseguem tirar algum bicho da toca”.

Os homens ficavam sorrindo com a curiosidade dele. O padrinho pacientemente explicava.

De retorno das férias, rosto tostado pelo sol, nem sequer pedira a bênção materna: pernas sôfregas correram para o fundo do quintal. Encontrou a casa de Barão sem qualquer sinal de vida, largada no abandono com sujeira de galinha.



“Mãe, em que lugar se meteu Barão?”

“Ficou grande depressa e seu pai mandou ele pra tomar conta da casa-sede da fazenda”.

Perdera o periquito sem que até hoje tivesse achado qualquer explicação, agora era a vez de Barão, vida ruim a roubar seus melhores sonhos, ele nunca conseguia possuir um bichinho de estimação. Sonhos eram desejos ávidos que se desmanchavam sempre em armadilhas tiranas de mãos incansáveis e ocultas. Que importância teria Barão agora com aquela incumbência que o pai dera pra vigiar a casa-sede da fazenda? Isso para ele nada significava, pois um bicho só é mesmo do dono quando ambos andam juntos por todos os cantos, todos os dias, convivendo livres cada aventura com as suas descobertas esplêndidas. Só lhe restava agora que a promessa do velho Messias fosse cumprida. Botando as mãos para o céu, fazendo o sinal da cruz, o velho lhe dera promessa num bichano, contanto que ele conseguisse em definitivo desviar os amigos daquelas brincadeiras perigosas. Da última vez, por sinal, a turma quase que incendiava o barraco, queimando o velho lá dentro que gritava e praguejava feito um doido, não fosse a prestimosa ajuda de Mundinho, que apareceu com muita água nas latas trazidas por alguns vizinhos.

Intranquilo, dia após dia ficava rondando o barraco do velho Messias. Era aquela a primeira parição da gata. Momentos havia em que ele chegava a perder a fome, noites foram passando em seus espaços invisíveis de ânsia, prazer e esperança, no rosto, que, enfim, adormecia, sonhando certamente com a chegada alegre do bichano.

“A gata já pariu?” – o rosto tenso.

“Não, por essa lua cheia”, respondia o velho entre paciente e bondoso.

A mãe reclamava:

“Que coisa esquisita, menino! Quando vai se lembrar da hora de comer? E dos estudos? Já cuidou das lições? E dos exercícios de matemática?” — Ponderando, lembrava. “O tempo passa rápido e logo chegam as provas finais de dezembro”.

Para a primeira parição a barriga fora farta: seis remelentos sedentos e famintos disputavam as tetas da gata. Escolhera um estriado de amarelo, mais chegando para ruivo, parecendo ser o menor e o mais repellido pelos outros.

Quando os olhinhos abriram-se como duas contas azuis, logo trouxera o filhote para a dormida feita no forro de um dos quartos de cima. Um bom-dia rancoroso descarregara gravíssimas observações. Se não sonhei com alma do outro mundo, escutei miados a noite inteira no sótão. Quem sabe se a gata do vizinho não foi parir naqueles cantos? Palavras inquisitivas do pai, na verdade o alvo procurado era o filho sentado num dos cantos da mesa, fisionomia tranquila, mas o corpo suando na cadeira, aquela sensação de frio que não passava um minuto, dando-lhe agonia no estômago e tontura na cabeça.

Dois dias, duas noites, o bichano escondido no fundo do sótão, a noite inteira choramiava a falta de calor da gata. Entre apalpando e receoso não demorou então a sair do esconderijo. Veio farejando a escuridão, pegou teias de aranha no focinho, do buraco no forro lançou-se num voo impetuoso. O salto acolhido na cama coberta de um lençol branco. Ali rolou de um lado para o outro,

levantou-se, espreguiçou-se, mordeu o travesseiro, arranhou o colchão, em seguida pulou para o assoalho. Soltou um miado demorado como que degustando naquele chão até então desconhecido os primeiros passos em seus novos domínios. Caminhou até a porta do quarto, passou pelo corredor e seguiu na direção da escada: saiu rolando nos primeiros degraus. Apareceu na sala de jantar, andou timidamente e logo recuou, as patinhas sempre apalpan-do, qualquer ruído que lhe soasse estranho corria logo para debaixo dos móveis. Permaneceu quieto algum tempo embaixo da cristaleira, esconderijo oportuno que lhe surgia salvador e impenetrável. Até que resolveu sair ao largo, para enfrentar momentos difíceis de inimigos em lances imprevisíveis e temerários. Capetou embaixo dos móveis, puxou as pontas das toalhas, tirou cabriolas junto das pernas da espreguiçadeira, apanhou uma aranha que subia célere numa das pernas da mesa. Farejou a porta da cozinha onde o cheiro de carne fresca ressumava: miados contínuos, bafejando as pernas da empregada, eram agora sinal forte da fome.

“Espera, desgraçado, seu dia há de chegar!” – olhos fuzilados de zanga, agora era a vez de um gato trazido para o sobrado, esse menino não obedecia as ordens do pai, nunca desistia da mania de ter um bicho de estimação.

Na dormida das galinhas, permaneciam quietos o menino e o gato, as aves mostravam-se assustadas com a presença daqueles dois intrusos. Raios rotos despren-diam-se do rosto do menino e se reacendiam no brilho

emanado dos olhos do gato, nas verdes pupilas como dois pequenos faróis.

Sarampelo já era um gato feito, tinha certo ar melancólico quando caminhava, pelo entre amarelo-ruivo e estrias brancas, listra nitidamente alva ao redor do pescoço formava aquele colarinho engraçado. Dado por demais aos agrados do dono, brincadeiras agradáveis, caçadas impulsivas, até de noite ficava modorrando dentro do sobrado. Pouco se importava com a liberdade selvagem das altas madrugadas, de noites enlustradas escorridas em hino febril, onde a disputa da fêmea vinha em duelo feroz com os outros machos. Um de seus deleites prediletos consistia em quentar sol no tempo aberto em jatos de luz. Nos dias chuvosos ficava debaixo da cama do dono, recato reduto de quem preguiçava no sono, alheio a trovões e relâmpagos que irrompiam lá fora no céu negro. Estranho aquele gato, pensava a mãe, tinha um brilho diferente nos olhos, uma maneira esquisita de ficar olhando, imóvel, os olhos das pessoas de casa, só fazia modorrar em dias de inverno e verão. Sonso, dócil, ares de mago do bigode ao rabo quando estava com o dono. Caçava com o menino calango no quintal, borboleta, grilo, aranha, barata, pombo. O menino sempre a se aproximar alegre para junto do gato, a catar pulgas num corpo preguiçoso, a afastar moscas que teimavam em pousar num focinho ronronando. E de vez em quando, ante o agrado daquelas mãos macias, o bichano a soltar um miado longo, num tom desleixado que respondia a ondas de afagos. O menino então dizia a Sarampelo que não temesse a zanga do pai, sempre ele como um soldado

fiel estaria à sua guarda, atento, corajoso. Entre eles, o menino cada vez mais afetuoso e o gato bem sonso, havia sempre conversa escorrida no tom manso, nascida em razão de aventuras por trilhas cheia de emoções, gritos de vitória e miados até certo ponto fantásticos.

Lá dentro a descansar na espreguiçadeira, como sempre era costume fazer depois do almoço, principalmente quando uma situação difícil aparecia diante dele, o pai nos redemunhos da zanga. Embora acomodado, a razão sob calor intenso em conflito com a alma. Pensamentos nunca sabiam o motivo da agarrção do filho com bicho que se criava em casa. E não adiantava reclamar, falar alto bem dentro dos ouvidos nem tampouco dar sumiço aos bichos. Quando desaparecia um, não era que o filho arranjava sempre um jeito e aparecia com outro? Agora mesmo, veja bem, é o peste de um bichano. E a mulher, cuja vida passou depois da doença a ser somente padecimento e lamúria, bem que podia ajudá-lo a sair daquela situação infame. Naquele assunto era ela quem mais se fazia de desentendida, parecia até satisfeita com toda aquela aporrinhção trazida pela amizade horrível do menino com os bichos. Certa vez, recorda ele muito bem, ela tinha dito que ele não devia se preocupar tanto com o menino, afinal os sentimentos das pessoas se revelam logo cedo. Espinho quando fura já nasce com a ponta furando, e, antes que o mal cresça, é preciso que se corte a cabeça, embora no caso do menino ela não via nada demais daquele apego com os bichos. Pelo contrário, desde cedo o menino dava mostra de sua boa índole

com sobras. Do gato, sim, alguma coisa escondida que não sabia o que era ficava rodando dentro dela, passando por aqui e ali, subia até a cabeça e flutuava alguns momentos sob ares de desconfiança e estranheza. Ela, por mais que tentasse encontrar uma explicação para suas desconfianças, nunca conseguiu saber do que se tratava. O marido não contasse com ela para afastar o apego do filho com os bichos, teria então de suportar na própria pele o peso de toda aquela situação incômoda. Inconformado com as maneiras da mãe dando apoio ao filho no apego com os bichos, fatalmente só poderia concluir que mulher veio ao mundo para fiar, parir, chorar, e, no seu caso pessoal, que enxergasse e remoesse ainda mais: mulher doente, a infelicidade para sempre. Ele nunca foi de possuir qualquer amor pelos bichos, isso era uma situação bem conhecida, os de casa nem era bom falar, que os do mato até que alguns tinham lá sua utilidade na panela. Gato, cachorro, periquito, papagaio, pombo, tudo isso uma bicharada imunda que só podia trazer pra dentro de casa peste braba, atraso e outros males. Sarampelo então era mesmo de causar dó, nem pra caçar rato o desgraçado mostrava as qualidades de sua raça, as artimanhas costumeiras de felino. Rato, ratinho, ratão, ratazana, calunguinho, calunga, qualquer espécie de rato que existisse no mundo se passasse bem juntinho de suas barbas o maldito não esboçava a mínima reação, desligado de tudo, troço infame, imprestável, indolente. À noite era aquela inferneira no forro, os ratos guinchando no cio, ele aguentando tudo aquilo sem poder fazer nada e vendo a hora do sobrado vir a baixo.

Algumas vezes acontecia acordar assombrado, pé ante pé no quarto, pensava que aquele barulho todo era de ladrão, o que – ó decepção, ó incrível calamidade –, não passava do corre-corre dos ratos no forro. E ter em casa um bichano pra servir só de brinquedo para o filho. Vida ingrata, quanta infelicidade! Não servia mesmo aquele gato pra nada, mas o danado passava com leite gordo e carne fresca, ronronando a vida em total parasitagem. Já não bastasse tanta coisa ruim que a vida oferecia, por exemplo, o preço das coisas que subia a todo instante, lhe aparecia agora o diabo de um gato somente pra atazanar seu juízo, beber leitinho gostoso, comer carne gorda e macia de novilha, ficando o tempo todo às suas expensas num passadio delicioso. Um crime, uma loucura, um desperdício. Tinha que arranjar um meio qualquer pra acabar de vez com todo aquele suplício extravagante. Mandaria Sarampelo para as profundas do inferno, daria depois uma boa explicação ao menino. Foi pra seu bem que ele desapareceu, filho, menino quando tem apego a um gato, dormindo com ele na cama, cresce sempre raquítico e quando morre vira um bichano. Decidido estava pra arrancar em definitivo aquele antigo tormento de seus caminhos, que só de urdir a façanha os pensamentos ficavam logo aliviados, pacíficos durante algum tempo, até quando retornavam aflitos, cedendo lugar a sensações convulsas, latejando raiva e revanche pelos nervos e veias. Justamente no momento em que as ideias passavam a circular por curvas perigosas, atropelos numa rota feita de repulsa bem conhecida dele, com a sua violência oculta, braba como a do touro fustigado

por algum inimigo terrível. E uma gosma nojenta se esfiapava entre os lábios trêmulos. Despertando de uma zona onde caçada, cólera e bicho apareciam misturados num combate feio, dava conta de que conversava sozinho, tendo apenas seu retrato na parede que o observava sério. E no ápice da sanha que se apoderava da mente dezenas de bichos faziam com ele tremenda guerra, ora abraço de tamanduá ou mordida de besouro, ora rabanada de jacaré ou bicada de gavião, ora dentada de onça ou coice de jumento. E ele continuava com os gestos irascíveis, a se defender como podia de unhas e dentadas, abraços nada agradáveis, e de uma boca arreganhada saíam endoidecidas chispas de fogo, bala e granada, rajadas de metralhadora que se arrebetavam nos espelhos, nas imagens dos santos no oratório, nos retratos da família pendurados na parede da sala de visitas. Num território de loucura, que se alojava por todos os cantos do sobrado, levada por vento de açoite, aconteciam vibrações incontáveis, entrechocando-se no ar e alcançando abismos inconcebíveis.

Na cadeira de rodas, um rosto de mulher era silêncio.

(A mão esquerda segura o revólver com o cabo níquelado, a arma presa a uns dedos firmes. Inicia a grande e decisiva caçada na manhãzinha que se esfuma fria. Na cozinha, ele apanha um pedaço de carne guardado de véspera e especialmente preparado como isca, rosto que se move paciente e antegoza momentos de uma vitória que se vislumbra definitiva. Por onde passa com passos medidos o cheiro de carne forte ressuma. Fica por algum



tempo escondido atrás dos degraus da escada que dá para o quintal, no rosto aquele friinho bom da manhãzinha. Subindo com cuidado alguns degraus, sorrateiro, gestos lentos, olhos sequiosos averiguam lá por cima, espreitam Sarampelo aproximar-se vagaroso no pátio e ficar cheirando a isca: dentes famintos atacando o pedaço de carne com um cheiro forte de sangue. Engatilha então a arma para o tiro vingativo e surpreso, lábios estão febreiros, fios de baba escorrem da boca que trava um gosto amargo e irascível. “Matar um bicho indefeso e ainda por cima acordar os vizinhos com os tiros. Esse gato imundo nem precisa que se gaste um tiro.” Resolve embolsar o revólver, súbita sensação de calor envolve-lhe as pernas, toda uma força irracional impele um pontapé que atinge em cheio as machezas do bichano: crava-se na manhã um salto doloridamente enceguecido. O gato pula para o muro do vizinho, pombos irrompem em algazarra como nunca havia acontecido, penosos são os miados linguarudos na manhã que cada vez mais se escoia fria. Asas inquietas sobem em bando entre a neblina da manhã, rodam em círculo por cima do telhado do sobrado e rápidas se desviam rumo ao outro lado da cidade. Muitas penas caíram vagarosas no pátio do sobrado, nas telhas, no quintal, no tempo cinzento onde um sol tímido começou a trazer um dia feio e sem brilho).

O sol refulgia casas e sobrados. O arco-íris mergulhava naquele trecho fundo do rio, as sete cores inventadas pela magia da natureza como grande arco no céu, bonito de ver. Quanto mais era visto, a íris se encantava,

de olhar tanto nunca se cansava, fosse no tempo chuvoso ou de estio. Gente velha dizia que aquele arco de sete cores guardava um segredo milenar nas águas profundas. Aparecia sobre o rio e mergulhava até o fundo onde fazia brilhar o ouro, a prata e as pedras preciosas de imenso tesouro, escondido há séculos pelos índios num poço de águas profundas. Possivelmente nas proximidades da grande ilha, lá no meio do rio, onde morou um velho que mantinha um criatório de porco e galinha, a barba arrastando até o chão, tinha um cão grande que vigiava a casa abarracada e os quatro cantos da chácara.

Naquele dia de sol esplêndido extremava afobamento o pai. Os passos ligeiros forçavam o jeito inclinado de andar, defeito desagradável no ombro esquerdo que servia de comentários sorrateiros e ferinos.

Do pequeno comércio até o sobrado, a distância não era grande, mas naquele momento parecia que nunca iria acabar, tal era a ânsia que ele tinha de chegar até em casa. Arfando, o ombro descendo e subindo no lugar do defeito, lá se vinha apressado, o suor molhando o corpo todo. Nas imediações do barraco do velho Messias parou para descansar um pouco, o queixo com movimentos nervosos. Dentro dele, num desfilar de sensações prazerosas, imagens agradáveis misturavam-se com generosas lembranças. Sentimentos alegres no frescor de brisa que afaga apareciam numa dança fascinante. Não era que o filho tinha a cabeça cheia de bom juízo? Certa vez o menino havia dito que era bom ter um bicho manso em casa, pois quem assim procedesse, quando menos esperasse, seria bafejado com a visita de uma sorte grande.

E mais: na casa onde se cria gato, cachorro, papagaio ou pombo, os de casa estão livres de inveja, assalto, consumição e mau olhado. Mas em que pastos prestimosos foi colher o menino ideias tão brilhantes? Era como agora o pai se interrogava, embora quando via antes aquela afeição que o filho tinha com os bichos estava sempre a remoer raiva, cheio de repulsa. Ora, pois, deixemos de lado sua revolta diante da afeição que o menino tinha com os bichos, não devia impedir que isso acontecesse de hoje em diante. Não iria mais se incomodar com aquele apego que Mundinho tinha por Sarampelo ou qualquer bicho caseiro ou até mesmo do mato. Nesse momento de compreensão e tolerância, revestido de visões formosas, o que importa mesmo é o dinheiro que ele havia obtido para comprar a fazenda do vizinho, a cobiçada Boa Nova. Por mais que tramasse os planos, por mais que fizesse economias inacreditáveis, por mais que sondasse seus redutos financeiros, nunca pôde conseguir boa soma de dinheiro pra comprar a tal fazenda, a cobiçada Boa Nova. Sabia ele por demais, tal a fama, tal a extensão, tal a produção farta que aquela fazenda tinha, só com um montão de dinheirama poderia ser comprada. Dava ele voltas e mais voltas, avançava, recuava, prosseguia, descansava, levantava, economizava e economizava, e nunca se armava com boa soma de dinheiro para, feita a proposta irrecusável, ali mesmo em definitivo a fazenda fosse comprada. E o que tanto havia faltado antes, de repente aparecia com sobras. E o que era mais engraçado, incompreensível, mas venturoso, surgia milagrosamente por obra e graça de Sarampelo. Sempre soubera ele que

viver era muito arriscoso, que todo o cuidado era pouco com as manhas e façanhas do tal do bicho-homem, um negócio malfeito podia fazer um homem rico bem pobre, da noite pro dia. Era só se descuidar e cair na lábia de alguém astuto. E como podia, meu Deus, quanto mais fosse vivendo, entender as voltas misteriosas deste mundo? Desde aquele momento que desfechou o pontapé em Sarampelo, sentiu durante o dia uma musiquinha irritante rodando nos ouvidos, a circular dentro dele num tom baixo como miados lamentosos. Patas sorrateiras rastejavam às ocultas preparando-se para o bote preciso a um corpo irrequieto, cujos passos se moviam entre sombras temerosas. À noite, sono penoso, pesado, trouxe sonhos confusos, pavor de cenas e figuras com bichos assanhados, brigando, unhando, dentando, comendo uns aos outros, visões tenebrosas de cachorros sem cabeça e periquitos pelados. Bichanos com língua de dois palmos de fora eram comandados por um gato enorme, cujos miados minuto a minuto eram gritos sofridos através de notas fúnebres e sangradas. Aparecera, a princípio, o gato enorme com o corpo moribundo, olhos minando sangue, patas de onça sussuarana, rabo como uma corda grossa. E, doendo nos ouvidos, tontos de rugidos e combates, miados circulavam linguarudos, o tempo todo lambançado: SAAARA-AMPEEEO SAAARAMPELO SAAARAAMPEEEO SAAAAARAAMPEEEEO... Virgem Maria, era aquilo um castigo, pesadelo ou visagem? E por mais que tentasse esgarrear o gato enorme, prendê-lo dentro de uma gaiola de ferro ou desfechar-lhe pontapés ou tiros, de seu sonho incrível dentes compridos e unhas afiadas um só

minuto não arredavam. Acordou com os pensamentos em brasa, olhos espantados sob o domínio de terrível assombração, com ideias e imagens intranquilas que surgiam numa zona que somente era temor e fuga, defesa e ataque, suor e cansaço. Foi quando procurou uma maneira de reconciliar-se com o sono, tentando conduzir os pensamentos para outras partes onde nunca pudesse Sarampelo ter acesso ou trânsito, não importasse o tamanho que ele aparecesse, nanico, normal ou enorme, ou ainda a forma de felino que tomasse, onça, leão, tigre, gatinho, gato, leopardo. Mas uma onda de remorso teimosamente infiltrava-se sorrateira na dança oscilante da memória. Via-se como alguém que sem saída teve de parar em certo ponto, mas que devia em seu caminhar passar longe de certo terreno perigoso, o mais rápido. Conversou então de si para si: quatro patas iguais a 4; um focinho igual a 1; dois olhos iguais a 2; um pontapé também é 1. Como se tivesse descoberto algo inusitado, com tamanha força deu um soco na tábua da cabeceira da cama, dentes trincando, boca esbravejando: “Afasta, alma agourenta, vai fazer ninho no fogaréu dos condenados!” Isso no exato momento em que a manhã pouco a pouco ia se infiltrando no quarto, lá fora a levantar o frescor de um dia claro, embora ele nunca fosse homem de acordar com o sol apanhando-o na cama. A mulher mandou chamá-lo três vezes e em nenhuma delas conseguiu qualquer resposta. Rosto febril deixava manchas de suor na cama, corpo dolorido virava de um lado para outro, na cabeça pesada números malabaristas dançavam. Faziam caretas, desapareciam velozes, mais rápidos voltavam, viravam

de cabeça para baixo, se embaralhavam. Sorriam, davam cabriolas, um ficava em cima do outro, caíam, sumiam e retornavam de novo. Até quando como que cansados daquela brincadeira estranha permaneceram em fila indiana, sérios, e, crescendo, crescendo, se mostraram de frente para ele, solenes, severos, cada um deles com o tamanho do sobrado. Formavam gigantesco milhar: 4121. Soubera ele agora que tudo aquilo não havia sido nem visagem nem castigo ou pesadelo, apenas um sonho em sua linguagem misteriosa trazida de outro mundo como bom prenúncio de uma sorte grande e venturosa, a que tanto o filho observara.

Dedos leves num dos bolsos do paletó amarfanham o bilhete premiado, o coração repleto de alegria a querer pular do peito e sair cantando pelas ruas, e agradecer com humildade o sonho grandioso que Sarampelo trouxe do outro mundo através de magia prestimosa, artimanhas secretas, sabedoria medonha. Ah, queria ver agora a cara do vizinho quando fizesse proposta irrecusável para comprar a Boa Nova. Ah, Sarampelinho protegido do Cristo e da Virgem Maria, afilhado de São Benedito, tão querido por São Brás, afeição de São Francisco, São Pedro, São José, São João, e de tudo quanto é santo protetor de bicho do mato ou caseiro. Por me ter trazido a sorte grande, bichinho, você é mais que merecedor de leite gordo e carne fresca de novilha, de beberes e comerem na fartura, e não quero mais sua senhoria se misturando com qualquer gato remeloso e cheio de pulga, com esses bichos imundos que andam por aí esfomeados, à caça de ratinho, ratão e ratazana, resto de comida

nas lixeiras, coisas velhas e água suja. Aviu, bichinho de Deus? E viva quem tem pelo na barriga e quem não tem, viva também, dinheiro você diz que me quer bem por isso ao meu lombo sempre vem; e viva quem... – nas mãos que brincavam como se estivessem soltas no ar, o bilhete premiado bailava. Números revelados pelo doce Sarampelo e que nesse instante fulguravam dentro dele mais fama, respeito, jugo, pompa, tudo assim como uma coisa só numa atmosfera delirante, de encanto, cores agradáveis, formosas, cintilantes.

Abriu um pequeno corredor entre pessoas que formavam em volta dele um cinturão de olhos espantados e curiosos. Mais calmo, embora fosse conduzido por vagas irreais que o faziam andar no meio de coisas coloridamente alucinantes, empurrou o portãozinho com força e penetrou no sobrado.

Como sempre a mulher em silêncio na cadeira de rodas.

— Sarampelo nos trouxe uma sorte grande! – disse ele, dando voltas seguidas em torno do próprio corpo e apontando para o alto o bilhete premiado.

Na sala de visitas, a mulher continuava calada.

— Este bilhete está premiado!

Um tanto ágil, aos saltos, batendo no ar um calcanhar no outro, num incrível desafio de volume e gravidade:

— Premiado! Premiado! Premiado!

E aos gritos incontroláveis:

— Viva Sarampelo! Viva! Viva! Viva!

Como se fosse estremecer as paredes da sala:

— Viva o bichano sortento e suas artes de mágico!

A ordem da mulher interrompeu um corpo volumoso de mãos espalhafatosas e pulos radiantes. Foi brusca-mente estremecido até quando encabulado fez-se frágil, transmutou-se numa montanha de carnes amedrontadas.

— Venha cá, filho, traga o gato pra seu pai dar uma olhada — numa voz segura, duas vezes a mulher ordenara.

Depois de tantos anos, ela agora falava com boa disposição na voz, o que era tão comum acontecer antes daquela doença se alojar no corpo todo. Nos gestos cujos movimentos extremosos de amor percorriam todos os cantos do sobrado, nas manhãs e tardes irradiando labor, dedicação e alegria.

Em silêncio ficou então o pai a olhar o gato nos braços do filho: sexo supurado, corpo quase sem vida, olhos de vermelho rajados, em torno deles sombras esquivas de coisas sob névoas. Intenso mal-estar foi tomando às ocultas conta do sobrado. Uma cortina de dor envolvia pai, mãe, filho, crescia palmo a palmo, instalava-se espessa no ar parado, cobrindo de uma atmosfera pesada os móveis, paredes, camas, cadeiras, oratório, retratos, qualquer lugar nas salas ou quartos. Três criaturas permaneciam caladas, olhar imóvel que se fixava no corpo moribundo do gato, enquanto lá fora uma forte claridade coava ciscos no ar, reluzia na rua, esbatia-se nas paredes das casas. No sobrado, parecia que as coisas nunca tiveram vida, tal a tristeza que circulava no ar, tanto era o mal-estar que lentamente errava de um lado para outro, tamanha a dor que um peito ingênuo sustentava ao abrigar um gato moribundo: corpo inchado, olhos enfermiços, boca espumosa.



Sarampelo foi enterrado embaixo do pé de carambola. Teve caixãozinho pintado, flores, vela acesa, reza, choro. No outro dia contava o menino aos amigos que tinha sonhado com o gato fazendo uma viagem longa para o céu: anjos levavam o bichano rumo às nuvens altas, para depois do imenso azul a cobrir a tarde que descaía clara. Passou a insistir junto aos amigos que Sarampelo morava agora com Nosso Senhor, todos os dias passeava no telhado do céu, colhia estrelinhas e vaga-lumes para Nossa Senhora, seus olhinhos azuis haviam ficado com um brilho raiado e cintilando encanto: acendiam e apagavam, apagavam e acendiam, iguaizinhos à luzinha de vaga-lume.

A princípio, os companheiros não deram importância às tolices de Mundinho. Ficavam às vezes de boquinhas debicadas, de nenhuma maneira queriam acreditar na história do amigo com um certo gato encantado. O menino não ficava zangado um tiquinho, resignava-se com a indiferença de todos, aguardava uma melhor oportunidade quando os amigos estivessem mais calmos. Para retornar outra vez com suas histórias de um gato encantado, acrescentar então que Sarampelo vinha visitá-lo todas as noites. Aparecia na sala de jantar, passeava em cima do telhado, farejava os cantos da cozinha, brincava de esconde-esconde pelos cômodos. No quintal dava para caçar vaga-lumes e grilos e, com a lua cheia, já alta no meio do céu, feliz, cansado, passava o bichano a contar ao menino como era a morada dos santos no céu, a vida alegre e mansa dos bichos. Falava sobre a bondade de Nosso Senhor, o coração puro da Virgem Maria, o

amanhecer com uma revoada de anjos e o entardecer lindo com um cantar de pássaros de todas as cores. Os companheiros começaram a estranhar aquelas falas, alguns diziam que o amigo estava ficando doidinho, andava à noite em companhia de um gato mal-assombrado. Que nenhum deles chegasse perto de Mundinho, era muito perigoso, doença transmitida por um gato no dono pega até no sopro do vento, quanto mais a de um bichano mal-assombrado. E nunca mais brincadeiras afoitas, aventuras costumeiras, mapas, roteiros, segredos, tesouros.

No tempo de inverno e verão foram se esquecendo do amigo, dos bate-bocas diários, das trocas de figurinhas, dos brinquedos emprestados, das guerras sucessivas com os meninos da rua de cima. Cada vez mais foram se afastando, se afastando, afastando. Dos virginais caminhos da margarida, das trilhas coloridas nas veias agitadas, descobertas bem saborosas, jogo de bola, tiros certos de estilingue nas caçadas. Até quando, sem tampinha, pão, estampa, nem sequer de relance se encontraram. No curso natural do tempo que se encarrega de unir e dispersar os amigos de infância.

A cidadezinha agora dorme no vale. Após outro dia de labuta, mergulham os habitantes no sono justo de uma noite suave. No sobrado, morcegos chamam nas frinchas do telhado, cricilar de grilos no quintal como que entoando nas cordas da escuridão musiquinha aflitiva, insistente, monótona. Minutos são espinhos cravados na carne do tempo com seus labirintos astuciantes, feridas

abertas, talhos conhecidos que desfilam como fantasmas incansáveis sob os passos de uma infância tão distante.

O homem está ao lado do pedaço de carne, num dos cantos da cozinha o leite na tigela, sujo, empedrado. No ar parado das coisas, repete-se, momento a momento, a sua voz débil, arrastada, cujo tom melancólico e baixo deixa-se levar na passagem da noite vagarosa. Sentimentos feridos sabem de miados piedosos que vagueiam entre o silêncio neutro dos cômodos, imobilidade fúnebre de coisas esquecidas, abandono extremo de paredes cobertas de ares úmidos e trevosos. Numa quietude ansiosa, ele aguarda as batidas da meia-noite. Horas que soarão estranhas, marcadas não se sabe como pelos ponteiros do relógio emudecido na parede da sala. Num rosto enrugado, as coisas não recendem a mofo, paredes em cujas gretas se aninham lagartixas não se acham deterioradas, algumas delas que para desmoronar nem vão demorar muito. Porque o homem as sente como se ainda fossem novas, a tinta ainda fresca, inalterada pelos dias, repletos de bichos alegres que andam ou voam por todos os cantos, brincam aos guizos e aos saltos, em suas manhãs e tardes luminosas. Longínquas e repetidas noites que se arrastam densas de mistério, tecidas nos fios sombrios de um sofrimento invisível, no aranhol entristecido de lembranças e torturas. Com suas flores penetradas de ventos agudos, caminhos que buscaram luz plena no ar azul, mas que foram movidos num túnel sem fim sob cerco e açoite. De instantes terríveis numa atmosfera opressiva, destino que

por retas e curvas foi empurrado para desastres e mortes. E que fizeram um rosto centrado em solidão, cabelos cor de areia precocemente com o brilho perdido, largado nos ombros cansados, mas que um dia foram negros e belos, ao vento revoltos, por demais a mente cheia de sonhos, ingênuos e cálidos.

Passaram-se dias, semanas, meses. Anos temperados de sol e chuva. O tempo trouxera na cidadezinha um imoderado crescimento. Alguns bairros surgiram nos arredores, novas construções em terrenos baldios, ruas compridas e largas, praças e jardins. O comércio regorgitou com a chegada de muitos forasteiros. Casas e sobrados velhos na rua do comércio foram transformados em grandes lojas, depósitos enormes com suas portas largas.

Numa manhã de sol aberto, urubus rodando no céu, tratores trabalham num terreno que serviu até pouco tempo para curral de tropas, animais passistas em andadura que invadiam as ruas com movimentos cadenciados, sonoros, os quais se integravam festivos à paisagem alegre da cidade. O prefeito e a comitiva fiscalizam o andamento das obras. Aquela parte da cidade fora destinada a uma bela praça. As máquinas aplainam a terra esburacada, ruidosas reviram pequenos aclives aderidos a um ventre calcáreo, entopem grandes valas, regos, buracos d'água. As máquinas vão e voltam sob os movimentos trepidantes, são como enormes lagartos que circundam barulhentos todos os cantos da área. Continuam incansáveis naquele trabalho de remover o

chão, derrubam velhas mangueiras, jaqueiras centenárias. Estas assim que tombam na terra remexida, mostram as raízes retorcidas como num gesto extremo de agonia, que não resistiu à morte. Barro vermelho aflora à terra desfibrada.

Quando as máquinas param em frente ao sobrado velho perto do rio, muitos curiosos aglomeram-se em torno delas. O prefeito e a comitiva resolvem olhar o interior da moradia abandonada, mergulhada numa atmosfera feia feita de mistério, solidão e sombras. Paredes de tão velhas podem cair aos pedaços nesse instante. Um ambiente sujo recende a mofo lá dentro. As pisadas dos homens ressoam golpes fundos, estralam tábuas podres, matos que cresceram entre as fendas do assoalho. Forte poeira levanta-se dos cômodos carcomidos como uma cortina grossa. Uma porta cai na sala de visitas, tirando um grande estrondo. Ratos passam debaixo do assoalho em atropelada correria. É quando, como se uma força invisível esbarrasse os passos de todos num só gesto, imobilizasse numa grande corrente os corpos cheios de pavor, ficam os homens estarecidos à porta da cozinha. Nenhum ponto se mexe nos rostos gelados: olhos estão parados, bocas cerradas, veias mudam de cor como fios verdes encordoados no pescoço. Mudos de medo, os homens veem a carcaça de um corpo junto a uma tigela com leite empedrado. Um corpo esquelético a segurar numa mão um pedaço de carne apodrecida, prendendo na outra um toco de facão enferrujado e sem cabo. A cabeça pelada, ossos sob a pele amarelecida que duramente se enrugou, olhos fosforescendo e cintilando como pequenos glóbulos de vidro.

E os homens escutam aquele gemido penoso, parecendo um miado longo, que se torna baixo, moribundo, um sopro solto na solidão das coisas abandonadas, no silêncio imenso que emerge dos objetos apodrecidos. Era o nome de Sarampelo, agonizando, morrendo naqueles lábios encovados, naquela garganta ressequida que não se sabe como até ali aguentara, naquela boca sem dentes cujo hálito era apenas cansaço, um simples rosnar de fadiga através de imperceptível abafo de goela. Embora não soubessem os homens, enfim emudecia, encerrava solitária uma agonia que durara toda uma existência.

Nos lábios de um homem, nos lábios de um gato, nos lábios de um menino.

# *Ladainha nas pedras*



NO CÉU NUVENS LANZUDAS BOIANDO,  
HÁ DÚZIAS DE ASAS NEGRAS NO AR.

**O** sol deita forte luz sobre acanhadas moradias, algumas estão escoradas com velhas estacas nas esquisitas posições: as fachadas encardidas com a sujeira acumulada pelo tempo. O bairro pobre da cidade tem inúmeros becos e encruzas, os casebres na cunhada dos outeiros, uma paisagem que sobe e desce por caminhos tortuosos, incríveis veredas, entradas estreitas e compridas, algumas delas sem saída. À noite, as casinhas são alumiadas como num presépio nascido de mãos milagrentas, o bairro vidrilhando reaparição por ladeiras e

outeiros. Nos barrancos à beira do rio, perto da Ponte Velha, estão alguns barracos pequenos; foram construídos na madeira empretecida, o mais encardido com uma cobertura de zinco enferrujado, a entrada estreita pelo canto. Onde uma mulher gorda, cabelos assanhados, busca sempre com dificuldade mais espaço por dentro do balcão pequeno. As mãos carnudas, o couro cascudo que se engrossou na rudeza do ofício, arrumam a mercadoria de variada procedência: de boi, porco, cabra, carneiro. Mãos incansáveis tornam vísceras de animal em pequenas bolas, o atendimento prestimoso se faz diariamente a uma enorme freguesia.

Nas manhãzinhas, o tempo friinho, a neblina toalhando o bairro, surge uma voz no peito que geme, a mulher sabe que tem início mais um dia de labuta. Toma fôlego a voz arrastada sob a respiração controlada, cadenciada num ritmo monótono, alteia e abaixa, soa arrebatada de quentume sob o silêncio de ruas e encruzas. Um vento frio leva aquela voz com o seu canto de alerta e aviso pelas ruas da frente, introduzindo-o nos casebres como num choro moído, ressoa na frincha das portas, lá dentro onde homens e mulheres movimentam-se com os primeiros gestos do dia. Logo surge o primeiro freguês, o rosto embaçado de neblina com sinais visíveis do sono pesado, noite que se fez reconfortante no esforço do corpo, após duro dia de embate.

— Louvado seja!

Nas carnes de Bituta, o cheiro de vísceras infiltrou-se, odor ardido ressuma do corpo com as carnes flácidas, aonde vai, as nádegas gordas balançam. Os vira-latas fazem-lhe sempre companhia, línguas vermelhas cercam



os passos arrastados nos chinelos gastos, varizes são cordões azuis nas pernas inchadas. Surgem de onde-onde os cães em busca de resto de comida. “Afasta-se, rabugento, vai caçar comida no lixo!” – grita Bituta. O chinelo tira um estalo cascalhento, raspa a poeira do chão, a remetida violenta. Quando não, acerta em cheio naquele focinhudo, o animal repuxa os quartos, a boca esganiçante, a dor cegando-lhe a direção, azoadamente se arrastando com o rabo entre as pernas. Os latidos doloridos quebram o silêncio das ruelas.

Os moradores do bairro conhecem por demais aqueles gestos, sabem que não têm a menor presteza, em pouco tempo os vira-latas retornam, ainda mais esfomeados. Na danação da fome, os cães ficam arrodeando o barraco, alguns até se misturam com os filhos de Bituta, de corpinhos preguiçosos, as cabeças grandes, os pescoços finos, os olhos graúdos, as perninhas que nem galho de arvoredo seco. Nas andanças pelo bairro, eles se apegam ao avental da mãe, confundem-se na barra da saia, atrapalham uns passos avexados. Os tons lamuriosos, vozes fatigando pedição, bocas como que formando uma única boca, na ladainha sem fim, a filharada reclama: “Mãe, comida, minha barriga dói de fome!” Aperreada, numa agoniação afogueando cabeça, tronco e membros, agitando os peitos, que balançam como dois mamões maduros, Bituta responde: “Cala a boca, fominha, que o fraco só come uma vez”. E nervosa acrescenta: “É se conformar, anda!” O cortejo segue agoniado, marcado pela romaria de pedidos, Bituta vendo os filhos com as tripas roendo de fome, os estômagos enjoados com o

pouco comer. Andarengando, lá se vai a mulher com os filhos, entra no beco, desce o declive da rua estreita, dobra à esquerda rumo à beira do rio, os meninos insistem nos mindantes, as barriguinhas verminosas, Bituta com os pensamentos infernizados. “Volta pro barraco, arrelientos de uma figa, não já ordenei?” Os filhos com os olhinhos espantados, alvoroçados com o berro da mãe, na medrosa carreira os passos daquele, o mais grandinho, arrastam-se manquejantes. “E o que é que vocês três estão esperando? Caminha, que vou buscar comida no matadouro!” Os vira-latas seguem rabanando Bituta, os peitos tuquetuqueando agonia, os olhos tristes revelando mais uma vez que seus passos sempre caminharam pelo martírio dos dias. Os passos que andaram por uma estrada que não tinha fim, onde o tempo não se fartava com o esforço dos dias. De madrugada começava a chamar a freguesia com a monótona cantoria no barraco, ali ficava até o entardecer. Cansadas as pernas retornavam ao início do mesmo caminho, percorriam um círculo que lhe era íntimo em todos os sentidos, esbarrando enfim naquelas bocas famintas nos pedidos: “Mãe, comida, minha barriga dói de fome”. “Valha-me meu bom São José, que os meninos estão que nem cego de feira. As bocas entulhadas dos pidantes”. Estriziados nas pedras da vida, com o sangue pisado e repisado na sola dos pés, os passos interrompiam a caminhada, numa parada breve buscavam se aliviar do repuxo de sua marcha. Fincavam-se em algum ponto da estrada áspera, sempre marcada pela labuta, sempre entoada pela pedição dos filhos. Os pensamentos desprendiam-se nos longos saltos do sonho.

Bituta imaginava armar um dia grande barraco atrás do Curral Velho, onde a cidade aos sábados voltava-se para a feira, ali se movendo como num enorme burburinho. A princípio, nesse barraco venderia farinha, arroz e feijão, e, com o tempo que traria certamente grande freguesia, teria nele um bom sortimento em produtos secos e molhados, então com a venda de coisas graúdas e miúdas se veria aliviada daquele penoso passadio. Os filhos ficariam de boca quieta, a choramiação emudecida, as caras tomando novo hálito de vida. E se via labutando no barraco atrás do Curral Velho, no barraco grande, ressaltava-se, já num armazém que venderia também louças e porcelanas, por que não bandejas, copos finos e bibelôs? E toalhas de mesa formosas e cortes de fazenda rara e sapato da moda e sapato macio e sapatilha e chinelos macios como algodão e lençol de linho e cobertor de lã e colchas de fios brilhantes e fronhas e vestidos bonitos e elegantes pra uma clientela formosa e distinta e... um pouco de tudo que se venda neste mundo e... e... e o armazém daria lugar a uma grande loja na rua do comércio, a mais procurada pelas pessoas ricas da cidade, com vitrinas decoradas e anúncio luminoso e com uma parte dela destinada a vender geladeira e fogão a gás e TV a cores e lustres de cristal e colchão de molas e mesa de jacarandá e... E a razão foi dando pasto aos sonhos, que urdidos e remoídos foram passando como essas águas do rio Cachoeira, seguindo todas as horas, entre as pedras pretas, rumo ao mar de Ilhéus.

Assim, com o rio da vida fluindo dentro, os cabelos foram ficando brancos cedo, a boca encrespada de pregas, lábios pelancudos onde comissuras entremostam os

rastros por onde passou a fugacidade dos sonhos. Nem tinha mais conta dos dias em que acordava cedinho, os olhos remelentos de sono. O Cachoeira dormia nas águas quase imóveis, ainda salpicadas da luz que descia das estrelas vidrilhando no céu. Sempre sentiu aquele rio como dádiva de Deus ao povo pobre da cidade, pão e ubre, bondade de ventre que nunca cansava. O outro rio, escorrendo nas águas da vida, misturadas com pouca gente rica e muita gente pobre, ficava à margem ante o eterno que passava através do Cachoeira em seu passo de cobra. Nos instantes de maior aflição, o corpo cansado, olhos de tristeza, não sabia por que encontrava alento na serenidade daquelas águas, que desciam rumo ao mar, no caminhar preguiçoso daquele rio, tão areia, tão pedra, tão espuma. Um rio que já estava ali antes que alguém chegasse por aquelas bandas, descendo com o seu mundo de mistério, lendas e assombrações, iaras que plangiam canções como que tocadas por muitas flautas. No último inverno, de repente o rio amanhecera grosseiro. O Cachoeira levava tudo o que encontrava pela frente, as casas ribeirinhas, afogara até três pescadores, que de teimosos não se intimidaram com a zanga das águas. De boca assombrada ficou o povo do bairro, não se cansou de dizer que Deus vomitara castigo pelo bucho do Cachoeira. Bituta nunca conseguiu se esquecer da agonia que teve naqueles seis dias da cheia. Os homens recolheram o corpo de Arnóbio das águas enraivadas nas imediações da Marimbeta, ele que era tido pelo bairro como o pescador mais corajoso, nunca tremera uma linha do rosto quando o rio nas cheias descia desembestado. Os

homens tiraram o corpo de Arnóbio dos peraus da Marimbeta, o sexo comido pelos peixes, o rosto cheio de cortes, por onde as águas mais haviam deixado a sanha da sua passagem. Teve então de falar aos filhos que a Mãe d'Água havia carregado o pai deles para o fundo do rio, a dona do Cachoeira precisara dos préstimos dele, seu homem agora vivia num palácio encantado, não mais iria retornar pra pescar no Cachoeira e fazer com que ficasse menos penoso o passadio dela e da filharada. As palavras não conseguiam esconder a verdade que durante meses pulsou dentro, bastava estar sozinha à noite, escorriam no rosto outras águas que minavam pelos olhos.

Nem mais precisava os dias em que acordava cedo, madrugando o silêncio do bairro, o sol encoberto pelas cabeças dos morrotes. Da vendagem da sua mercadoria, sabia Bituta, o que se apurava pouco dava para o gasto das necessidades corriqueiras. Em pouco tempo, os ouvidos atormentavam-se com o choraminguado dos meninos. E se reencontrava cercada de uma certeza definida, clara, absoluta como a descida do Cachoeira, todos os dias a se despedir da cidade no seu destino de rio. Separada pelo rio da vida, a feira da estação cada dia ia se tornando mais longe, ponto inacessível ao itinerário de seus passos, sofrida andança feita de vísceras de animal, suor e pano sujo. E sabia que, aos sábados, a feira do Curral Velho ia e vinha numa grande onda, mexendo-se como um grande burburinho. E as esperanças iam delongando por uma estrada que bem conhecia, deixando-a num dia sem sol e numa noite sem sonho, apenas ela abandonada em companhia das próprias chagas: as esperanças fugiram como

carregadas por um vento solitário, e os sonhos, acalentados num chão verde com árvores que davam frutos bons, foram sonhos nunca alcançados.

## II

No teto do bairro, o sol rastreia entre nuvens noivas, de tão lentas quase não se movem. Raios brilhantes são patas de luz de enorme aracnídeo, lâminas afiadas que perfuram nuvens, resvalam nos casebres, pairam nas ruas, encruzas e becos. Bituta caminha por uma estrada que ela nunca soube onde começa e muito menos onde tem fim. Passos difíceis ainda buscam disposição, não querem se render à fadiga extrema do corpo, no sal da vida não pensam em derrota um só instante. Os passos arrastados movem pernas arqueadas, as moscas voando em volta do avental sujo, os vira-latas trilhando o corpo com o cheiro de vísceras, nas pernas veias como se fossem cordões. Ela sente que os sestros são lágrimas que espinham, faces sob a pele enrugada dão para qualquer um ver que abandono e labuta são moradores da alma, sinais inevitáveis do ritmo dos pés nos chinelos empoeirados, mas com uma coragem que não se sabe onde conseguiu reunir forças para enfrentar a indiferença dos dias.

O bairro flutua num mormaço vindo de todos os cantos.

Perto do matadouro, de guarda-chuva a sol a pino, os urubus pousados nas estacas de uma cerca velha.

Foi quando três moradores do bairro saíram apressados do casebre, assustados com o barulho que veio de fora. Horrorizados estacaram no passeio, os dois homens e a mulher ante uma surpresa desastrosa e, vendo seus impulsos amarrados por forças ocultas, não sabem o que fazer. As rodas suspenderam a poeira da terra, os freios deixaram grandes rastros no cascalho, no ar aquele cheiro forte de borracha queimada. A carroceria foi jogada para o fundo, como se grande força a tivesse arrancado da boleia. Viera adoidado o caminhão de boi, desenxergando o caminho e, no momento do impacto, revolvera uma nuvem de poeira. O povinho do bairro logo se juntou em torno do bolo de carnes: a cabeça fendida, uma gosma amarela saindo da boca, o avental sujo de sangue. Os moradores do bairro cabisbaixos ante a cena que não queriam ver. Então souberam que os ouvidos de todo o bairro, rua, ladeira, beco, encruza, não mais escutariam a mercancia de Bituta, despachando as derradeiras voltas da noite, varando madrugadas, acordando os dias numas mãos calosas para labutá-los no Barraco Bom-Sereno.

### III

Nessa manhã em que os urubus rodam no céu, outros quentando sol na cobertura dos casebres, Bituta sobe a escadinha de Maria Pirambu, a comadre. “Oi de casa, gente boa, que é de paz!” – o aviso repete-se apressado, as mãos calosas batem na porta pequena. Os avisos sacodem a quietude da moradia e estremecem o corpo da

comadre. Os passos pesados esbarram junto à cabeceira de uma cama velha, feita de tábuas encardidas, fabrico antigo do carapina do bairro. Olhos sondam os cantos acanhados do casebre, as telhas corridas no teto, a peça da pequena cumeeira com uma casa de cupim. Enrolada na coberta puída, emporcalhada de urina e suor, de retalhos colorida quando dos primeiros usos, a comadre trinca os dentes com a febre alta. O corpo todo trêmulo, a batifundar com a febre as tábuas da cama, forrada apenas com um saco de aniagem. Ela se aproxima para mais perto da cama, a barriga volumosa, os seios tremem uma verruga grande no canto esquerdo da boca. Pelo rosto passa aquele ar triste de quem se lamenta no íntimo com a fisionomia feia da comadre, olhar cadavérico, cor de água barrenta. Dias era pra fazer a visita, já há algum tempo fora informada sobre a doença da comadre, mas cadê uma sobra de hora que não achava? Sempre entregue à labuta do dia a dia, à procura de diminuir a pedição dos meninos, suas vistas queimando pena com aquelas boquinhas arrelentas. Também a comadre nunca iria adivinhar sua aflição, o rosto todo desordenado tomado de preocupação quando Risoleta Fuinha lhe fez a abordagem: “Bituta, você teve notícia do que se deu com Maria Pirambu?” Surpreendida com a indagação, boca aberta engolindo grossas correntes de ar, Bituta respondeu de sua inocência. “Ora, lá se veio uma vertigem na mulher, sem mais nem menos! A bichinha ficou verdosa feito capim das primeiras águas, os olhos duros e atravessados, os beijos despregados naquele riso atoleimado. O jeito que se teve foi carregar a infeliz na rede para o Hospital da



Santa Graça”. Não se conteve Bituta e se quebrou numa derramada soluceira, chorando pelos olhos, boca e nariz, mais fazia esforço para conter aquele choro mais se via desprendida no verter de grandes águas. “Olhe, comadre, foi quando me tomou aquele fogo pelo corpo quando lembrei de suas horas na mesa de operação”, disse Bituta. “Dei então de ficar inquieta, zanzando bestamente na frente do barraco, esquecida por inteiro de atender minha freguesia. Se a comadre não escapasse da operação, o que seria de sua meninada? É só o que a gente pobre pode pensar nessas horas de vexanças”. Os meninos iam ficar por aí jogados como cão sem dono, pras meninas a vida reservava a pior das infâmias. Todas elas pra viver iam ter que vender o corpo como puta. O corpo de criança ia servir pra mercar o sexo, emburacadinhas no puteiro sem tirar nem pôr, os peitinhos como dois búzios no duro ofício de rameira. Se a comadre não escapasse da operação, eram essas entre muitas as ciladas pela vida preparadas pras meninas. Comadre, não afastava de mim tais pensamentos, converti-me toda de preocupação com a sorte das meninas, noites passei puxadas ao claro, imaginava, imaginava. Debulhei o terço sem ficar reza desfiada pra salvação da pobre da comadre. Até há pouco tempo ainda desfiava o sem-fim de ave-marias, sempre com uma vela que acendia quando a outra acabava junto à imagem de Nossa Senhora Perpétua do Socorro, que é minha santa protetora. Nem a comadre iria adivinhar como Bituta ficou alegre quando das derradeiras falas de Risoleta Fuinha. Sem se conter de contentamento, a assanhada atirou nela esse observado: “Ei, Bituta, a Maria Pirambu

já retornou do hospital. Não é que a mulher se deu bem na operação e saiu da enrascada? Mulher de sete fôlegos essa Maria Pirambu”, acudiu Risoleta Fuinha. Dali mesmo foi à venda de Ambrosino Teu-Teu, onde comprou mais uma dúzia de velas, estão alumando no prato de alumínio o oratório de Nossa Senhora Perpétua do Socorro, que lhe concedeu a graça de salvar a comadre em boa hora. Retomando o rumo certo da conversa, mostrou Bituta que era sabedora também das agonias da comadre no Hospital da Santa Graça, acrescentando que tinha passado certa vez por igual padecimento. Até pouco tempo ainda perturbavam seu sono pesado os gemidos dos indigentes no Hospital da Santa Graça. Certa vez, teve ela de tirar umas pedrinhas que ficaram grandes na barriga, observara o doutor que era um caso de muita urgência, de oito ou oitenta, a não ser que fosse de seu inteiro prazer acordar a qualquer dia de dente preso e olho duro, corpo encaixotado numa viagem grave para as terras do além. Logo imaginou que fosse terra que comeu quando era menina, a fome fez que mastigasse muito bolinho de barro mole pra acalmar no estômago a bicha braba. “Valha-me, minha Nossa Senhora Perpétua do Socorro, feito porco em matadouro – zás – iria mesmo cair na faca!” E lá se foi pro Hospital da Santa Graça. Conduzida para a mesa de operação, embarcou numa cama muito alva, uma que tinha umas rodinhas nos pés, as vistas entontecidas, os lábios balbuciavam. Àquela hora só se via com ares enrustidos de defunto, todo frio se despedindo deste mundo. De tanta reza ligeira, os lábios caíram no queixo, embeçudados com tamanha aflição: os dentes naquela

cortadeira um só instante não paravam, chamando o nome da sua santa.. “Me acode, minha Nossa Senhora Perpétua do Socorro, faz com que eu fique muito tempo nesta vida, eu não quero ver meus filhos padecendo neste mundo!” Os quatro dentes restantes mostraram-se como cacos afiados, quando uma das moças de branco comentou com a outra: “Que mulher da peste, tomou duas injeções das grandes e a anestesia nem pegou! Segura a bruta que ela pode dar coice!” Como iria dormir àquela hora que podia ser só de assombração? Se chegado era o momento pra última viagem, que de olhos bem acesos duelasse com a morte. Bituta não vacilou um só segundo, desejou, naquele instante, ser uma mula de coice brabo e rumar a pata certa nas ventas daquela enfermeira infame. “Vá ver, comadre, que se assim acontecesse a enxada se aquetasse, ao menos seria uma boa resposta pra evitar judiação do pobre nessas horas de vexanças. Quem sabe até se aquela peitada não era maninha, nunca pariu pra sentir a dor da parição e saber o que é o carinho que uma mãe deve ter pelo filho?” No dia seguinte, disse que acordou como que surrada com taca rabo-de-tatu, o corpo todo moído, a cabeçorra pesada. Lembrava-se das paredes enevoadas a princípio, não identificava o trino do canário lá fora, as vozes no hospital eram como fala de moribundo no leito cheio de dores. Pelos olhos inchados, as coisas da manhã dançavam. Pensou que daquela vez sua hora havia chegado, o corpo estando mais pra urubu do que pra curió, os meninos sem mãe, engolidos pela boca impiedosa desse mundo. Quem iria proteger e dar de comer e vestir

àquele bando de arreliaados? Pouco a pouco, as coisas foram revelando seus contornos, tomando forma nos traços mais remotos, se mostrando nas cenas claras e imagens definidas, lá fora o trino do canário os ouvidos alegrando. E um riso frágil tremeu devagarinho a verruga grande no canto esquerdo da boca murcha. Um riso tímido e doce com o seu alívio de brisa generosa. “Que estava feliz? Muito-muito”. Restava só um tempinho pra receber alta no hospital e retornar ao barraco, sabendo mais que nunca onde estão os pintos a galinha põe os olhos. Os filhos não arengariam pedição nem esmolariam pelas ruas feito cego ou aleijado.

Parou um pouco, tomou fôlego e continuou.

Dalvinha então, comadre, já vem botando sinais de moça, os peitinhos estão saindo como dois búzios, creio que não demora muito pra ela se juntar com algum moço, contanto que em seu caminho ele seja respeitoso, no passo direito e não no torto, vivendo com ela numa casa pobre mas decente, sem nunca faltar comida no prato. Retornara então vivinha a seu barraco, não tinha mais receio Bituta que Dalvinha se largasse aí pelo mundo e fosse vender o corpo a qualquer um como puta. Depois de operada, permaneceu ainda oito dias no hospital, passando a ser observada na ala dos indigentes conforme a ordem do doutor. “Comadre, que vomitório de aflitivos! Gentinha de sorte mais desgraçada, gentinha de passadio mais inclemente, gentinha de horas mais agoniadas. Era aquela cantiguinha dia e noite, noite e dia, pra frente e pra trás, pra trás e pra frente, gemidos que brocavam até peito de defunto, machucavam que nem sofrimento de

alma penada. E, naquela mancheia de penitenciados, lastimoso era a bastante desatenção das freiras, de ano em ano vinham de visita aos indigentes. Algumas delas passavam no corredor bem preocupadas, a barra da roupa esvoaçando com os passos apressados. Lá se iam ligeiras para os quartos dos doentes endinheirados. De lá quase não arredavam, quando uma saía, vinha logo outra, ali ficavam demorosas naquele atendimento granfineiro e atencioso...”

Ela assim que retornou ao barraco, logo sentiu a barriga aliviada, as entranhas sem aquela coisa que incomoda, enjoada, sem aquelas constantes pinicadas. Nunca mais apareceram tontices, no lugar delas cresceu foi uma fome assanhada, indormida e indomável, por isso cada vez mais no bairro mercando vinha, arranjando o dinheirinho com a vendagem das vísceras de animal, contando para tanto com fiel e prestimosa freguesia. “Chegue à frente, freguês, temos tudo fresquinho, do novinho e do bom: mocotó, tripa, bofe, passarinha, rim, coração...”

Bituta vê que é chegada a hora de se despedir da comadre. Mostrou-se contente com o riso que a comadre deu num esforço, procurou ainda mais animá-la:

— Ponha resistência nesse corpo, quero ver em pouco tempo essa doença derrubada. Veja que muita moléstia tomba as criaturas neste mundo só por encontrar elas com fraqueza na vontade de viver.

Com a voz forte:

— Coragem, muita coragem mesmo

Prestimosa:

— Alguma coisa você queira, não deixe de mandar pedir por uma das meninas.

Um tanto triste:

— A gente é pobre, mas nessas horas tudo se ajeita. Num tom fraquinho, que quase não se escuta, a comadre:

— Amém.

Desolha Bituta a comadre gemendo, o corpo febreiro, a coberta com cheiro de urina misturado com o ar de mofo no quarto.

E mal havia dado os primeiros passos na rua, os filhos vieram se aproximando: bocas vomitando cantiguinha da fome, aquilo parecendo chorume de bezerro apartado da vaca antes do tempo, de boiadeiro os ouvidos de Bituta, atanzados com aquele choro desmamado.

#### IV

O serrote rangeu nas tábuas velhas, o carapina ia e vinha nos movimentos íntimos da arte de fazer o caixão do morto com dedicação para que todos vissem. Aos poucos ia tomando forma na madeira a competência das mãos solidárias, as intenções de um rosto calado, que cuidava de dar a Bituta um caixão decente, envernizado por fora, forrado por dentro com um tecido grosso de algodão. Os ruídos no serrote arrelharam os ouvidos dos meninos, agudas as vozes deles com fome machucavam o silêncio do velório. Todos eles em torno do caixão, não entendiam por que a mãe estava lá dentro de corpo duro

e olho fechado. Com a ordem de Dalvinha, eles se afastam dali, cabisbaixos, cada um se apegando ao outro, já fora do casebre vagamundam intranquilos, para lá e para cá, pés descalços esmorecendo, bocas querem comida a todo instante.

Dedos magros de Dalvinha tesouram lâminas de papel de cigarro. Do silêncio concentrado, desenha ela corações e estrelinhas, enfeites que vão saindo dos cortes da tesoura e se amontoando em cima da mesinha. Nas bordas do caixão, alguns enfeites já foram pregados, sobre a tampa um anjo feito de seda e papel brilhante, escreveram os nomes dos meninos num pequeno pedaço de papelão preso à coroa de flores. Por que mãe não se livrou do caminhão de boi? Será que nessa viagem sem retorno, os olhos fechados num sono sem sonho, o corpo imóvel, afinal ela encontrava o repouso que a vida havia negado? Pergunta que ressoa dentro de Dalvinha, circula numa zona de saudade feita solidão que machuca e não desvenda essa hora que corta como faca afiada. O sofrimento tem asas na vida do pobre, é difícil um dia bom descer pela garganta. Por que a vida é boa para alguns e sempre dolorosa para muitos? A vida assim dividida os olhos nunca vão chegar a compreender. Os sentimentos de Dalvinha tentam perceber a razão dos dias sempre desiguais, nesse instante de mágoas, atravessando camadas espessas de ânsia, labirínticos caminhos no sem-fim de algo sempre indecifrável para ela. Atmosfera triste envolve o rosto emudecido, mostra tonalidades depressivas da palidez de suas paredes. Duros pensamentos, sentimentos amargos trazem agora andanças que a mãe

teve durante a vida inteira. Ritmo sem pausa de Bituta naqueles passos sempre os mesmos, todos os dias agredidos na aridez de um chão só de cascalho e pedregulho. Impregnavam o bairro com labuta, suor em círculo do tempo no esforço. Corpo com manhãs de calo, tardes de fissuras, madrugadas de uma nota só, daquela mulher gorda e um piano antigo, que nunca prestou para acordes suaves, qualquer música que não fosse a da vida que mira o céu sujo e o chão de sede e fome. Não via a hora de limpar a nódoa, como fazê-lo, se vivia do sujo que enganava a fome e adormecia a tristeza? Numas teclas que arranhavam as notas, a música que tocava era a da vida comendo os próprios olhos, no seu assalto impiedoso tornou-se hóspede do corpo maltrapilho, cheirando a vísceras de animal.

Aquela música, aqueles passos, ficarão como sons doídos nos ouvidos do bairro, em cada peito do morador novo ou antigo.

Como ladainha nas pedras, danação nas veias, sol roxo de martírio.

## V

Batido pelo sol de raios fortes e cortantes, o enterro movimenta-se com o povinho do bairro. De vez em quando os carregadores vão se substituindo, os punhos solidários doendo com o peso do caixão. Lavadeiras, areiros, pescadores, pedreiros, a cauda enorme de enterro mexe-se como um peixe de nado triste e lento.



Segue o povinho do bairro penetrado de uma atmosfera sombria, passos monótonos, rostos entristecidos lançados para o chão.

No casebre, o ar continua impregnado com os min-dantes dos meninos, vigiados agora por Risoleta Fuinha, vendo com dó aquelas porqueirinhas com o choro de renitente cantiguinha. Aqueles dois com os rostos virados para a tábua da parede, como que escondidos dos olhos do mundo, as calças nodosas e rasgadas. Os outros em nenhum canto permanecem, ora nos fundos, ora na frente do casebre: mariposas bailando agonia em torno de uma luz que fere e cega?

Sob os passos do enterro surge de repente um vento seco, a pervagar rastros e rostos no ar triste. Parece aquele vento querer acompanhar rostos cabisbaixos, afa-gar a onda enlutada que se move vagarosa como um bloco monolítico. Dá agora um corte no ar aquele vento doído, desvia-se um pouco do cortejo e busca célere os remansos do Cachoeira, ali mesmo pros lados da Ponte Velha, nas imediações do Poço da Marimbeta. Mergulha justamente num poço de águas cristalinas com pedrinhas redondas pousadas no leito, onde afirmam que ali está o reino da Mãe d'Água com o seu palácio encantado, feito de ouro e espumas coloridas, contam vozes sobre isso os pescadores do bairro mais antigos. O vento penetra aqueles recantos que a ninguém foi dado a conhecer e, voltando à tona momentos depois, movimenta em pequenos círculos as águas calmas do Cachoeira, para reencontrar-se em seguida, no percurso breve, com os passos do enterro. Agora é como se a

muitos a passagem daquele vento trouxesse a lembrança de Arnóbio, remando na canoa sozinho e pescando com a tarrafa, outras vezes tirando areia do rio para vender nas construções. Também traz a alguns deles calados a lembrança da cantoria de Bituta no barraco perto da Ponte Velha, certas notas que a voz arrastada dela tirava gemidas, como que escorridas por entre espaços sem esperança, no sempre da labuta, no inevitável dos dias soterrados em dó e lágrima.

Nos passos morosos segue o enterro, anjinhos vão à frente, os corpos magros vestidos num camisolão de tecido grosso, asas foram feitas de pena de galinha. Puxando o fúnebre caminhar daquela gente, os anjinhos estão levando margaridas, foram colhidas nos barrancos das margens do rio Cachoeira. Dentro do povinho, ninguém percebe os olhinhos de Ambrosino Teu-Teu, faiscentes qual águia astuciante e maligna, de bicho velho e recurvo, de voo preciso e traiçoeiro, sempre em busca de coelho distraído e inocente. Os olhinhos de Ambrosino Teu-Teu rapinam os peitos de Dalvinha, como frutinhas frescas e cheirosas forçam o vestido de algodão.

O enterro dobra o primeiro beco e irrompe numa rua calçada de pedras redondas, em cujas casas farfalham árvores frondosas nos quintais. Passa próximo à feira do Curral Velho de onde se avista, erguido no outeiro, cercado de palmeiras, o Hospital da Santa Graça. Inicia a subida de uma ladeira grande, numa reunião de criaturas mudas prossegue como se obedecesse a uma convocação antiga, muito antiga, a que ninguém nunca conseguiu evitar. Meia hora depois, desvia-se lá em cima

do Hospital da Santa Graça, aproximando-se do velho cemitério da cidade por onde, em descidas e subidas, cruzeiros e túmulos, desprende-se uma atmosfera só silêncio. Às vezes, essa atmosfera estranha do cemitério entremeia-se nas folhas das árvores espalhadas por entre covas e túmulos, sob o toque do vento faz-se canção ilegível que se propaga em surdina, num rigor de atitude impenetrável comandada pelo tempo..

Em sua caminhada vagarosa, entra agora no cemitério o enterro.

## VI

E como seriam sem Bituta os dias no Barraco Bom-Sereno? Iria ser bem sucedida nas vendagens? – Dalvinha se indaga sentada no caixote, ficou sem sono a noite inteira, só se levantando pra fazer alguma reza à Nossa Senhora Perpétua do Socorro e acender outra vela junto à imagem de barro da santa.

## VII

O rosto não esconde os traços apreensivos, o olhar caído para os pés pequenos, engolidos por uns chinelos grandes, empoeirados, velhos. Tão gastos que logo mostram que por ali outros pés estiveram, andando nos caminhos neutros do tempo, passos que, sem dúvida, não tiveram qualquer sossego.

## VIII

Na manhãzinha vem nevoento o frio. A neblina deita uma cobertura mortíça sobre casebres, becos, encruzas, ladeiras. Justamente no momento em que um canto hesita no ar, nascendo vagaroso de um dos barracos próximo à Ponte Velha. A voz um tanto esmorecida, ninguém ainda havia escutado, mas que os ouvidos do bairro não demorariam em senti-la perto. De maneira insegura, em suas cordas gemidas a princípio, a voz vai se alteando na manhãzinha e, pouco a pouco, ganha corpo para se transformar num aviso monótono, cadenciado, doído. Dalvinha movimenta-se no Barraco Bom-Sereno. Magras mãos arrumam a mercadoria sobre o balcão pequeno, os gestos ligeiros, aflitos, encobertos por camadas de neblina que se adensa em torno do barraco e esvoaça como toalhas em vários sentidos.

Ela escuta os primeiros passos na manhã e custa a acreditar na existência deles, logo trazem um sopro de esperança na medida em que eles vão se definindo. A boca emudecida é agora um só ponto aberto no rosto tenso, cujo olhar se volta na direção de dois vira-latas que caçam comida numa lixeira perto. Olhos de temor retornam então para o silêncio da ruela ali da frente, onde a neblina continua esvoaçando do chão úmido, com massas de fumo em suas tonalidades espectrais, laivos gelatinosos, flutuando em sua cor de prata fosca, própria das madrugadinhas.

Benditos sejam esses passos que, nessa manhã quieta, fria, chegam ao Barraco Bom-Sereno.

— Louvado seja!

E bem-vindo esse sol que pálido custa a se exprimir por trás das cabeças dos outeiros, onde nuvens formam uma cortina cinzenta.

— Que o pobre não recua entristecido em seu tempo de labuta!

Fios de tremor desaparecem dos lábios que a boca confrangia, no rosto que se mostrava súplice ante o silêncio deixado pela ausência de uma vida tão sofrida, mas que protegia como podia na dura passagem dos dias. Outro mundo então torna em círculo, que o pobre, como dizem antigos moradores do bairro, lança os primeiros passos precisamente de onde veio, desde cedo, na estrada que o aguarda para o clamor de momentos sofridos num tempo inconcebível.

Nos fundos do bairro, o sol avermelha nuvens sobre os morros, resvala os raios luminosos sobre a cobertura dos casebres. Quando a manhã vai se fazendo aos poucos um dia claro, acanhadas moradias reaparecem nas esquisitas posições, dentro os moradores do bairro nos movimentos costumeiros.

NO CÉU NUVENS LANZUDAS BOIANDO,  
HÁ DÚZIAS DE ASAS NEGRAS NO AR.

\* A história “Ladainha nas Pedras” participa da antologia “Visões da América Latina”, organizada pelos críticos e professores universitários Peter Poulse e Uffe Harder, publicada pela Editora Vindrose, de Copenhague, Dinamarca. Figuram nesta antologia, entre outros, Mario Vargas Llosa, Jorge Luís Borges, Miguel Angel Asturias, Artur Uslar-Pietri, Juan José Arreola, Juan Rulfo, José Donoso, Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade e Aníbal Machado.

# *Inocentes e selvagens*



**U**ma neblina densa passa vagarosa e envolve a fazenda por todos os cantos. Esfuma-se nos pastos da baixada e na Serra do Japu. O canto do galo pedrês acorda as galinhas no poleiro, fere as últimas sombras da noite e se perde sanguinolento por entre os vestígios da madrugada. Quando a manhã chega ao terreiro, a mulher não sabe o que fazer para acalmar as galinhas assanhadas em torno dela. A falta de comida torna inquietas as aves, umas ferem às outras com os bicos famintos. Há meses que não cai um pingo de chuva, a plantação de milho e feijão não vingou na roça trabalhada com tantos esforço e sacrifício. A única mão de

milho que a mulher joga no dia provoca nas aves uma danação que assusta e dá pena. Cruz-credo! De sua boca o cuspe sai violento, dá pra se ver no rosto a expressão de rancor, que se alojou nela desde que o tempo tornou-se abrasador na estiagem prolongada. Nas roças, os caqueiros estão parecendo visagem em seus ares fúnebres, com os galhos e as folhas secas. Muita plantação naquela cor sem brilho, que infunde medo, os olhos veem e não chegam a compreender, até as árvores altas mostram as folhas amarelecidas.

Esfomeados, os porcos estão grunhindo constantemente no chiqueiro. Fuçam nos pés das estacas, escavam em todos os cantos da terra seca. Não sossegam no trincar de dentes, à noite escuta-se o som metálico de suas ferezas batendo nas queixadas.

Todas as manhãs, o homem segue cedo para o curral pequeno, feito de estacas velhas e arame enferrujado, a cobertura de zinco furado. O homem vai tirar o leite da vaca Borboleta, que mesmo com os pastos sem o capim verde ainda dá cinco litros na espuma, sem falhar um dia. Não sabe como ela consegue dar esse leite, quente e bom. Não existe o capim verde para alimentar Borboleta, o pasto está com uma cor de ferrugem, o ribeirão é um fio d'água na baixada. Depois de feita a ordenha, o homem deixa uma quantidade pequena de leite no úbere de Borboleta para alimentar o bezerro.

O baque na cancela da estrada real desperta a atenção do homem, que acaba de soltar a vaca e entregar o balde com leite para o filho ir levar para a mulher, que se move agora na cozinha pequena da casa com paredes de

adobe erguida num outeiro. O menino avista com o pai os dois homens que vêm andando pela estrada real.

— Parece que é Seu Dorinato acompanhado de outro homem - observa o menino com os olhos espertos.

A neblina vai diminuindo no terreiro aos poucos, continua lá na serra com suas toalhas gelatinosas, esbatendo-se entre as árvores nativas, de tronco grosso e copa frondosa. A neblina aparece inclemente na madrugada, nesses meses de estiagem forte, penetra os ossos e corta como lâmina afiada. A terra já começa a receber na baixada os raios de um sol quente, que logo mais irá queimar tudo que existir como plantação verde. A paisagem ficará iluminada por todos os cantos, os ares abafados, como nunca acontecera na região do Japará onde a chuva sempre caiu grossa nas estações estáveis.

Os dois homens chegam limpando o suor do rosto. Seu Dorinato, o dono da fazenda Boa Sentença, dá o bom-dia com o rosto aborrecido, fixando os olhos nos cacaueiros da roça ali atrás do curral com as folhas secas.

— Só mesmo os credores me faziam vir aqui nesse momento - ele diz numa voz triste, acrescentando: — Quem vendeu o cacau antes da safra para entregar no futuro, vai enfrentar um tempo difícil para efetuar os compromissos, com tanto sol e tudo seco ninguém vai ver um só fruto do cacau na época da colheita.

Pensativo:

— Só se vê fazendeiro vendendo a roça de cacau e ninguém arrisca comprar nem por baixo preço.

Ao lado do fazendeiro, o outro homem que veio



comprar os porcos: alpercatas de sola grossa, camisa por fora das calças, queixo de ponta no rosto vermelho, os olhos frios, quase imóveis, neutros.

— Onde estão os porcos?

— Estão magros.

— Onde estão, Abdias? – a pergunta repetida na voz de Seu Dorinato infunde respeito.

— Estão magros, há semanas não comem nem mandioca nem jaca. Só estão comendo folha de bananeira.

Após acender o cigarro feito com fumo enrolado na palha de milho:

— As trovoadas não demoram, as águas caindo tudo melhora, os porcos vão ter comida farta e engordam em pouco tempo.

Com a voz mansa:

— Digo isso porque vi no minador da roça velha um fio d'água descendo pela terra.

— Não quero mais criar porco aqui na roça, ainda mais com esse tempo seco e até as dívidas pequenas crescendo.

Os homens caminham até o chiqueiro, irascíveis os porcos lá dentro, os dentes trincando na manhã que prossegue com suas lâminas de calor.

O comprador com os olhos sagazes:

— Esses bichos nem podem sentir cheiro de gente.

Sem qualquer interesse:

— Pior que a magreza vai ser o transporte deles até o embarque de caminhão na estrada real.

— Isso não é problema.

— Como não é problema?

— Abdias sabe guiar os bichos.

O comprador faz os cálculos, examina os porcos atentamente, olhos saltados das órbitas no gesto de repulsa e desprezo.

— Posso até fazer uma proposta por esses famintos.

— Qual?

— Fico com todos na base da arrobação.

— Impossível. Só pra engorda devem ser vendidos e não pelo peso.

O comprador tranquilo:

— Só na arrobação mesmo.

— Quantas arrobas você dá por eles?

— Duas arrobas, um pelo outro: talvez nem dão 80 arrobas todos eles.

— E qual o seu preço por arroba?

— O mesmo preço que é pago na região.

— Negócio fechado com as 40 cabeças.

É quando com a voz tímida interfere Abdias.

— 39, Seu Dorinato.

— Não estou entendendo.

— O porco reprodutor, todo pintado no pelo, é do meu menino Dadico. Ele comprou na feira quando ainda era um leitãozinho, tinha sido apartado da porca há poucos dias.

— Como é mesmo?

No ar quente vibra a pergunta de Seu Dorinato, na verdade não passa de uma afronta que fere um rosto apreensivo. Aloja na garganta de Abdias uma massa de humilhação, que ele bem conhece em seus modos antigos. “Quem já viu naquelas bandas qualquer animal ter como

dono filho de capataz ou roceiro?” – pensa o fazendeiro com uma cara feia.

— Pois foi, é o que afirmo.

— Lamento que só agora eu venha saber isso, mas nada posso fazer, o porco de seu menino também está vendido.

Escutou a conversa do fazendeiro com o comprador dos porcos e a observação feita pelo pai acerca do porco que ele havia comprado na feira quando ainda era um leitãozinho. A venda do porco Pidão com os outros porcos repercute dentro como um sinal ameaçador, indicando grande perigo. Sente um enxame de abelhas zumbindo nos ouvidos. Levanta-se nas pernas sem equilíbrio, cheio de medo com aquela decisão tomada pelo dono da fazenda Boa Sentença, onde ele nasceu e cresceu caçando passarinho com estilingue, armando a arapuca e botando o laço para pegar os bichos. Onde se uniu na amizade com um porco, que causava espanto a quem visse como se fosse coisa do outro mundo. Por que o porco Pidão foi se meter no meio daqueles bichos famintos? Tomaí, porco desobediente, como um castigo vai ser também vendido. Pensamentos vão passando por entre magoados gemidos. Os passos agoniados encontram, enfim, a velha mangueira perto do açude. Lugar escolhido como abrigo quando alguma coisa ruim acontecia e o deixava bastante aborrecido. Olhos espertos piscam agora sem brilho, circulam quase sem vida numa paisagem íntima, que se formou de aventuras pelo mato a dentro. Com as travessuras de

um menino e um porco com suas maneiras manhosas, bicho de tanta estimação pelo dono que era tido como algo que não tem preço.

Nesse instante de tristeza, somente ele e nada mais. Numa paisagem que se ressentia dessa vez dos ventos soprados com alegria. De pés afoitos que caminhavam por trilhas e atalhos, acompanhados de um porco especial. Mãos de cata-vento vasculhavam os cantos do dia e, quando ele retornava para casa, vinha com o bernal cheio de descobertas, momentos generosos que o tempo oferecia.

Comprara o leitãozinho numa manhã de verão. Na feira da cidade que tudo tem, movendo-se naquela onda cheia de gente que vai e vem. O céu estava como um espelho, nuvens alvas que formavam bichos mansos, barcos de algodão, enormes cogumelos. Quando chegou da feira, logo apressou o pai Abdias para que retirasse os caçuás do burro, sabendo que o leitãozinho fora acomodado no fundo de um deles. Os olhos espertos tinham um brilho forte naquele momento, admirados com o leitãozinho amarrado pelas pernas, o focinho nervoso, dentes trincando e esganiçando gritos. Quando foi desamarrado, ergueu o focinho num tremor engraçado, andou ligeiro e quase se batera nas pernas do menino. Farejou um monturo de lixo e lá se foi apressado, todo gozoso e roliço.

— Corre logo, bichinho, passa a conhecer seu terreiro!

Naquele mesmo dia recebera o nome de Pidão, rapidamente passou a ser as preocupações, os cuidados e os caprichos do menino Dadico. Sua comida era mandioca e milho verde, a água na gamela estava sempre limpa,

a dormida ficava num cercado que o dono construía atrás do galinheiro. Com o passar dos dias, o leitãozinho foi encorpando e ficando cada vez mais apegado ao menino. Simples era a linguagem que o menino usava para ganhar a afeição dele. Agrados escorriam porombo e barriga, era costume ser recebido com alegria quem chegava com o focinho inquieto, farejando o ar e remexendo a terra. Sujo por andar se banhando nos buracos grandes da terra enlameada.

Passados uns cinco meses, Pidão mostrava-se com as papadas cheias de gordura, as pernas fortes e mais ligeiras. Os trabalhadores da Boa Sentença nunca tinham visto um apego daquele entre um porco e um menino. Nas roças de cacau, nas caçadas de passarinho, nas armadilhas para pegar bicho-de-carreira, nas pescarias pelo ribeirão ou na lagoinha, eles dois lá estavam. Um não dispensava a companhia do outro. Os roceiros faziam comentários entre eles acerca das travessuras entre o porco e o menino. Era o porco que nem cão de guarda ou de caça? Seria um bicho possuidor de alguma magia ligada ao mundo sobrenatural? Nas indagações ninguém encontrava a resposta que explicasse a razão daquela amizade entre o menino e o porco. Alguns achavam que naquele apego entre os dois havia se metido a mão de Deus. O menino sabia que o inverno era venturoso, o verão tonto de azul com as suas surpresas e descobertas esplêndidas. Aquele porco manhoso com cada esquisitice deixava o pai do menino encabulado e a mãe incrédula com o que os olhos viam através das cenas costumeiras.

O porco Pidão tinha o pelo arruivado manchado de pequeninas bolas pretas, as pernas compridas. Seu corpo era até certo ponto grande para um porco mestiço. Rapidamente se alastrara sua fama de bom reproduutor, seguro e possante, porca houvesse na Boa Sentença e nas fazendas vizinhas para que ele cobrisse. Certa vez ele brigara com uma cobra enorme, de igual para igual. Chamara para si a atenção do inimigo, que traiçoeiramente já tinha o bote preparado para ser lançado nas pernas do menino. Travou-se renhida luta entre o porco Pidão e a cobra grande, do tamanho de uma vara grossa e comprida. Ficou equilibrada porque o porco sabia ser paciente, usava esperteza durante os botes que a cobra desferia. A cobra com os botes sucessivos buscava atingir qualquer ponto de um corpo roliço. O porco Pidão esquivava-se com voltas e recuos, escorregava por entre as moitas do mato, procurava assim cansar o inimigo, que não desistia de lançar os botes em nenhum momento. E mais botes perigosos eram enviados de um corpo que se arrastava insidioso, às vezes parava, erguia-se, encolhia-se, dilatava-se no arremesso mortal para um alvo corajoso, grunhindo. O porco afastava-se rápido e evitava que a cobra atingisse com o bote qualquer ponto de seu corpo, cada vez mais inquieto. A luta, que já durava quase uma hora, estralava os matos, deixava na terra marcas dos pés do porco Pidão e trilhas de um corpo peçonhento.

Do galho da jaqueira, o menino via todas as cenas, nada podendo fazer para que a cobra fosse derrotada na briga.

Aflito:

— Corre, Pidão, pelo amor de Deus, antes que seja tarde!

A cobra e o porco desapareceram numa ponta de capoeira, os matos eram amassados com a passagem deles dois. Na danação da briga, o porco soltava grunhidos fortes, a cobra o perseguia sem dar trégua, parecia que ia crescendo de tamanho chão a dentro, na medida em que a briga demorava e ficava mais feia.

O porco Pidão só foi aparecer pelo entardecer no terreiro. A língua de fora, fios de baba pela boca, o sangue quente no corpo ainda agitado. Talvez soubesse que a grande vitória foi salvar o menino dos botes de um inimigo terrível. Na guerra que tivera com a cobra, se não foi vitorioso, também não saiu vencido. Mas sua fama de porco que não tem medo de enfrentar cobra venenosa correu pelas outras fazendas. O menino chegava a dizer que ele era um lutador invencível, botava pra correr até onça parida, cobra no ninho e jacaré no choco. Nem do lobisomem nem da alma penada tinha medo.

O verão entrou pelas outras estações, prosseguiu no calor de brasa viva, terra seca e pouca água. Os fazendeiros bem tristes com a paisagem definhando perante o céu sem um fiapo de nuvem. Os semblantes desolados com a criação de animais e aves sem comida, nas estradas só a poeira grossa, os ribeirões morrendo. Abdias falou que se o tempo continuasse naquele castigo, o porco Pidão ia cair na faca, melhor ser abatido do que ver o bicho com as costelas de fora, emagrecendo.

— Onde anda esse porco, Dadico?

Susto danado:

— Nem faço ideia, pai, há dias que ele anda sumido, se já não morreu de fome e virou comida dos urubus carniceiros.

Com os olhos de assombro, foi logo se afastando do pai, que há pouco instante chegara do curral onde fora curar com creolina a bicheira da vaca Borboleta.

Acreditava que o seu segredo nunca haveria de ser descoberto. O porco Pidão estava bem guardado no esconderijo que ele encontrara, entre as pedras grandes, na Serra do Japu. Dias depois, o pai recuara daquela intenção de abater o porco, Pidão aparecera de repente no terreiro contra o gosto de Dadico, em estado de causar pena. Afastado do menino, sem as travessuras costumeiras, não conseguira permanecer no esconderijo lá da serra muito tempo. Faminto, sedento, havia nele uns ares tristes de bicho esquecido.

“Antes nunca tivesse aparecido no terreiro, valia a pena ficar só com pele e osso lá no esconderijo das pedras grandes na Serra do Japu, mas salvo de ser vendido com os outros porcos. Por que entendeu sair do lugar onde estava protegido? Por que não ficou no esconderijo mais tempo? Tomaí, porco besta, veja o que arranjou agora, vai ser vendido com os outros, pesado na balança, castrado pra engordar, de novo pesado quando desse no ponto pra ser abatido, com o toicinho fazendo dobras no couro e a gordura balançando nas papadas pra quem botasse os olhos de usura em cima dele e logo lambesse



os beijos e zapt faca afiada nesse bicho lerdo e gorduchento, que é chegado o momento...”

O coração que bate célere impele o corpo adolescente no gesto corajoso. Os homens já iam próximos à cancela do pasto que serve de dormida para os animais de serviço. Pararam de repente quando ouviram um barulho que vinha do chiqueiro. De lá o vento trazia ruídos de bicho na sanha, querendo derrubar tudo que encontrasse pela frente. Assustados, retornam na carreira apresada. Avistam os porcos querendo fugir pela portinhola do chiqueiro, todos ao mesmo tempo. Em cima do mourão, o menino segura a portinhola do chiqueiro. O porco Pidão consegue fugir primeiro com mais seis porcos na carreira estonteada. O menino sorri de contente. Não percebe quando o homem saca o revólver e dispara seis tiros na direção dele. Um dos tiros derruba o menino para dentro do chiqueiro, logo o corpo passa a ser disputado pelos porcos famintos. Um salto relâmpago impele o pai Abdias para dentro do chiqueiro. Ele cai no meio dos porcos já com o facão a desferir golpes sucessivos: na queixada, na perna, na estaca, no arame, no focinho, na terra, na orelha, no lombo, na papada, em tudo que encontra pela frente. E, após desferir golpes sucessivos e certos, consegue, enfim, o pai retirar do chiqueiro o corpo do filho.

Difíceis agora os passos numa dor que penetra veias, coração e nervos. As pernas cambaleiam, com esforço respira, nos braços o corpo do filho.

- Por que, por que isso?
- Só atirei para amedrontar o menino.

No resto do dia, a terra como se fosse irromper numa fogueira enorme, de tão abafado o ar, num calor intenso. O sol ainda não desapareceu com a tarde por trás da serra. E algumas nuvens cinzentas, vindas dos lados da Serra do Japu, passam vagarosas acima dos pastos da baixada. As nuvens tornam-se maiores quando passam acima do curral e seguem na direção das roças de cacau. Quando a noite chega do céu apagado de estrelas, o tempo está armado com nuvens negras e pesadas, prenunciando felizmente ventos fortes e aguaceiros. A princípio é uma chuva fraca que cai, os pingos batendo no telhado da casa e no zinco que cobre o curral velho.

O homem acende o candeeiro, a luz em cima da mesinha como uma língua irrequieta forma figuras disformes na parede. Gemidos da mulher misturam-se com o chio dos morcegos, asas negras passam assustadas pelos cômodos no voo baixo de arrepio e medo. Lá fora, com o andar arrastado, o homem atravessa o terreiro, a chuva engrossa na noite escura, cortada por relâmpagos sucessivos. Os pingos fortes batem como bolotas de chumbo quando caem na terra centenária. As veias da terra ficam intumescidas com a força da chuva trazida pela noite negra. Na pobreza das vestes aquele vulto magro, todo encharcado, passa pelo curral e segue em direção ao chiqueiro.

Ali no chiqueiro ele permanece sentado num pedaço de cocho feito de tronco de jaqueira velha, a madeira lascada pelos porcos na fuga. Parado, solitário, triste. O rosto úmido em contato com as mãos que apalpam na ausência um menino amigo de um porco e um porco amigo de um menino. Na maior, mais desinteressada e estranha amizade que o mundo pode conceber. Ele sabe que nunca vai esquecer isso. Na vastidão da noite que segue escurecida, com ventos fortes, relâmpagos e aguaceiros.

\*O conto “Inocentes e Selvagens” conquistou o Prêmio Miguel de Cervantes, patrocinado pela Casa dos Quixotes, Rio de Janeiro, para autores de Língua Portuguesa, em 1966.

# *Coronel, cacaqueiro e travessia*



**P**ra que se viver em fim de vida? Só mesmo pra ficar o dia inteiro amassando os passos da amargura, muita dor e tormento. Certo que o sol queime os cacaqueiros nos anos de verão forte e faça gerar as grandes crises por falta de safra, coisa que ultimamente tem acontecido. É, é esse vexame a bater de porta em porta despejando sem cessar sua carga de desgosto até em grande fazendeiro. Isso até que se suporta com certo conformismo, o que se pode fazer quando a ingratidão vem por parte do tempo? Nada, nada mesmo. Nada se pode fazer quando tudo é desacerto sob os passos desse calmo e avantajado boiadeiro. O tempo. O TEMPO. Agora, duro,

duro de se roer, é quando o ano é bom de chuva, farto de lama por tudo quanto é escondido, os frutos pocando nos galhos e no tronco, e nada de se vender cacau por falta de bons preços. Quando aqui cheguei no início era até bom o ano de estio. De sol forte mesmo. Quando nem carecia usar sagacidade pra se adquirir roças novas em terreno que desse produção boa. Era até de fazer dó a gente olhar aqueles roceiros cabisbaixos, uns olhos entristados, se aproximando como bicho acorrentado e a oferecer suas lavouras a qualquer preço. Agora que vejo e revejo tantos passados, chego desgostoso a um só pensamento, que o cacaueiro não é uma árvore boa, mas um castigo terrível, fora mel, dentro fel, qualquer coisa enfeitada com seus caminhos de usura e ciladas do demo. Quando não é a falta de chuva escasseando as safras, é a fartura das águas se alastrando por tudo quanto é terreno, mas por onde andam os bons preços? Sempre nessas horas críticas um deserto sem esperança em seu eterno paradeiro. E já se comenta aos quatro rumos do vento que são os gringos no estrangeiro os reais donos da lavoura. Não se diz por aí que na dependência dos interesses deles é que o Governo firma os preços pra compra e venda do cacau? Miséria de Governo que durante o ano todo vive de sugar o sangue alheio!

ó

tempo  
infame

e quando é que vai terminar este cheiro de cacau mofo que asfixia feito poeira do inferno?

(Um dia de sol quente. Ar parado em seu brilho intenso. Raios de sol penetram os vidros de portas e janelas. Lá dentro flutua grande quietude na sala de visitas. Fitas coloridas de um sol com brilho coam a poeira fina do ar, envolvem um jarro com flores murchas sobre a mesa de jacarandá. As cadeiras vazias com o assento feito de couro de zebu. Forte calor ativa o cheiro ardido de cacau, no armazém ao lado os sacos arrumados até o teto: as casas vizinhas invadidas por aquela atmosfera de mofo, de coisa velha e pano encardido. Uma atmosfera que circula sobre plantas e o cacaueiro no jardim, árvore que foi plantada com a sabedoria de suas mãos, pacientemente adubada com estrume de gado e que, de maneira estranha, de repente deixou de dar frutos. Guarda do sobrado do coronel, sentinela de um mundo solitário, galhos de cacaueiro estendem nas paredes da varanda sombras pavorosas. O vento passa mais forte nesse momento. Sombras se metem pelo quarto, figuras terríveis movem-se nos cômodos de cima, infundem medo a uns olhos esbugalhados no rosto tenso. Os vizinhos escutam o descarregar do revólver, tiros que brocam o forro e as paredes, uma voz rouca que esbraveja, o coronel a excomungar a família, o destino, o mundo inteiro.)

e      esse

tempo desditoso, dia e noite no calor de seu jugo maldito. O mundo cada homem deve fazer do tamanho que o coração deseja, mas só que nessas bandas a gente vive a sofrer o tempo eterno, nunca se sabe se estamos

no mundo dos mortos ou dos vivos, se a gente anda por um sonho cheio de frutos de ouro ou se tropeçamos feito cego que procura uma saída no escuro. A febre dos cacauzeiros é como uma luzinha que se enxerga longe com a sua chama azul e que vem chegando de mansinho e que na escuridão de olhos e ouvidos pega a ter encantamento e como um feitiço enraizado germina sob a pele e esquenta o sangue todo e algo vivo e de perninhas ágeis e nervosas começa seu trânsito de agonia pelos caminhos do pensamento. Felizes são aqueles que descobrem logo cedo que a vida não passa de uma armadilha que não falha, aqueles que não encontram na morte o pavor de todo coração, os sabedores de que tudo isso aqui embaixo não passa nada mais e nada menos de uma simples travessia e que acreditam nisso aqui como uma passagem que se faz pra outro reino com seus grandes pastos verdes onde tudo é alegria e canto e paz e abrigo e fortuna de pássaro na sensação de um voo perfeito.

(O tempo prossegue abrasador. O coronel lê em voz baixa a notícia em letras grandes na primeira página do jornal. Letras sobem e descem por ondas de rancor, um fogo queima-lhe as entranhas, dentes ocultos de uma visão aterradora soltam sua sanha por aquele espaço do jornal. Protestam os fazendeiros contra o descaso do Governo e clamam medidas urgentes para solucionar o preço baixo do cacau. Uma crise sem igual na história da região, no curso desse território que já nasceu indômito, que de tão rico e imenso se perde nas próprias curvas do tempo. Vejam vocês. Imundos, corja de porcos, raça de

mendigos. Idiotas que nunca aprendem com o desmandado do Governo, e que ainda por cima pedem a união da classe dos fazendeiros nessa hora crítica, e vejam, vejam só, vejam só isso, ainda estão convidando o povo em geral para participar de uma passeata gigantesca pelas ruas e praças da cidade. Tropa de bandidos, bando de incompetentes, quem já viu povo fazer greve ou passeata pelos vexames de fazendeiro? Vocês já se esqueceram que há pouco tempo fizeram uma passeata monstruosa e formaram aquela pilha enorme de sacos de cacau na Praça Pioneira e sob o bombardeio dos discursos clamaram e exigiram mais respeito por parte do Governo com a lavoura cacauzeira? Se esqueceram, hein? E que depois botaram fogo nos sacos cheios de cacau e fizeram aquela enorme fogueira e ficaram de mãos dadas cantando e dançando em volta da bandeira do Brasil e todos naquela cantoria até o sol aparecer, rogando esmolas ao governo. Por acaso adiantou alguma coisa todo aquele alvoroço que mais parecia festa organizada pelo demo? Uns palermas metidos a sabido, que nunca aprendem que o sábio é aquele que não erra, sabido só erra uma vez, besta é quem erra sempre. Não deviam fazer o que fazem, não deviam, porque nada do Governo vão conseguir com isso. E o pior que é só chegar o tempo de eleições ficam todos prestativos, cada qual a querer mostrar mais prestígio, banquete pra aqui, banquete pra ali, e a encher as urnas com os votos comprados no dinheiro. E depois de apuradas as eleições ficam todos eles acovardados, sem o mínimo de coragem pra cobrar dos candidatos eleitos as promessas ofertadas em festa de palanque e passeata



com filarmônica e pipocos de foguete. Ficam todos de rabo encolhido, naquela lenga-lenga feito mulher sem marido, governo pra lá e governo pra cá, que a região vai ficar na miséria se o cacau não tiver bom preço, e por aí descambam nessa ladainha que não para em seu choro moído como se o Governo fosse um espantalho de mil pernas trazido pelo rabo de algum cometa desconhecido. Eh tempo, eh tempo, meu tempo, aquele tempo bom que não volta mais, hoje é tudo diferente, vontade de coronel não é mais lei sob o comando do revólver e do rebenque. Hoje é somente isso: cordeirismo sob os dizeres de ordem e progresso. É a nova lei, os novos rumos do vento, e não se acha um só lugar nessa cidade que o infame do Governo não tenha plantado seus domínios).

## OUTROS TEMPOS

e Fernandinho? o filho que sempre imaginei como um advogado competente de palavreado fácil, sabedor das leis como nunca ocorresse nesses lados, defensor a toda prova da honra, interesses e direitos da família. Pouco tempo ele demorou pra mostrar o fel da traição, aquele filho gerado com a força do meu sangue. Logo quando ele retornou da capital formado, apareceu com aquelas falas imperiosas e uns olhos que quase não buliam, tamanha a arrogância que se mostrava neles. Interessante é que ele não gostava de usar o anel de doutor, argumentava que quem identifica o homem são os próprios atos e não o cargo e sem fazer a menor cerimônia vinha sempre com aquelas ideias nada do meu agrado quando se referia

a trabalhador de roça como uma gente massacrada que como qualquer criatura de Deus devia ter melhor sorte na vida e nunca a razão esteve do meu lado, sempre ele naquela renitência de salvador do mundo, sempre com tamanha afronta a desafiar os fios brancos de meu queixo, veja só, veja bem, hein?

## O U T R O S T E M P O S

olhe, pai, a terra tem que ser de todos, e nós, os pioneiros dessa região bendita, seremos os primeiros a dar esse passo gigantesco, dividindo nossas roças com todos igualmente, o homem só permanece escravo de outro quando não tem consciência de sua escravidão, e nisso é que consiste o perigo, veja só, esse novo Cristo a querer salvar a humanidade, aquele doido não escolhia ocasião pra divulgar suas ideias redentoras, fosse em tempo de comício, festa de quermesse, solenidade de batizado ou casamento, e até que aguentaram muito os fazendeiros, mas quando aquele abuso estava de mal pra pior não suportaram mesmo e botaram a goela no berreiro, assim não é possível, Higino, dê um jeito no seu filho, a coisa já passou dos limites há muito tempo e toma ares de uma situação horrível, e precisou a intervenção das autoridades com um inquérito volumoso que estourou feito uma bomba no meio de amigos e inimigos e foi aquela multidão de comentários espalhada por todo canto feito chumbo de espingarda e que não me deixava em paz um só minuto. Agora, filho sem juízo, vai pregar seu comunismo redentor lá na cadeia entre os doidos e os presos.

(As pernas descruzadas no gesto de rancor, o jornal bruscamente amassado que é lançado no jardim, nele escorre essa tarde de mormaço que febrilmente o inquieta em seu vagaroso silêncio. As costas molhadas de suor, o corpo acomodado na espreguiçadeira, faces mudas perscrutam densa quietude na tarde luminosa vidrando lá fora o azul do céu e o ar das ruas. As plantas no jardim em sua atmosfera de ausência e abandono. Rosas, hortênsias, dalias, violetas, margaridas, lembranças da passagem da mulher por esse mundo, que na morte teve enfim seu descanso merecido: aquelas doenças incuráveis que se repetiam o tempo todo de casados, com suas marcas inapagáveis, suas chagas que avançaram pelo corpo, mas que não conseguiram um só instante arrancar uma palavra de rancor daquele peito triste, sem alento e sofrido. Os olhos fixos no cacaueiro, maldita árvore que visita um corpo tenso nas noites de inverno e de verão, como se cumprisse um ritual vindo das profundas do inferno, como se quisesse sempre com asas tenebrosas empurrar seu coração aflito para o mais triste dos suplícios. Ele nunca havia entendido como a árvore deixou de dar frutos logo após o enterro da mulher. Nem se dava conta como a árvore cheia de beleza nas manhãs frescas era trucidada por uma voz de fúria, fremir de lábios vermelhos, tremor incontável que se debatia e explodia numa massa de débeis sentimentos. Espancada no verão, amaldiçoada no inverno. Tempo viesse, com o cacau de pouca safra ou sem preço, a árvore era judiada sempre. E ela continuou crescendo, pleno reverdor de raiz, tronco, galhos, folhas, flores, bilros, frutos e ventos. E acolhia serena aquelas pragas que se entrechocavam como

ondas violentas, cerne impenetrável feito de um doce e santo silêncio. E cada vez mais resplendia aquela atmosfera de mansidão e beleza, sombra de outras plantas, abrigo de outros abrigos, a árvore como um olho que sabe encontra paz ao ser penetrado dia após dia do azul do infinito.

De copa larga, no verão recato luminoso com suas folhas pestanejando leves movimentos. O coronel andava na varanda visivelmente intranquilo com a aparição dos frutos amadurecidos. O sangue no queimor das veias, olhos tensos de brilho, num rosto de rugas o fogo da raiva afligia. Peste de árvore que só faz espalhar desgosto. Espera, maldição sem fim, que já vou acabar com esse tormento. A mulher impedia a conclusão do gesto, o coronel com o machado na mão trêmula, corpo agitado que recuava de repente perplexo ante o castigo trazido naquela voz que infundia medo: Não, Higino, não! A desgraça não sairá de nosso sangue enquanto existir um dos nossos aqui na terra. E de olhos erguidos para o céu e mãos cruzadas no peito: A árvore é sinal da bondade de Deus, é de muitos frutos, é de muitas messes.

Rubro é o espaço dessa tarde que se escoia lentamente. As folhas paradas do cacaueiro, tronco e galhos brilhando com o sol da tarde quente, calor forte penetra raízes, fibras e nervos. Mormaço feito de muita luz e vagar da tarde mistura-se com o cheiro de cacau no armazém ao lado, sobreaquecida é a atmosfera na quietude do jardim. Mudos, imóveis, eles dois. Única voz é o silêncio que percorre os contornos da memória, fios invisíveis que se tocam e se tecem para a teia de uma irreduzível atmosfera de manchas pesadas, imprecisas em seu clima de angústia,

em suas nuvens solitárias por declives e rampas, picadas e abertas, trilhas e atalhos, lamaçal e sequeiro).

## NOVO CRISTO

e ele não sabia que pra existir o rico tem que existir o pobre, não sabia, hein? não sabia que Deus como o arquiteto do universo não iria fazer os dedos das mãos iguais? e dos outros filhos a cidade tão cedo não vai esquecer o outro escândalo que veio como a pior das desgraças a bater nesse peito velho e como eu poderia imaginar que aquela reunião em família era pra se exigir que o patrimônio fosse dividido, como poderia? e de mansinho foram eles chegando e foram fazendo aquele cerco e de repente emudeceram como se um esperasse pelo outro até que o mais velho ergueu a voz meio gaguejante e foi dizendo, — Que todos nós somos adultos responsáveis, que cada um há muito tempo já pode administrar o que é seu, que para isso saberemos zelar o passado de trabalho e de honra de nosso pai, e eu achando até graça em tudo aquilo e fui deixando todos eles falar e falar e falar e falar e quando não aguentei mais tamanha pancada em minha barba branca não demorei dois tempos e

## ACODE MEU DEUS QUE HIGINO QUER MATAR TODA A FAMÍLIA

e saíram porta afora feito doidos e um deles tentou pular o muro do jardim e caiu com o joelho sangrando no passeio e ficou ali a noite inteira murmurando e pedindo perdão e só falando em arrependimento e vocês viram cães

malditos que esse revólver nunca me saiu do cinturão? e tudo isso por causa dessa febre do cacau, que nessas léguas o homem só tem alento no dinheiro e na força do ouro vinda dos cacaueiros e mesmo aqueles que possuem tamanho poder sabem embora não se conformem que até o maior dos impérios ninguém leva dessa vida quando é chegado o derradeiro momento e que cedo ou tarde tudo mesmo vira nada e eu não me conformo com isso e até afirmo que se fosse possível não pensaria dois minutos e reuniria todos meus pertences e botaria num saco bem fundo e levaria tudo comigo e buscaria outra vida onde tivesse uma nova gente com outro trato e outro sentido sem s a f r a r u i m

e baixo p r e ç o

(O homem e a árvore. A árvore e o homem. Se escutam. Se falam. Emudecidos).

pra que mesmo se viver em fim de vida? e o que é mesmo a vida? olhar as águas de um grande rio com o leito a mostrar somente pedra e pó? é esse jogo que não se explica onde o homem vem rolando desde o início e termina sem saída? não existe uma única saída que a gente veja antes de se passar pro desconhecido? é possível que haja uma ou mais saídas e se houver que não seja desta vida pra outra pior onde só exista ambição e pobreza e solidão e

## M E D O

(Nos pensamentos graves silêncio de árvore. Na serenidade da árvore a tarde em declínio. E prosseguem).

um padre me disse certa vez que dentro de cada homem convive o bem e o mal, carne e mente, um lado sob o peso do pecado e o outro sob o comando do espírito, mas onde está o tal espírito que eu não pego e não sinto e não vejo? não sei até onde aquele padre velhinho quis chegar, mas sou reconhecido que dentro de cada um de nós carne e pensamento brigam por um só espaço e um só momento e cada um deles não se conforma com a presença do vizinho e sei também que o homem ainda não teve domínio de si mesmo e que cada coração tem sua fera e que

nessas bandas a lei da vida  
é comandada pela febre dos cacauei

ros

e que os bons se afastam dessas léguas todos eles passam longe e creio até fazendo sinal-da-cruz nesses confinsdemônio fezseuspastos cacau é febre febre feeee-eeebre serras selva vales ribeirões pedras ventos espinho. Deus existe? Fernandinho filho volta da cadeia filho Cristo salvou o mundo.

## SALVOU?

me digam? fim caminham todos jardim-mudo sobrado-silêncio sombras-parede quintal-latidos cacaueiro-silêncio castigo-castigo. Deus-existe? eterno-tormento vivo-enterrado enterrado-vivo ninguém-vai-antes-da-hora preço-sem preço verão-lameiro coronel-governo mel-fel

azul-feitiço escândalo-Cristo escândalo-tiroteio carne-  
-espírito jogo-saída fechado-beco? vencedor-vencido im-  
pério-pó uma-só-alma-não-me-socorre ninguém-vai-an-  
tes-da-hora flor-mofo poeira-inferno não-pego não-sinto  
não-vejo raiz-tronco-galho fartura-ouro barato-sem-preço  
maldito m a l d i t o malditocacaueiro

## MALDITO

(Um cheiro de mofo exala-se dos sacos de cacau no  
armazém ao lado. Abafada é a respiração do coronel na  
tarde quente que flutua monótona e se espraia sobre a  
cidade em seu ritmo luminoso carregado de azul e algu-  
mas nuvens brancas. Presos os olhos pálidos à árvore no  
jardim. Olhar imóvel e frágil que começa a se apagar no  
declínio agudo das ideias, na razão cujos fios tênues se  
esvaem como no estertor da chama de uma vela. Mãos  
que não esboçam leve movimento, unhas como casca  
de madeira velha, a pele grossa, intumescidas as veias. É  
quando surgem do jardim réstias de luz entre sombras fe-  
chadas, e de súbito sente ele os olhos, que nesse instante  
se encobrem de manchas escuras, a descobrir um verde  
longínquo nas folhas do cacaueiro. Verde que a princípio  
parece um ponto minúsculo, pouco a pouco vai emergin-  
do de sua aura esmaecida, configurando seus contornos  
luminosos de um tempo perene, mas que mesmo intenso  
nos frutos cor de ouro da árvore bendita nunca havia se  
comunicado com seus gestos. Porque nunca esse verde  
por seus olhos havia sido descoberto. Onda de mansidão  
percorre agora o corpo todo, a tomar o lugar daquela fúria



que sempre comandou os sentimentos, antigo rancor que nas crises das safras crescia vertiginosamente. Como se ele possuísse no peito uma aranha de mil pernas, pinças cuidadosamente armadas para o bote no momento preciso, para pulsar e jogar veneno nas batidas rudes de um coração em desespero. Lentamente pensamentos quase sem vida retornam com esforço de uma claridade frágil, se esboçam e crescem na memória, e se transmudam em imagens definidas. Passam os pensamentos sobre ondas de um etéreo fundo verde, porque verdes e com brilho estão as folhas do cacaueiro no jardim. Revelação súbita acende-se nos recônditos de um rosto emudecido, num recanto que translúcido se espraia por nuvens alvas e serenas, por um livre território em cujas margens um gado manso move-se sabiamente perdurando inocência. Um território que se confunde com os pastos por trás da serra na fazenda Bom Retiro. Aqueles pastos que ele mandara fazer com muito cuidado, em cujo escampo passa um rio sereno, de águas límpidas e frescas, onde como um tapete extenso o capim viçoso fora destinado a velhos animais. Os animais que cansaram com o tempo, que tiveram suas forças dobradas pelos anos, como tudo que na vida tem seu ciclo de existência, e que ali, mudos, quietos, passam a ter um repouso merecido. Um tempo de paz, noite e dia, um só tempo. Cheio de frescor, dormida calma e alimento verde. Gente, animais, paus, chuva, sol, lua, ave, pedra, vento, o eterno e o efêmero, uma passagem cheia de cores e doces movimentos ondula em torno de seus olhos. E fica flutuando cada vez mais em sua aparição rica de cores e luzes, a lhe mostrar outra paisagem feita

de sombras e abrigo, iridescente ternura onde bailam sucessivas folhas verdes, flores e frutos, brisa e relva, mansidão de ouro em reverdor de frutos amadurecidos.

ca ca u ei ro

Soltos no ar bailam frutos cor de ouro transmitindo em seus espaços luminosos um clima festivo. Árvore no céu, no chão infinita mansidão de cacauero. A uns olhos que se fecham verdes e pacíficos).

Então a árvore ressurgiu mais bela. Folhas murmuraram com a passagem do vento, delas saía uma canção que de tão suave parecia sua modulação emergir de um mundo feito de luz e encantamento. Sombras permaneceram em suas sombras. Já não eram figuras disformes que ameaçavam um rosto de medo, a balançar e a empurrar ventos pesados para os caminhos de uma noite traiçoeira. Para o túnel de uma noite solitária e opressiva.

O cheiro de cacau velho deixou de empestear a atmosfera. Foi logo depois do enterro do coronel, o cacauero botou as primeiras florzinhas. Andorinhas trissaram e circularam no azul da manhã linda. Brincaram alegremente na claridade de um céu que anunciava novo dia.

Numa manhã de sol a pino, os frutos apareceram no tronco e nos galhos, apinhados lançavam aquele brilho intenso de ouro que refulgia em torno e se espargia pelas outras plantas do jardim.

No telhado do armazém de cacau, inquietos os urubus pulavam com suas asas pesadas. Grotescas figuras que

espiavam agitadas murmúrios que saíam das folhas do cacauero como estranhos gemidos. Alvoroados, os urubus levantaram um voo cheio de ruídos. Passaram sobre a cidade como uma nuvem em pânico, pesada e escura. Lá se foram em direção do outro lado do rio. Buscaram as pedras altas das serras, longe, bem longe. Lá onde se diz estão seus esconderijos mais perigosos, despenhadeiros espantosos, cavernas sem fim, onde os caminhos de tão escuros se perdem em abismos incríveis.

Pois foi, fecharam-se em paz, definitivamente, os olhos.

O coronel Higino não sabia se sonhava ou morria.

\* O conto “Coronel, cacauero e travessia” recebeu Menção Especial no Prêmio Internacional de Literatura da revista Plural, México, concorrendo 817 textos de ficção curta de 612 autores, da América, Europa e Ásia, em 1981.

# *Velhinhos em suas notações do amor*



*“e ali onde respiram os cravos  
fundaremos um traje que resista  
de um beijo vitorioso a eternidade”*

Pablo Neruda

**—Ah,** se você soubesse como tudo mudou de repente e nada mais me trouxe alento nesta vida com a perda do meu velhinho. Desde que ele partiu só restou um vazio no coração, já não tenho mais interesse de fazer as coisas da casa, até hoje não sei como tenho conseguido suportar. É uma coisa triste que me tem como se tudo na vida não tivesse graça. Ah, meu velhinho, se você soubesse a falta que você me faz, como essas mãos estão à toa e essas pernas já não querem andar. As filhas vão bem, todas três estão casadas e me deram seis netinhos... Não, há muito

tempo que as duas mais velhas não vêm me visitar. Moram muito longe daqui, exceção de Vitorinha que até o mês passado viveu aqui na chácara. Foi por isso que você não se encontrou com ela. Você não reparou a casa dela toda fechada? Fizeram a muda num sábado pela manhã, só você vendo o choro dos meninos. Juquinha, o mais velho, não me deixou um só minuto, disse que não era pra eu ficar triste, nunca ia se esquecer de mim. Garantiu que todo domingo estaria aqui comigo. Eu já estava imaginando a hora difícil de passar por este momento, minha filha tão boa ficar longe de mim. Ela me adiantou no início do ano que o marido estava muito preocupado com as crianças, ele achava que elas já estavam crescendo e por hipótese alguma queria filho seu se criando no mato feito bicho. Ah, meu velhinho, se você soubesse a falta que você me faz. Desde que você foi embora, tudo mudou de repente. Não, não creio, você ainda era uma criança, no fim desse mês faz outro ano que ele foi embora de uma vez, pra nunca mais voltar. Ele tinha chegado da cidade um pouco cedo e ficou ali na sala o tempo todo acabrunhado. Ele me disse que estava aborrecido, chateado com certas coisas que andam acontecendo por aí. O que foi, meu velhinho, não fique assim zangado, me conte o que aconteceu com você, eu disse. Ele falou que ficou muito tempo na padaria pra conseguir comprar o pão, ninguém ligava pra ele, os balconistas eram uma gente grosseira, só atendiam os que estavam junto do balcão. Gente bruta essa que trabalha em padaria, não é minha velhinha? Hum, hum, hum, nos passos arrastados ele veio se chegando pra junto de mim. Recostou a

cabeça no meu ombro, ficando naquele soninho bom e quieto. Quando entardeceu, lembro bem que ele acordou com um vento frio que entrou de repente pela janela. O vento tirava um assobio doído nas gretas da parede da sala, circulando como se quisesse dar algum aviso. Ele abriu os olhos devagarinho e eu notei que ele fez um esforço pra conter duas lágrimas descendo dos olhos meio sem brilho. Naquele instante, confesso que senti um forte calafrio no corpo inteiro. Ouvi ele dizer: Olhe, minha velhinha, creio que hoje mesmo vou partir, sinto o sangue fugir das veias, o coração bater fraquinho. Deu um suspiro demorado, parou um pouco, fez um esforço e prosseguiu. Se conforme, viu, as três filhas estão aí pra tomar conta de você. Depois que ele assim falou, ficou ainda conversando com o médico e os de casa por algum tempo. Tentei aquecer seus pés com meias grossas de lã, vi que seus olhos estavam tristes e parados, fixos em mim. Ele queria me dizer alguma coisa importante, mostrando ter dificuldade para dizer o que era. Nunca vou me esquecer das últimas palavras que ele disse pra mim. Ouça, minha velhinha, sei que é pouco, mas o que eu deixo serve pra você ter sua velhice sossegada. Deixo a chácara, a casa alugada na cidade, um depósito no banco e um seguro para o caso de você adoecer. Falou que eu não ficasse triste, qualquer um de nós entra nessa vida pra um dia ter que sair, dessa maneira o mundo Deus põe e dispõe, nada se pode fazer. Recomendou pra que eu não deixasse de louvar a Deus nas minhas orações, não se esquecesse de pedir a Ele perdão pelas suas faltas. Acrescentou que dessa vida não levava rancor de ninguém, qualquer

dia desse eu ia me encontrar com ele, tinha certeza disso. Foi, minha sobrinha, uma morte doce, tão serena que até hoje toda família comenta. Mas acredite que eu não tive forças para ir até o cemitério. Fiquei o tempo todo a pedir às filhas que pelo amor de Deus esperassem mais um pouco e não levassem o seu caixão. E até hoje não sei como venho conseguindo suportar esses momentos sem ele. A vida de todos os dias sozinha. Nem sei até quando esse vazio que eu trago dentro de mim vai desaparecer. ... Não faço ideia quando é que a Vitorinha vai passar por aqui. Ela me prometeu na saída que breve viria me visitar, tão logo a família ficasse acomodada na casa que o marido comprou num dos bairros ricos da cidade. O marido de Vitorinha viveu esse tempo aqui comigo de cara fechada. Era ciumento por causa dos netinhos. Cheguei a ter conhecimento da própria boca dele que seus filhos não iam ficar mofinos por causa dos agrados da avó. Se dependesse dele, ninguém de sua raça ia crescer molenga. E o que eu podia fazer? Família tem dessas coisas, nem sempre é amor ou entendimento. É me conformar, não é, minha sobrinha?... Ah, meu velhinho, tão bom que esse ano você viesse me buscar, isso fosse feito o mais breve, se você soubesse a falta que você me faz, como tudo mudou de repente...

## II

Antes eles tinham o inverno quente, o verão fresco. Todos os anos, com carinho a casa era pintada. Permanecia com suas cores vivas num coração que seduzido de

encanto renascia. Pássaros cantavam no quintal. Dálías, rosas, girassóis, antúrios e margaridas eram regadas por mãos cheias de desvelo. Com a sua hora luminosa floresciam nos canteiros. Pelo cair da tarde, por um caminho calçado de pedrinhas redondas, eles desciam vagarosos até a margem do rio. Ali ficavam a olhar a paisagem, davam comida aos peixes com migalhas de pão. Por seus olhos com um certo tom azul, transparência líquida, as águas do rio iam descendo. Águas de dois rios agora se encontravam naquele trecho sereno. Seus cabelos alvos e sedosos oscilavam sob a aragem do Verão. Depois com as faces banhadas por uns raios mornos permaneciam de mãos dadas como se o sangue delas pulsasse numa veia só. Naquelas velhas mãos que, entrelaçadas, conversavam em silêncio.

Elas souberam que eram dez dedos que não queriam se separar. E acreditaram sempre que nunca se separariam. Como peixe e mar, raiz e chão, olho e luz, ave e céu. Das margens do rio voavam borboletas como grandes manchas coloridas. E eles se viam nos braços daquele pôr do sol, chegando sem remorsos àquela curva natural, num momento singular, cotidiano e pleno. Suas mãos tocavam outra vez o passado, o presente e o futuro, formando na pele e alma uma só cadência que os integrava pelo azul de estações frutíferas.

Um mundo de amor era entregue a eles nesse instante, a ressoar dentro uma música cujas notas nasciam do silêncio, com seus cristais raros carregados de existência. Como se tudo nesse instante fosse uma só brisa, uma só palavra, uma só flor.



Seus cansados corações viajavam na fantasia de um sonho, que, em som e cor, revestia-se de uma linguagem tão deles, colhida dos momentos em que a beleza se confundia com a ternura e a alegria.

Como mostravam os dois pares de chinelo largados no quarto vazio, gastos, empoeirados, um ao lado do outro, trescalando assim todo o calor que viesse de um beijo vitorioso do infinito.

# *Flor descoberta*



**H**ouve muito desamor durante anos. O coração batia num ritmo perigoso. Pulsava sob o peso das frustrações distantes e presentes. Raramente ressurgia por algum hálito de vida. Nesse instante queria então que o sopro da brisa generosa permanecesse no peito. Estava aliviado de sombras que ele bem conhecia, a florava no rosto o esquecido sorriso de menino, doce paz os olhos refletiam. Reencontrava-se fora do cerco de opressiva solidão. Era preciso que tivesse longe do pai para que isso acontecesse. Sim, o Pai. Palavras que lhe ensinaram dizer como gotas coloridas, saltitando na festa da boca pequena, de um canto para o outro.

Com a passagem dos anos, conhecera como aquela palavra fora se alterando em sua essência cativante, destruindo aos poucos o mundo protetor que encerrava. Hostil, enfim, passara a circular na mente. Uma mão forte fechava portas e janelas para que a vida não andasse solta lá fora. Cada dia que passava continuava a odiá-lo mais. Não sabia até que ponto podia suportar aqueles ares formados por nuvens carregadas de incompreensões, realmente não ofereciam nenhum entendimento entre eles. O tempo exibia um calendário no rigor de atitude que comanda, os dias sempre ressentidos de afeto. Certa vez os amigos disseram que ele tinha de se abrir mais, tentar compreender melhor o pai, como alguém que vinha de outro tempo, afinal eram gerações diferentes, mas que se sucediam e se completavam no fluir da existência. Achou que os conselhos não deixavam de possuir o seu lado de verdade, mas quando se via frente a frente ao Pai, usado como peça de um jogo sem sentido, relegado ao canto como uma coisa sem qualquer importância, percebia que a vida com toda a sua insensatez não lhe propiciava duas chances. Teria mesmo que se ajustar ao Pai, ou decidisse logo com todas as forças que pudesse reunir, tentasse se libertar o mais breve daquela convivência nada amena. Os amigos aconselhavam de novo, diziam que pai é pai, filho é filho, veja que um dia você vai compreendê-lo, poderá passar pelo mesmo, só Deus sabe os momentos difíceis que ele devia ter enfrentado para vê-lo como um homem nesta vida.

À mesa já não se falavam há muito tempo. Bocas pausadamente mastigavam, pressentiam-se sob o domínio do silêncio, olhos se vigiavam e pouco se moviam. O

filho a examinar o pai com cuidado, ali perto dele aquela criatura fácil de ser tocada, compreendida, amada, bastava ele fazer algum esforço, ter boa vontade como os mais velhos diziam, mas que se mostrava, em seu relacionamento diário, sempre inacessível. O filho e o PAI estavam separados por uma cortina de tecidos insensíveis, somente descerrada quando ele, o ser que dividia em parte o momento grave de sua vinda a este mundo, resolvia opinar sobre o seu comportamento. “Não está certo, filho, que você já nessa idade adulta e ainda continua a fazer as coisas erradas”. Para logo advertir: “Você nunca quer tomar juízo ou será que ainda não percebeu que um dia vai ser pai?” Um Pai. Cetro que dispõe sobre o destino do filho de maneira absoluta. Que coisas erradas estaria ele cometendo? Será que o pai nunca se dava conta de que o filho não recebia dele qualquer apoio para a realização de seus próprios atos? O filho era um animal conduzido pelo caminho que melhor conviesse ao seu dono, cujas mãos supremas podiam aqui e ali frear seus movimentos. Viver assim era horrível. Pensara que a fuga seria a única solução para cortar as amarras que o prendiam àquela alma sempre convergida para dentro de si mesma como se o mundo de fora não existisse, a não ser quando pulsava num tempo calculado feito de interesse e lucro. Vincos naquele rosto eram caminhos tecidos com a paciência dos dias, competições forjadas em noites de insônia, matéria que habitava os anos dentro de uma geografia árida. Várias vezes havia tentado a fuga como a solução definitiva. Voltara cabisbaixo para junto do Pai, amargando a derrota nos olhos submissos. Temeu mais uma vez

a repetição daquele gesto, principalmente nesse instante em que a mulher vai lhe dar o primeiro filho. Mais uma vez sentiu-se frágil diante do mundo. Sem poder discernir as fronteiras entre a coragem e a covardia. Para onde fosse estaria sendo comandado pelo Pai. Porque nele, independente de querer ou não, haveria sempre o Pai. Pois o fruto não se faz semente para se tornar árvore e como árvore ainda continua como fruto? O PAI. Poderia essa palavra ser aplicada a um ser que o tratava à distância desde o momento que percebeu ser impossível ajustá-lo ao absurdo de uma engrenagem onde somente existem as coisas materiais? Não, aquilo não era um Pai. E sim alguma coisa que realmente não fora feita para o lado ideal da vida, mas que cedo se inclinou para o círculo íntimo das coisas físicas e, com mão ávida, passou a vida exclusivamente vivendo com elas. Não se dizia na cidade que o pai tinha mais dinheiro guardado em casa do que os cofres de um banco? Ao Pai sempre pareceu definitivo na vida o poder que o homem adquire com a posse das coisas materiais. Morre o homem, fica a fama, o Pai gostava de dizer. Com a vida carregada desses sentimentos poderia o Pai ser encarado realmente como um homem? Muitas pessoas na cidade não hesitavam em dizer que o Pai era um homem admirável, exemplo de vida que deveria ser imitada, havia nascido em berço pobre e, com esforço, sacrifício, tirocínio, conseguira fazer um grande patrimônio. E fizera tudo isso sem nunca ter cursado qualquer escola, aprendendo a ler e escrever por ele mesmo, nunca havia recebido na vida ajuda de ninguém. Mas o filho só poderia concebê-lo como um ser desnaturado, uma vida

que em segredo tornou-se impenetrável como a dureza de uma pedra. Como o Pai receberia o neto quando o visse pela primeira vez? Criaturinha frágil que também vinha do seu corpo, transmitiria parte de sua alma e o continuaria nas estradas da vida. Principalmente porque o Pai sempre se opôs ao casamento com uma mulher de família com poucas posses, que de positivo nada traria, ao contrário só viria fazer peso. E na vida quem divide o que tem a pedir vem, o Pai gostava de dizer. Como o Pai reagiria? Ele pergunta a si mesmo, nesse instante em que mais uma vez sente o coração bater num ritmo perigoso, vasos comunicam-se num percurso obscuro, íntimo do filho que perdera a mãe ainda criança, foi crescendo distante do Pai, sem com ele manter, em todos os dias da vida, um diálogo pelo menos razoável.

Calado, o Pai sai do banheiro, cabelos molhados na testa, suave todo o corpo que se move com vagar. Como um animal que na água fresca se molha cansado, num dia de sol quente. Trêmulas estão as mãos da mulher, que entrega a criança àquelas mãos trêmulas, velhas. O filho vê o Pai caminhar para a cadeira de balanço e ali sentar-se com a criança nos braços. Nos velhos braços que aconchegam, tocada por olhos comovidos, amada é a criança por todos os vincos que são marcas profundas daquele rosto emudecido. O filho fica olhando o Pai que na cadeira de balanço embala o neto, sob vagares de uma música que vem do silêncio. Como num berço quente e sereno. E essa coisa que se chama vida faz nascer nesse momento olhos que cintilam, pousados naquela criaturinha aquecida na lã de um peito velho. Olhos vítreos com

amor sabem que nela habita também a sua voz, existe o canto de uma palavra que ele, o Pai duas vezes, entende muito, que lhe adoça a língua. E nele, o Pai, vento que corre os verdes ares da vida, território onde não existem os fracos no embate de todos os dias, coabita agora semente que se abre com a queda das chuvas e passa, em seus primeiros vestígios, a receber toda a força do calor trazido pelo tempo.

— Agora, filho, você vai conhecer o seu Pai – ele diz com as palavras saindo lentas de sua boca velha.

Nenhuma palavra será suficiente para revelar nessa hora o que se passa dentro do filho. Não desvendaria essa emoção que se desprende dos olhos vívidos e leva os sentimentos por um caminho que nunca havia sido percorrido. O filho com o rosto nas cores suaves daquela observação do Pai, nos entretons de certo amor há tanto tempo desconhecido e que também aflora nas vagas de um grave silêncio. Porque ele, o filho, sente dentro de si o coração no momento preciso em que o botão abre a flor esperada na manhã para o toque afetivo. Para fluir nos dias o sândalo do entendimento. O mesmo coração que vinha envolto numa couraça de rancor, prisioneira do desânimo circulava do estômago à cabeça uma convivência que doía: contatos aconteciam no mundo exterior de maneira inconsequente, distantes de tudo, ferindo no tempo ausente de brilho.

De seu silêncio continua o filho a olhar o Pai que brinca com o neto, a ouvir aquela voz que fala de esperança e coisas afins recolhidas dos longes entrevistos. Feita assim de matizes e tons molhados no amor, que dorme

um sono sábio e sonha candente pelas águas do tempo. No chão já se desfaz a ponte que se projetara em sua verdade sobre o abismo. No ar, uma linguagem simples interliga sensações idênticas, revela um clima de harmonia que entrelaça as duas almas de pai e filho.

Nesse momento em que sente havê-lo descoberto.  
Para amá-lo sempre.



# *Pai, filha*



## Colégio Coração de Jesus Convida

PAI,

De tuas mãos recebo Amor, Exemplo,  
Verdade. Somente Deus pode pagar-te.  
É por tudo isto que eu e meu Colégio  
Estamos preparando "Aquele Encontro".

... COM ELE  
... PARA VOCÊ

*Missa de Ação de Graças*  
*Local – Colégio Coração de Jesus*  
*Dia – 08 de Agosto de 1991*  
*Hora – 18:00*

---

### **Diário, 9 de agosto**

Pai, o meu Herói. Meu Super-Homem. Meu Amigo. E ainda é mais: Dignidade. Alegria. Esperança. Paixão. Joia. Saudade. Coragem. Amor. Segurança. Caminho. Presença. Inteligência, Saber. Força. Minha Riqueza. Pai, que mais poderia dizer?

---

### **Diário, 10 de setembro**

Pai, eu te amo, só que amar não é ser cego e assim como você vê defeitos em mim eu posso ver em você, só que você diz pra mim e não dá liberdade para eu dizer para você. Pai, um dia o senhor foi jovem e errou como jovem e sobreviveu, passe-me sua experiência, não se preocupe tanto com minhas topadas, mais importante que tirar as pedras do meu caminho é o senhor me ensinar como me levantar...

---

### **Diário, 10 de outubro**

não cobre sucesso em certas coisas, nem sempre vou poder realizar seus desejos, me dê menos presentes, ensine-me a pescar e não me acostume com o peixe pronto ...

---

### **Diário, 20 de novembro**

... carros, motos, passeios, namoros, roupas, viagens, aventura, festinhas etc são sonhos que todo jovem quer ter e não é por isso que eu vou me desleixar nos estudos, sei que sou um dos muitos problemas que o senhor tem na vida e que é difícil o senhor entender a juventude, mas faça um esforço porque eu faço parte dela...

---

### **Diário, 10 de dezembro**

... suas brigas com mamãe começaram a ficar mais fortes ultimamente e suas observações comigo mais frequentes, ande assim, sente direito, já fez os deveres escolares? Feche as pernas, por que essa blusa com a barriga de fora? fique quieta, tire a mão daí, vá depressa, desligue essa televisão, essa novela não é pra você, sua mãe não está vendo isso? Ande com menina direita, cuidado com esses jovens de hoje, só querem curtir, como dizem, primeiro os estudos, quando você entrar na faculdade, não vai lhe faltar namoro com um colega de bons pensamentos em você...

---

### **Diário, 3 de janeiro**

pai, ainda não sei separar a realidade da fantasia, trabalhe e viva normalmente a sua vida e deixe eu viver a minha um pouco, não adianta insistir porque eu não vou

acabar o namoro com o Raul pela simples razão de que a mãe dele é divorciada e o pai um gerentezinho de banco pequeno numa agência do subúrbio como o senhor gosta de se referir...

.....

### **Diário, 15 de janeiro**

o senhor não desiste mesmo e não entende que esse meu namoro com o Raul nada tem de sério e é só pra eu me divertir e conhecer esse outro lado meu e como vou conseguir isso sem namorar um garotão tão joia como o Raul? não se preocupe que eu não vou fazer besteira...

.....

### **Diário, 20 de janeiro**

... meu querido diário, eu hoje fui convidada para passar um dia na casa de praia daquela amiga que certa vez me fez um convite para que eu passasse um semana lá, lembra? deixe eu lhe contar como tudo começou: como já lhe contei, meu pai não deixou que eu fosse passar uma semana na casa de praia de minha amiga, me adiantou que só deixaria se fosse por um dia, mas o problema é que ele quer que eu vá pela manhã e volte meio-dia e acontece que a mãe de minha colega só vai pra lá à noite e volta depois no outro dia e aí meu pai não deixa que eu fique lá com minha amiga até a mãe dela vir buscar a gente, pois ele quer que eu volte no mesmo dia de manhã com a mãe de minha amiga, e isso é demais

porque assim eu não posso pegar uma praia demorada e ficar bronzada e me divertir um pouco com o Raul que combinou ir se encontrar comigo lá e aí está o problema porque a minha amiga me chamou para que eu fosse com ela na quarta-feira à noite e voltar sexta-feira pela manhã e aí eu falei que ia conversar com meu pai e eu vinha pra casa feliz da vida e cheia de esperança já que seria só um dia e não uma semana na praia e assim meu pai seria capaz de deixar...

.....

#### **Diário, 21 de janeiro**

... as brigas continuam entre meu pai e minha mãe e por último ela ficou doente e eu pensei que meu pai ia deixar que eu fosse passar um dia na casa de praia de minha amiga em reconhecimento pelo menos de eu ter passado de ano com mérito e aconteceu que não adiantou nada disso porque em lugar de compreensão e reconhecimento ele me deu foi uma bronca e eu como sempre fiquei chupando dedo e chorando e minha mãe foi ao médico e recomendou que eu não ficaria o tempo todo chorando dentro do quarto e fosse brincar com meu irmão pequeno...

.....

#### **Diário, 10 de fevereiro**

... depois que eu vi o repórter da televisão dizer pra todo o Brasil que meu pai estava com um romance com a

Ministra Cláudia Lins e que ficou no mesmo apartamento dela numa missão em Paris, eu fiquei de queixo caído sem querer acreditar nisso e vi minha mãe muito nervosa com os olhos grudados na telinha da tevê e as coisas melhoraram um pouco lá em casa quando meu pai chegou de Paris e disse que tudo não passava de boataria baixa da imprensa e que várias vezes quis entregar o cargo de Ministro da Justiça ao presidente que não aceitou e aí eu vi minha mãe ficar menos nervosa quando ele falou assim...

.....

## REVISTA ATUALIDADE

### “ A EXCITAÇÃO E A DEMISSÃO DO MINISTRO ”

1. O presidente decidiu não comparecer à festa dos 35 anos da Ministra Cláudia Lins. Lembrou da recente confissão da aniversariante sobre o namoro com Renato Machado, e sua intuição recomendava que não seria conveniente estar no Clube dos Ministros naquela ocasião.

2. O presidente ordenou ao embaixador Alberto Pereira que no sábado, dia 9 de março, instasse o ministro Renato Machado a colocar o cargo à disposição.

3. A conversa foi curta e objetiva.

— O presidente precisa do cargo, ministro, e deseja que o senhor peça demissão.

Renato ficou pálido.

— Eu estou sendo demitido, embaixador?

Expressão de terror.

Transpirava.

Balbuciou:

— O banheiro... o banheiro ...

Quase aos saltos voou o ministro em direção à ma-  
çaneta da toalete privativa, a 3 metros de distância.

Constrangido, o embaixador esperava.

O já ex-ministro retorna da toalete, vinte minutos  
depois.

— Desculpe-me, embaixador, passei mal.

Um prestativo assessor cuidou para que o ministro,  
com a cueca borrada e as calças molhadas, saísse sem ser  
notado.

.....

### **Diário, 12 de março**

...meu pai então disse à minha mãe que realmente  
tinha sido vítima de um complô vindo de certa parte da  
imprensa que inventou aquele escândalo do seu roman-  
ce em Paris com a ministra da Fazenda e que a impren-  
sa em qualquer sociedade é um poder muito forte que  
põe e dispõe qualquer ministro bastando ela querer e que  
se a onda vier da televisão nem é bom falar e lembrou  
que aquelas fofocas e disse me disse eram apenas uma  
nuvem que já havia passado e que tudo aquilo devia ser  
esquecido e que uma família unida no amor jamais será  
vencida e desse dia em diante que eu escutei essa conver-



sa dele na sala notei que as coisas lá em casa passaram a andar melhor sem briga nem bate-boca entre minha mãe que é a maior mãe do mundo e meu pai que é um cara muito legal mesmo... meu herói e meu amigo com inteligência, coragem, dignidade e saber...

# *Leninha Língua de Fogo*



**P**ais analfabetos. Trabalhadores na roça, a enxada teimando em cavar a terra seca. Seis irmãos e três irmãs. Subnutrição infantil, barriga inchada. O pai morreu de tuberculose crônica, a mãe de impaludismo. Dois irmãos de lombriga, três de amarelão e com perebas variadas pelo corpo. Os peitinhos começando a despontar no vestido encardido, as irmãs caíram no oco do mundo, uma após outra. A primeira vez que ela deu foi a um vendeiro de beira de estrada, por um pedaço de carne e um litro de farinha. Começa a fazer amor para ganhar a vida numa cidadezinha perto da roça onde os pais trabalhavam. Nenem, rapariga, mulher da vida. Vá-

rios abortos. Poucos anos no ramo, jovem, chega a Salvador. Passa fome. Rola pela Gameleira, Montanha, Barroquinha. Chama a atenção quando entra no Tabaris, em fim de noite com o seu querido, que lhe ensina a dançar até tango. Baixa, nem gorda nem magra, dente de ouro reluz na boca pequena. Presente do espanhol, apaixonadíssimo pela sua quentura que vem ali debaixo. Dono de um café numa das esquinas da Barroquinha, o espanhol. Bom fazer amor com você, mais calor seu corpo que o dia mais quente de verão dessa cidade. Fogo da peste vem daí de dentro desse talho papudo e cabeludo. O espanhol delira e sua e funga, rosto incendiado. Língua de fogo de Leninha acende labaredas por todo o corpo do espanhol. Ai, madre Espanha, estou pegando fogo com o calor dessa mulher, vou gritar, vou morrer. Leninha Língua de Fogo. Na cama. No salão. Na boca da noite. Na ameaça feita a uma mulata de bunda grande que quis tomar seu querido. Quando fala, cospe fogo, xinga a vida, porra pior do que essa só inventando outra. Caçada pela polícia por causa de uma navalhada que deu num cara que não quis lhe pagar. O cara ficou só babando o corpo todo dela, não gozava o nojento, um gordo e careca. Ainda querer se fazer de machão como se ela fosse trouxa e tivesse medo da farromba daquele sacana. Fora do puteiro por algumas semanas, se esconde da polícia como pode. Ganha o caminho do Rio de Janeiro, onde também no início vai passar fome. Ali na Cidade Maravilhosa não conhece ninguém. Várias entradas no Albergue Bom Jesus, na polícia por embriaguez e briga. Desenganada pelo médico de plantão do hospital Sousa Aguiar. Uma merda essa

vida, pior do que ela só inventando outra. Por sorte, uma amiga da Bahia, Das Dores, vai encontrá-la no pronto-socorro do Sousa Aguiar. Recebe os cuidados de Das dores; ao receber alta, vai morar com ela no quitinete da Glória. Fazem trotuar no Flamengo. Minissaia justa, barrigui-nha de fora, blusa decotada. Bolsinha prateada. Correia Dutra, Buarque de Macedo, Paissandu, Largo do Machado. Loura de peruca brilhante, cicatriz de faca no braço, medalhinha de Nosso Senhor do Bonfim na correntinha de ouro. Piranha, pistoleira, a mais atraente no trecho da orla, com a sua língua de fogo e boca de cuspir brasa. No quitinete a boca de sono, sem fazer nada. Não lê, mas gosta de olhar as figuras de homem e mulher peladinhos como vêm ao mundo. As várias posições da vareta no talho papudo e na rabeta. Quando pequena a fome deixava ela e os irmãos só pele e osso. No puteiro conhece outra fome, fome também do mundo, do homem pela caverna da mulher com o seu calor ali em baixo. Caverna com o seu calor que arde, atrai e se deixa penetrar por uma lâmina irada. Lâmina que vomita espuma quando atinge fundo o corpo que estremece no gozo. Melhora um pouco de vida no Rio. Leonina, torcedora do Flamengo, uma paixão nacional. Blusa rubro-negra, bandeira desfraldada, domingo vai ao Maracanã. Não sei quantas gargantas numa só voz, a rede balança, gol do Mengo, que felicidade! A vida que rola na bola, segue num delírio legal. Puta, putíssima, putona. Muito prazer. O momento maior no Rio, ao ser entrevistada com Das Dores e as colegas para o jornal O Dia, o mais lido pelo povão, um pratão cheio de notícias do crime nas favelas e no asfalto, de canto a

canto. Demais esse lance de sorte, deslumbrada diz ao seu querido, um mulato musculoso que gosta de usar óculos escuros, camisa colorida e sandálias. Único homem que dorme com ela no quitinete. Peruca brilhante para a foto na entrevista. Rosto de atriz de novela, maquiagem bacana, seios salientes de propósito, quase saindo do decote. Excesso de risos e gritinhos quando vê a sua foto, a de Das Dores e das colegas no jornal. A entrevista ocupa a página toda, no cabeçalho a manchete:

## **MULHERES QUE VENDEM O CORPO ACUSAM A SOCIEDADE**

Das Dores pede silêncio, comprou até óculos da moda para ler a entrevista especial concedida ao repórter Josué Nasser:

O Dia – Vocês praticam a prostituição por necessidade ou por simples prazer?

R – Eu estou aqui porque preciso.

Eu entrei aqui por prazer, agora tenho necessidade.

O Dia - O que é o mundo para vocês?

R - O mundo é tudo.

O diabo vestido de beleza, bonito mas não presta.

É bonito e presta, a gente é que não presta.

Eu não sei o que é o mundo. Só sei que eu sofro e sobro em cima dele.

O Dia - Por que vocês não tentam sair dessa vida?

R - Eu estou aqui porque meus pais não têm condição

de me oferecer o que preciso.

Quando eu procurava emprego, só queriam me pagar besteira.

Aí fora as pessoas só querem a gente pra trabalhar.

Em nosso ramo tem mulher que ainda é criança, umas nem peito têm.

Quando eu estava na idade dela, tentei trabalhar e só levei fumo.

O Dia - Vocês são bem pagas?

R - Quando a maré é boa, a gente fatura.

Na vazante, a gente se vira, aperta o cinto como pode. Quem não pode se fode.

O Dia - Qual a distinção que vocês fazem entre a sociedade e a prostituição?

R - A sociedade é uma ignorante.

Metida a boa e não presta.

Tem gente na sociedade com mania de bacana, mas nem comer pode.

O Dia - Vocês estão se referindo à sociedade em geral?

R - Não, eu sei que existem pessoas boas aí fora.

Tem gente metido a gostoso mas não passa de uma meleca.

Eu sou igual a qualquer pessoa, só não tenho culpa de estar aqui por causa da sociedade.

O Dia - Qual é o erro da sociedade?

R - É não mudar o que está errado.

Muitos dão um duro danado e não têm nada, outros não fazem nada e têm tudo.

O Dia - Vocês têm religião?

R - Eu não faço questão.

Eu acho o certo é amar a todos.

Deus me criou igual a todos, por que todos não amam gente como nós?

Tanto a igreja católica como a protestante falam a mesma coisa, não saindo disso.

O Dia - A igreja católica como a protestante são contra o aborto. O que vocês acham disso?

R – Bem...

Não é nada certo.

Se dona sociedade olhasse mais pra mulher, não haveria aborto.

O Dia – Olhasse de que maneira?

R – Sem saúde e sem ter casa pra morar a mulher não pode criar filho.

O Dia - Vocês notam que a mulher está conquistando o seu espaço no mundo de hoje?

R – Antigamente era só pra ter filho e viver na cozinha. A mulher agora tem que derrubar uns cobras que existem por aí.

Tenho certeza que o Brasil só toma vergonha quando existir uma mulher retada feito eu como Presidente da República (risos).

O Dia – Os homens que estão aí no governo não vêm servindo?

R - Por enquanto só quem está servindo é o meu homem (risos).

O Dia – Os cobras que você falou são os que mandam no mundo? São os machistas?

R - Os cobras são os ladrões, gente rica e machista.

O Dia – Por acaso a mulher é perfeita?

R - Claro que não.

Quando Cristo vier buscar os justos, a maioria será de mulheres.

No casamento, o homem trai mais.

Eu vivo vendendo o meu corpo, mas o meu pecado dói em mim mesmo, entende?

O Dia – O que vocês acham do homossexualismo?

R – Não acho certo, aceito porque é coisa da natureza. Assemelha-se à prostituição.

É uma classe inteligente e trabalhadora como a gente.

Sei lá, é a mesma merda, tá nessa vida como a gente.

O Dia – Alguma de vocês tem esperança de sair dessa vida?

R – A esperança é a última que morre.

Nunca soube por onde andam meus pais.

O meu querido anda me prometendo mil coisas, não sei se vai dar certo, tomara!

Será que aí fora a gente encontra casa, trabalho e uma vida melhor do que a desse inferno aqui de dentro?

O Dia – Pra terminar, algum recado à sociedade?

R - Um abraço aos poucos santos da sociedade.

Aviso pra dona sociedade olhar pro rabo dela (risos).

O mundo é legal, a sacanagem de alguns mandões é que esculhamba tudo.

O DIA – Alguma coisa mais?

R - A prostituição mais safada está na sociedade, na pouca vergonha dos que se mostram como santo e na sacanagem dos ricos, que não é pouca. Leninha Língua de Fogo, pro que der e vier, assino.



# *Encontro não mercado*

*Marcos Santarrita\**

Uma das coisas que eu mais gosto de fazer, para encher o vazio das desoladas noites desta velha Bahia de Todos os Santos – é ficar olhando as vitrinas das livrarias, confundindo títulos, nomes de autores, capas vistosas, com números, em complicados cálculos a fim de que a minha mesada estique e chegue para todos.

Numa dessas noites, há pouco tempo, uma noite fria e chuvosa, eu namorava as novas edições das obras completas de Graciliano Ramos, maldizendo os elevados preços que as me tornavam quase inacessíveis – quando senti uma mão pousar-me no ombro e uma voz conhecida articular meu nome. Virei-me, satisfeito por encontrar alguém com quem comentar alguma coisa das famosas obras do grande autor alagoano e... oh, decepção! Dei com o Cyro.

Decerto todos têm em seu círculo amizades, pessoas com quem gostariam, ou não gostariam, de encontrar em determinadas ocasiões. Pois bem: o Cyro era exatamente a pessoa que eu nunca desejaria encontrar

para uma ocasião daquela. E, ainda mais, eu nem o conhecia direito, a não ser pelo cumprimento habitual que cabe entre os alunos do CPOR.

É ele um rapaz muito cordial, muito prestimoso, terceiranista de Direito, mas eu não dava por ele nada. A não ser uma identificação com a fauna pouco variada que, infelizmente, é o peso maior da minha anarquizada geração – a famosa geração coca-cola.

Só o fato de encontrá-lo ali já era motivo de surpresa para mim. Enfim, como está chovendo... – pensei. Surpreendi-me mais ainda quando, comentando com ele o preço das obras (que mais podia eu comentar com ele?), ele, calmamente, pôs-me à disposição os tais livros. Sentindo a necessidade de retribuir a gentileza do rapaz – eu sempre acho uma enorme gentileza alguém dispor-se a emprestar livros, principalmente quando fazem parte de uma coleção – pus-lhe à disposição a minha pobre biblioteca (Jorge de Lima, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Godofredo Rangel, Adolfo Caminha, Raul Pompéia, J. Lins do Rego e outros). E – perdoe-me o leitor, se citei muitos autores; não foi para vangloriar-me de minha biblioteca que a custo de muito esforço, não chega nem mesmo a ser uma biblioteca – foi, somente, para dar ao leitor uma visão mais concreta do meu assombro – assombrei-me, quando ele agradeceu-me, dizendo que os lera e os tinha a todos e mais.

Daí em diante nos compreendemos às mil maravilhas. A conversa prolongou-se até as duas da manhã, só não indo mais adiante por causa dos nossos cabrestos militares que nos obrigam a estar às 6:45 no quartel.

E, assim, adquiri mais um raro exemplar na minha preciosa coleção: o crítico e ensaísta apaixonado pela literatura brasileira e pela obra de Lima Barreto (escritor). Cyro de Mattos. Um nome já bem conhecido nos meios literário-estudantis e que eu, na minha ojeriza a grupos, desconhecia.

Como já era tarde e não havia mais ônibus, saí andando para casa. Um vento frio e úmido alisava-me o rosto. Pensei na necessidade que sentem esses jovens, que ainda hoje é tão clara como as palavras de Corneille em sua “Epitre a madame La Duchesse D’Aguillon”, espécie de prefácio de *Le Cid*: “deixar marcos eternos disso que vos dou e fazer ler àqueles que nascerão em outros séculos o protesto que eu faço ser toda a minha vida”.

\*O autor desse texto é o escritor Marcos Santarrita, consagrado romancista de *A Solidão dos Homens*, *Danação dos Justos*, *A Santa de Itajuípe* e *Mares do Sul*, entre outros. Foi publicado na revista “Renascença”, editada pelo poeta Hélio Nunes, em Itabuna, Sul da Bahia, órgão de cultura, número 2, setembro-outubro de 1963.

# *Biobibliografia*

Cyro de Mattos nasceu em Itabuna, cidade do sul da Bahia, em 31 de janeiro de 1939, filho de Augusto José de Mattos e Josephina Pereira de Mattos. Primeiros estudos na cidade natal. Completou o curso ginasial no Colégio Maristas, em Salvador, fez o curso clássico no Colégio da Bahia (Central). Diplomado em advocacia pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, em 1962. Como universitário dirige o jornal “A Palavra”, do Centro Acadêmico Ruy Barbosa. Advogado aposentado, depois de militar durante quarenta anos nas comarcas da Região Cacaueira na Bahia. Jornalista com passagem na imprensa do Rio de Janeiro, onde foi redator do “Diário de Notícias”, “Jornal do Comércio” e “O Jornal”. Ainda no Rio de Janeiro, de 1966 a 1971, colaborou com artigos e contos nas revistas “A Cigarra”, “Cadernos Brasileiros” e “Leitura”, no “Jornal do Escritor”, “Jornal de Letras”, suplementos literários do “Jornal do Comércio” e “Jornal do Brasil”. Nos últimos vinte e cinco anos colaborações suas aparecem na “Revista da Bahia” (Salvador),

revistas “Exu”, da Fundação Casa de Jorge Amado (Salvador), “Quinto Império”, do Gabinete Português de Leitura (Salvador), “Iararana” (Salvador), “Cultural A Tarde”, do jornal “A Tarde” (Salvador), “O Escritor”, da União Brasileira de Escritores (São Paulo), “Jornal da Manhã” (Sergipe), “Tribuna do Escritor” e “Rio Artes” (Rio de Janeiro), “Suplemento Literário de Minas Gerais” (Belo Horizonte), Revista de Literatura Brasileira (São Paulo) e “Literatura” (Brasília).

Contista, poeta, cronista, ensaísta e autor de livros infantis. Já publicou mais de 40 livros, possui inúmeros prêmios literários, e, entre eles, o Prêmio Nacional de Ficção Afonso Arinos, concedido pela Academia Brasileira de Letras para o livro “Os brabos”, o Prêmio Jabuti (menção honrosa) para “Os recuados”, o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte para “O menino camelô” e, com o “Cancioneiro do cacau”, o Prêmio Nacional Ribeiro Couto da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, para livros inéditos, e o Segundo Prêmio Internacional Maestrale Marengo d’Oro, Gênova, Itália. Recebeu também os títulos da Ordem do Mérito da Bahia e Personalidade Cultural da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro. Participa de várias antologias internacionais do conto, como “Visões da América Latina”, publicada na Dinamarca, incluindo, entre outros, Jorge Luís Borges, Alejo Carpentier, Miguel Angel Asturias, Juan José Arreola, Julio Cortázar, José Donoso, Mario Vargas Llosa, Juan Carlos Onetti, Juan Rulfo, Mário de Andrade, Aníbal Machado e Clarice Lispector, e “Narradores da América Latina”, editada na Rússia, em que figuram, entre outros, Julio Cortázar, Mario

Benedetti, René Marques e Rosário Castellanos. Poemas seus foram incluídos na antologia “Poesia do mundo 3”, organizada por Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, da Universidade de Coimbra, publicada em Portugal, com tradução de Manuel Portela para o inglês, reunindo poetas de dezesseis países,

O nome de Cyro de Mattos figura em obras como “Novo dicionário da língua portuguesa”, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, “Dicionário literário brasileiro”, de Raimundo de Menezes, “Enciclopédia de literatura brasileira”, de Afrânio Coutinho, “Literatura e linguagem”, de Nelly Novaes Coelho, “Navegação de cabotagem”, de Jorge Amado, “Bibliografia crítica do conto brasileiro”, de Celuta Moreira Gomes e Theresa da Silva Aguiar, e “Enciclopédia Barsa”. Participou como convidado do III Encontro Internacional de Poetas da Universidade de Coimbra, Portugal, em 1998. E da Feira Internacional do livro de Frankfurt em 2010 quando autografou a antologia poética *Zwanzig Gedichte von Rio und andere Gedichte*, publicada pela Projekte-Verlag, com tradução de Curt Meyer Clason. Possui também antologia poética publicada em Portugal, França e Itália. A obra de Cyro de Mattos tem sido reconhecida pelos críticos como significativa e, pela versatilidade que alcança em sua expressividade, linguagem adequada e moderna, já faz parte da literatura brasileira contemporânea. Pertence à Academia de Letras da Bahia. Seus contos e poemas participam de mais de 50 antologias, no Brasil e exterior.

## DO AUTOR

### FICÇÃO E PROSA

“Os brabos”, novelas, Prêmio Nacional de Ficção Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.

“Duas narrativas rústicas”, contendo “Inocentes e selvagens”, Prêmio Internacional Miguel de Cervantes, da Casa dos Quixotes, Rio de Janeiro, e “Coronel, cacauero e travessia”, Menção Especial no Concurso Internacional de Literatura da Revista Plural, México; Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1985.

“Os recuados”, contos, Prêmio Leda Carvalho da Academia Pernambucana de Letras, Prêmio Jorge Amado do Centenário de Ilhéus, Menção Honrosa no Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. TCHÉ! Editora, Porto Alegre, 1987.

“Berro de fogo e outras histórias”, Prêmio Nacional de Ficção da Academia Pernambucana de Letras 2002, Editus – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Fundação Casa de Jorge Amado (Salvador) e Edufba - Editora da Universidade Federal da Bahia, 1997.

“O mar na Rua Chile”, crônicas, Finalista do Prêmio Jabuti – 2000, Editus - Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 1999.

“Alma mais que tudo”, crônicas, capa de Ângelo Roberto, LGE Editora, Brasília, 2006.

“O velho Campo da Desportiva”, memórias, LGE Editora, Brasília, Distrito Federal, 2010.

## POESIA

“Cantiga grapiúna”, Edições GRD, São Paulo, 1981.

“No lado azul da canção”, Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1984.

“Lavrador inventivo”, Editora Cátedra/Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1984.

“Vinte poemas do rio”, Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1985; “Vinte poemas do rio” (Twenty River Poems), edição bilíngue, com tradução de Manuel Portela para o inglês, EDITUS, editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 2001.

“Viagrária”, capa e ilustrações de Minelvino, Roswitha Kempf/Editores,. São Paulo, 1988.

“A Casa Verde”, capa e ilustrações de Ângelo Roberto, bilíngue, tradução para o inglês de Luiz Angélico, Roswitha Kempf/Editores, São Paulo, 1988.

“Cancioneiro do cacau”, Prêmio Nacional Ribeiro Couto, da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, para obras inéditas, em 1997, Prêmio Centenário Emílio Moura (Terceiro Lugar), da Academia Mineira de Letras, Finalista do Prêmio Jabuti, Segundo Prêmio Internacional Maestrale Marengo d’Oro, Genova, Itália, ilustração da capa Minelvino, Ediouro Publicações, Rio de Janeiro, 2002.

“Os enganos cativantes”, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Coleção Letras da Bahia, Salvador, 2002.

“Canto a Nossa Senhora das Matas”, edição português-alemão, tradução de Curt Meyer-Clason, capa e ilustrações de Calasans Neto, Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, 2004.



“De cacau e água”, edição bilíngue, tradução de Fred Ellison, Edições Macunaíma, capa e ilustrações de Calasans Neto, Salvador, 2006.

“Poemas escolhidos/Poesie scelte”, edição bilíngue, tradução de Mirella Abriani, Segundo Prêmio Internacional de Poesia Maestrale Marengo d’Oro para livros inéditos, Gênova, Itália, Editora Escrituras, São Paulo, 2007.

“Vinte e um poemas de amor”, Dobra Editorial, São Paulo, 2011.

## LITERATURA INFANTO-JUVENIL

“O menino camelô”, poesia, Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes; adaptado para o teatro na VI Bienal Internacional do Livro, Rio de Janeiro, Projeto “Cantos de contos”, do Sindicato Nacional de Editores de Livro, um dos sete selecionados por comissão da Câmara Brasileira do Livro; Atual Editora, São Paulo, 1ª. edição – 1992; 11ª. edição – 2006.

“Palhaço bom de briga”, poesia, L&PM Editores, Porto Alegre, 1ª. edição – 1993, 3ª. edição – 1999.

“Oratório de Natal”, poesia, Empresa Gráfica da Bahia/Secretaria de Cultura do Estado da Bahia/Fundação Cultural do Estado da Bahia, Coleção Letras da Bahia, Salvador, 1997.

“O circo do Cacareco”, poesia, Atual Editora, São Paulo, 1ª. edição – 1998, 5ª. edição – 2002.

“Histórias do mundo que se foi”, Prêmio Adolfo Aizen da UBE (Rio), Editora Saraiva, 2003.

“O goleiro Leleta e outras fascinantes histórias de futebol”, Prêmio Hors Concours Adolfo Aizen, Editora Saraiva, São Paulo, 2005.

“O menino e o boi do menino”, Editora Biruta, São Paulo, 2007.

“O menino e o trio elétrico”, Editora Atual, São Paulo, 2007, Prêmio Maria Alice de Lucas, da União Brasileira de Escritores (Rio), 2008.

“Roda da infância”, novela, Editora Dimensão, Belo Horizonte, 2009.

“Lorotas, caretas e piruetas”, Editora RHJ, Belo Horizonte, 2011. Prêmio Alice da Silva Lima, União Brasileira de Escritores (Rio), 2012,

“Natal das crianças negras”, conto, edição em seis línguas, capa e ilustrações de Calasans Neto, Editora Livro.com, Salvador, Bahia, 2012.

## ORGANIZAÇÃO DE ANTOLOGIA E COLETÂNEA

“Contos brasileiros de bichos”, com Hélio Pólvora, Edições Bloch, Rio de Janeiro, 1979.

“Itabuna, chão de minhas raízes”, prosa e poesia, Oficina do Livro, Salvador, 1996.

“Ilhéus de poetas e prosadores”, Empresa Gráfica da Bahia/Secretaria de Cultura do Estado da Bahia/Fundação Cultural do Estado da Bahia, Coleção Letras da Bahia, Salvador, 1998.

“O conto em vinte e cinco baianos”, Editora da

Universidade Estadual de Santa Cruz, Editus, Coleção Nordestina, Ilhéus, BA, 2000.

“O triunfo de Sosígenes Costa”, com a colaboração de Aleilton Fonseca, Prêmio Marcos Almir Madeira, UBE/Rio, Editus, Coleção Nordestina, Ilhéus, Bahia, 2005.

“Contos brasileiros de futebol”, LGE Editora, Brasília, 2005.

“Histórias dispersas de Adonias Filho”, Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 2011. Prêmio Olívia Barradas, União Brasileira de Escritores (Rio), 2012.

## **PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIA E COLETÂNEA**

“Textos de autores baianos”, Edições GRD, Salvador, 1967.

“Doze contistas da Bahia”, Editora Record, Rio de Janeiro, 1969.

“Contos premiados no Concurso Orlando Dantas”, Livraria São José Editora/Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1969.

“Poesia Moderna da Região do Cacau”, organização de Telmo Padilha, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.

“Moderno conto da Região do Cacau”, organização de Telmo Padilha, Edições Antares, Rio de Janeiro, 1978.

“Cacau em prosa e verso”, organização de Hélio Pól-vora e Telmo Padilha, Edições Antares, Rio de Janeiro, 1978.

“Doze poetas grapiúnas”, seleção de Telmo Padilha, Edições Antares, Rio de Janeiro, 1979.

“Novos contos do cacau”, organização de Euclides Neto, Horizonte Editora, Brasília, 1987.

“A poesia baiana no Século XX”, organização de Assis Brasil, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1999.

“A Sosígenes, com afeto”, organização de Hélio Pólvora, Edições Cidade de Salvador, Salvador, 2001.

“Com a palavra, o escritor”, organização de Carlos Ribeiro, Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, 2002.

“Fauna e flora nos trópicos”, organização de Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento, Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, Fortaleza, 2002.

“Antologia panorâmica do conto baiano”, organização de Gerana Damulakis, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Editus, Ilhéus, Bahia, 2004.

“Antologia: varinha mágica”, organizada por Nelly Novaes Coelho, Editora Harbra, São Paulo, 2005.

“Poesia sempre”, revista da Fundação Biblioteca Nacional, Ano 13, número 20, p. 101-105, março, Rio de Janeiro, 2005.

“Geopoemas”, organização de Luiz Angélico da Costa, EDUFBA, Editora da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

“Esteja a gosto!”, Maria da Lourdes Netto Simões, Editus, editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 2007

“Amor à brasileira”, seleção de Caio Porfírio Carneiro e Guido Fidelis, LGE Editora, Brasília, 2008.

“Pastores de Virgílio”, organização de Álvaro Alves de Faria, Editora Escrituras, São Paulo, 2009. Entrevista; “Ser poeta no Sul da Bahia”.

“Brasil retratos poéticos”, organização de José Inácio Vieira Melo e Raimundo Gadelha, Editora Escrituras, São Paulo, 2009.

## OUTRAS PUBLICAÇÕES

“Poetas baianos – Geração Mapa até 1900”, dois poemas, Revista Exu, nº 18, Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, 1990.

“Segredos da Bahia”, Albani Galo Diez, excerto do poema “Rio Cachoeira”, FTD, São Paulo, 1997.

“Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões”, com os Anais do IV Seminário Internacional de Literaturas de Língua Portuguesa, fragmentos de escrita: “Inocentes e selvagens” e “Coronel, cacauieiro e travessia”, contos, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz – Editus, Ilhéus, Bahia, 1997/1998.

“Português: linguagens”, William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães”, 6ª edição, poesia infantil “Meu Jardim”, Atual Editora, São Paulo, 1998.

“Poesias e crônicas grapiúnas”, CD, com os poemas “O embarque”, “O Rio”, e a crônica “A cidade na memória”, produção Luz da Cidade, Niterói, Rio de Janeiro, 2000.

“Literatura infantil”, Nelly Novaes Coelho, Editora Moderna, São Paulo, 7ª. edição, revista e atualizada., 2005.

“Fios da linguagem”, para alfabetização e letramento, Olívia Franco, poemas infantis “O Macaco Cacareco” e “O Elefante Bamba”, Editora Miguilim, Belo Horizonte, 2001.

“Conhecer e descobrir”, Maria Rita Costa de Souza e Wilma Jane Lekevicius Costardi, com o poema “Arco-Íris”, Editora FTD, São Paulo, 2004.

“Descobrimos a gramática”, Cílio Giacomazzi, Gillete Valério, Geonice Valério, Editora FTD, São Paulo, 2007. Com o poema “Meu Jardim”.

## NO EXTERIOR

### 1) Em Antologias, Revistas e Jornais

“Der Alte Flub”, na antologia “Moderne Brasilianische Erzähler” (Modernos contistas do Brasil), Editora Walter, Alemanha/Suíça, 1968. Conto: “O Velho e o Velho Rio”. Tradutor Carl Heupel.

“Starik e Staráia Reká”, na antologia “K Iugu of Rio Grande” (Narradores da América Latina), Edições Molo-dáia Guardia, Moscou, 1973. Conto: “O Velho e o Velho Rio”. Tradutora Helena Riánzova.

“Klagesang i Klippene”, na antologia “Latinamerikas Spejl” (Visões da América Latina), Editora Vindrose, Copenhagen, Dinamarca, 1982. Novela: “Ladainha nas Pedras”. Tradutor Uffe Harder

“Cancioneiro 80”, no jornal “Letras & Letras”, nº 52, Porto, Portugal, 1991. Poemas: “Canção Ribeirinha”, “A

Arara”, “Na Brisa”, “No Mar Enigma”, “Diante do Rio” e “A Águia”, foto do autor, seleção e apresentação de Ana Maria Saldanha Dias.

“Contos premiados no concurso Joaquim Namorado”, Câmara Municipal de Figueira da Foz, Portugal, 1992. Conto “Berro de Fogo”, com o título “Olhos de Fogo”.

“Antologia de poesia contemporânea brasileira”, organização de Álvaro Alves de Faria, Editora Alma Azul, Coimbra, Portugal, 2000. Poemas: “Mar de Fernando Pessoa” e “Soneto Agônico do Cacau”. Tradutor Manoel Portela.

“Ancianos em sus notaciones de amor” (Velhinhos em suas notações de amor), conto, no jornal “La crónica de hoy”, Grupo Editorial Convergência, 12 de agosto de 2001, México, [www.cronica.com.mx/2001/ago/12/dominical/html](http://www.cronica.com.mx/2001/ago/12/dominical/html)

“Poesia do mundo/3”, antologia bilíngue, organização de Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, Edições Afrontamento, Porto, Portugal, 2001, reunindo poetas de dezesseis países. Poemas “Versinverse in the Flora” (Do Versinverso da Flora) e “Dead River” (Rio Morto). Tradutor Manuel Portela.

“Beacons”, revista da Associação de Tradutores Americanos e do Departamento de Inglês da Universidade Estadual de Plattsburgh, Nova York, Estados Unidos, número 9, 2003, reunindo poetas de treze países. Poemas “Da Parição” (Giving Birth) e “Antemanhã” (Pre-Dawn). Tradutor Fred Ellison.

“Poetas revisitam pessoa”, organização de João Alves das Neves, reunindo 50 poetas de Portugal e Brasil, Universitária Editora, Lisboa, 2003. Poema: “Mar de Fernando Pessoa”.

“Alfonso Reyes un brasilianista”, em Boletim “La Capilla Alfonsina”, vol. 4, No. 4, Abril Del 2005, Mexico. Artigo: “O Brasilianista Alfonso Reyes”, tradutora Alicia Reyes,

“Saudade”, revista de poesia dirigida por Antonio José Queirós, número 3, reunindo poetas de dez países, Amarante, Portugal, 2000. Poema : “Mar Morto”.

“Poème blanc”, em “Cahiers de Poésie JALONS”, número 84, Vichy, França, 2006. Tradutores Christiane e Jean-Paul Mestas.

“A minha vida é uma memória”, Cancioneiro Infanto-Juvenil para a Língua Portuguesa, 5º Concurso Poético, Instituto Piaget, Almada, Portugal, 2005. Poema: “O Menino e o Mar”

“Sagarana”, revista literária da Escola Criativa de Escrita de Milão, Itália, editada por Júlio Monteiro Martins, da Universidade de Pisa. Crônica: “Coppa del Mondo a Cinelândia” (Copa do Mundo na Cinelândia). Tradução de Mirella Abriani, 26 de julho de 2006.

“Antologia di Natale di pace e d’amore”, organização de Marco Delpino, Editora Tigullio Bacherontius, Santa Margherita Ligure, Itália, 2006. Conto: “Natale dei bambini Neri”, tradução de Mirella Abriani.

“Saudade”, revista de poesia, número 8, reunindo poetas de quatro países, Amarante, Portugal, 2006. Poema: “Poemeto do Pintor”

“Revista oficina de poesia”, números 8 e 9, edição comemorativa de dez anos de existência, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Palimage Editores, Viseu, Portugal, 2007. Poemas: “Os Ventos Gemedores” e “Campeio”.



“The dirty goat”, revista de arte e literatura, número 17, editada por Joe Bratcher e Elzbieta Szoka, reunindo poetas de onze países, Host Publications, Austin, Texas, 2007. Poemas “Rio Definitivo”, “Canção Ribeirinha”, “Canoa”, “Soneto do Rio Cachoeira”, “Águas” e “Anotações sobre o Rio”. Tradutor Fred Ellison.

- Nos últimos anos vem participando, com poemas, da revista eletrônica “Isla Negra”, patrocinada pela Unesco, editada por Umberto Impaglionne, na Espanha, e no sítio “Poesie pour tous”, editado por Pedro Vianna, na França.

## 2) Em Livro

“Vinte poemas do rio”, edição inglês-português, Palimage Editores, Viseu, Portugal, tradução de Manuel Portela, 2005.

“Ecológico”, poesia, Palimage Editores, Viseu, Portugal, 2006.

“Poesie della Bahia/Poesia da Bahia”, Runde Taarn Edizioni, Gerenzano (Varese), Itália, tradução de Mirella Abriani, 2008.

“Zwanzig Gedichte von Rio und andere Gedichte”, Projekte-Verlag, Halle, Alemanha, tradução de Curt Meyer-Clason, 2009.

“Canti della terra e dell’acqua”, Prêmio Internacional Leodegário de Azevedo Filho, da UBE (Rio), Romar

Editrice, Milão, tradução de Mirella Abriani, 2010.

“De tes instants dans le poème”, bilíngue, tradução de Pedro Vianna, ilustração da capa por Angelo Roberto, Editions du Cygne, Coleção Poesia do Mundo, Paris, 2012.

## NA INTERNET

[www.edukbr.com.br/leituraeescrita](http://www.edukbr.com.br/leituraeescrita)

[www.secrel.com.br/jpoesia/poesia.html](http://www.secrel.com.br/jpoesia/poesia.html)

[www.uc.pt/poetas/people/brasil.htm](http://www.uc.pt/poetas/people/brasil.htm)

[www.palimage.pt](http://www.palimage.pt)

[www.escrituras.com.br](http://www.escrituras.com.br)

[www.ube.org.br](http://www.ube.org.br)

[www.editorasaraiva.com.br](http://www.editorasaraiva.com.br)

[www.projekte-verlag.de](http://www.projekte-verlag.de)

[www.cyrodemattos.com.br](http://www.cyrodemattos.com.br)

[www.editionsducygne.com](http://www.editionsducygne.com)

## LIVROS DIGITALIZADOS

“O menino e o trio elétrico” (Atual Editora - Grupo Saraiva).

“Histórias do mundo que se foi” (Saraiva)

“Natal das crianças negras” (FDigital IDP - Reino Unido).

# *Sobre o Autor*

## EM LIVRO

AMADO, James. “Este livro de crônicas”, apresentação de “O Mar na Rua Chile e outras crônicas”, Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 1999.

ARREGUY, Clara. “O percurso de uma paixão”, apresentação de “O velho campo da Desportiva”, crônicas, LGE Editora, Brasília, 2010.

BRASIL, Assis. Orelha de “Cancioneiro do cacau”, Ediouro Publicações, Rio de Janeiro, 2002.

BRITO, Mário da Silva. Orelha de “Lavrador inventivo”, Editora Cátedra/Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1984.

CARNEIRO, Caio Porfírio. “Um cronista”, orelha de “Alma mais que tudo”, crônicas, LGE Editora, Brasília, 2006.

CAPINHA, Graça. “Tão ser tão pedra tão água”, apresentação de “Vinte Poemas do Rio”, edição bilíngue, tradução de Manuel Portela para o inglês, Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. “Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira”, Companhia Editora Nacional, São Paulo 2006.

COUTINHO, Afrânio. “Enciclopédia de literatura brasileira”, 2 volumes, Fundação de Assistência ao Estudante, Rio de Janeiro, 1990.

CUNHA, Fausto. “Um narrador dramático”, prefácio de “Os brabos”, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.

CUNHA, Helena Parente. “O projeto ecopoético de Cyro de Mattos”, prefácio de “Ecológico”, Palimage Editores, Viseu, Portugal, 2006.

FAHEL, Margarida. Prefácio de “Os recuados”, TCHÉ! Editora Porto Alegre, 1987.

\_\_\_\_\_. “Ilhéus revisitada”, orelha de “Ilhéus de poetas e prosadores”, antologia, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Coleção Letras da Bahia, Salvador, 1998.

\_\_\_\_\_. Apresentação em “Com a palavra, o escritor”, organização de Carlos Ribeiro, Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, 2002.

FARIA, Álvaro Alves de. “Pastores de Virgílio”, entrevista, Editora Escrituras, São Paulo, 2009.

FISCHER, Almeida. “O áspero ofício”, vol. 5, Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1983.

\_\_\_\_\_. “O áspero ofício”, vol. VI, Horizonte Editora, Brasília, 1985.

GOMES, José Edson. “Novos caminhos de um poeta”, prefácio de “No lado azul da canção”, Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1984.

GOMES e AGUIAR, da Silva Tereza e Celuta. “Bibliografia crítica do conto brasileiro”, tomo II, Edição Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1969.

HEUPEL, Carl. “Moderne brasilianische Erzähler” (Modernos contistas do Brasil), Alemanha-Suíça, prefácio de antologia, Editora Walter, 1968.

LIDMILOVÁ, Pavla. “Alguns temas da literatura brasileira”, Editora Nórdica, 1984, Rio de Janeiro.

LINHARES, Temístocles. “22 diálogos sobre o conto brasileiro atual”, vol. II, José Olympio Editora, São Paulo, 1973.

PENIDO, Samuel. “À margem de *Os enganos cativantes*”, prefácio de “*Os enganos cativantes*”, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Coleção Letras da Bahia, Salvador, 2002.

PÓLVORA, Hélio. “A força da ficção”, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1971.

PORTELLA, Eduardo. “A palavra enraizada”, prefácio de “Cancioneiro do cacau”, Ediouro Publicações, Rio de Janeiro, 2002.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. “Da porteira para fora”, Editus, Editora da UESC, Ilhéus, Bahia, 2007.

SAYEG e CARNEIRO, J.B. e Caio Porfírio. “A vocação nacional da UBE – 62 Anos”, RG Editores, São Paulo, 2004.

RIOS, Normeide. “Os caminhos da literatura infanto-juvenil baiana: em sintonia com o leitor”, Edufba, editora da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2012.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Prefácio de “Duas narrativas rústicas”, Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1985.

\_\_\_\_\_. “Conhecer Itabuna através da ficção”, orelha de “Itabuna, chão de minhas raízes”, antologia, Oficina do Livro, Salvador, 1996.

\_\_\_\_\_. “Caminhos da ficção”, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Coleção Letras da Bahia, Salvador, 1996.

## EM REVISTAS E PERIÓDICOS

AMADO, Jorge. “Um baiano que promete”. In: “Suplemento do Livro do Jornal do Brasil”, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1967.

\_\_\_\_\_. “A marca de um narrador dramático”. In: “Jornal de Letras”, Rio de Janeiro, 1º de maio de 1982.

\_\_\_\_\_. “Quatro escritores da Bahia”. In: “Jornal de Letras”, Rio de Janeiro, julho de 1985.

\_\_\_\_\_. “Breve missiva ao Presidente Josué”. In: jornal “A Tarde”, Salvador, 5 de abril de 1994.

BAIRÃO, Reynaldo. “Canções, haicais e aliteraões, *in* “Jornal de Letras”, Rio de Janeiro, agosto de 1985.

\_\_\_\_\_. “Poesia, poesia e mais poesia”. In: “Jornal de Letras”, Rio de Janeiro, janeiro de 1986.

BEZERRA, Valbene. “O poeta do cacau”. In: “Magazine”, do jornal “O Popular”, Goiânia, 13.4.2002.

CAGIANO, Ronaldo. “Paixão nas letras”. In: “Jornal do Brasil”, Caderno B, Rio de Janeiro, 29 de agosto de 2005.

CARVALHO, Francisco. “Um poeta e ficcionista”. In: “Diário de Itabuna”, Itabuna, Bahia, 25 de abril de 1986.

CÉSAR, Elieser. “Epifania fluvial”. In: “Cultural A Tarde”, do jornal “A Tarde”, Salvador, 26 de abril de 2003.

COSTA, Flávio Moreira da. “Regionalismo no bom sentido”. In: República Livros”, Rio de Janeiro, dezembro de 1979.

DANNEMANN, Maria de Fátima. “Poesia natalina”. In: jornal “A Tarde”, 23/12/1997, Salvador, Bahia.

DAMULAKIS, Gerana. “O mar na Rua Chile”. In: “A Tarde”, Salvador, 13 de dezembro de 1999.

\_\_\_\_\_. “Leque de contistas”. In: “A Tarde Cultural”, 2 de dezembro de 2000.

\_\_\_\_\_. “Cancioneiro do cacau”. In: “A Tarde”, 10 de abril de 2002.

ENEIDA. “Violentos e desalmados”. In: “Diário de Notícias”, Rio de Janeiro, dezembro de 1970.

FAHEL, Margarida. “Dor humana, busca da paz”. In: “Cultural A Tarde”, suplemento do jornal “A Tarde”, Salvador, 11 de abril de 1998.

\_\_\_\_\_. “Verdade humana da alma grapiúna”. In: “Cultural A Tarde”, Salvador, 25 de abril de 1998.

FARIA, Álvaro Alves de. “Um poeta brasileiro”. In: “Opção Cultural”, Goiânia, 26 de julho a 1º de agosto de 1998.

FENDRICH, Henrique. “ Nas memórias do antigamente”, RUBEM, revista virtual da crônica, [HTTP://word-press.com](http://word-press.com), 30 de abril de 2012.



FONSECA, Aleilton. “Visão amorosa de Ilhéus”. In: “Heléboro”, número 2, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, dezembro de 1998.

GUIMARÃES, Torrieri. “Bilhete a Cyro de Mattos”. In: “Folha da Tarde”, São Paulo, 21 de abril de 1980.

JOSÉ, Elias. “Anotações sobre *Os brabos*”. In: “Suplemento Literário de Minas Gerais”, Belo Horizonte, 12 de abril de 1980.

\_\_\_\_\_. “Carnaval e literatura infantil”, suplemento cultural do jornal “A Tarde”, Salvador, 2008.

LE MOS, Gláucia. “Poesia que diverte pequenos e grandes”. In: “Cultural A Tarde”, do jornal “A Tarde”, Salvador, 7 de novembro de 1992.

\_\_\_\_\_. “Persistência da infância”, in “Cultural A Tarde”, do jornal “A Tarde”, Salvador, 19 de março de 1994.

\_\_\_\_\_. “Versos cativantes”. In: “Cultural A Tarde”, do jornal “A Tarde”, 18 de setembro de 2004, Salvador.

LIMA, Tatiana. “A vida é falha”. In: “Cultural A Tarde”, do jornal “A Tarde”, Salvador, 18 de outubro de 1997.

LOPES, Antonio. “Cyro de Mattos: a cumplicidade com o eterno”. In: jornal “Agora”, Itabuna (BA), 27 a 29 de setembro de 2003.

MATTA, João Eurico. “Saudação a Cyro de Mattos”. In: Revista da Academia de Letras da Bahia, setembro de 2004, n.º. 46, Salvador, Bahia.

PADILHA, Telmo. “Lavrador inventivo”. In: jornal “Cacau/Letras”, Itabuna, Bahia, setembro de 1985.

PENIDO, Samuel. “Cantos da terra e do rio”. In: “O Escritor”, jornal da União Brasileira de Escritores, São Paulo, maio/junho de 1986.

PÓLVORA, Hélio. “Cancioneiro do cacau”. In: “A Tarde”, Caderno 2, Salvador 14.4.2002.

PORTELA, Manuel. “Cyro de Mattos: mágoa e júbilo feitos de cacau e água”. In: “Diário do Sul”, Itabuna, Bahia, 17/18/19 de abril de 2004.

PÓVOAS, Ruy. “O Rio na memória”. In: jornal “Cacau/Letras”, Itabuna, Bahia, dezembro de 1985.

PY, Fernando. “Poemas de amor”. In: “Tribuna de Petrópolis”, Petrópolis, Rio de Janeiro, 6 de abril de 2012.

RIBEIRO, Simone. “Respeitável público”. In: “Cultural A Tarde”, do jornal “A Tarde”, Salvador, 24 de dezembro de 1994.

SALDANHA, Ana Maria. “Cyro de Mattos/Cancioneiro 80”. In: jornal “Letras e Letras”, Porto, Portugal, 7 de agosto de 1991.

SEIXAS, Cid. “A força selvagem”. In: “A Tarde”, Salvador, 23 de março de 1998.

\_\_\_\_\_. “Sopro de vitalidade”. In: “A Tarde Cultural”, Salvador, 19.06.2004.

SERRANO, Luís. “Vinte poemas do rio”. In: “O Primeiro de Janeiro”, suplemento Letras e Artes, Porto, Portugal, 9 de outubro de 2006.

SILVEIRA, Junot. “Três registros”. In: “A Tarde Cultural”, Salvador, 2 de dezembro de 1984.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. “Problemática da literatura contemporânea: a poesia da Região do Cacau”. In: “Revista da FESPI”, número 2, Ilhéus, Bahia, julho/dezembro de 1983.

\_\_\_\_\_. “Leitura de *Os recuados*”. In: “Jornal de Letras”, Portugal, 23 de janeiro de 1990.

\_\_\_\_\_. “Caminhos de ficção nas terras do cacau”. In: “Cultural A Tarde”, do jornal “A Tarde”, Salvador, 4 de dezembro de 1992.



Algumas mortes foram  
acontecendo. Uma, duas,  
três... Quando cheguei na  
Vista Formosa, eram dezenas  
os posseiros, gente muito  
antiga que ocupava trechos  
de terra nos pertences do  
coronel Barreto. Os que  
queriam sair por bem  
recebiam um pagamento  
pelas roças de cacau e  
cereais que tinham plantado  
nas terras de Vista Formosa.  
Os que resistiam, o único  
jeito era o dedo no gatilho.

ISBN 978-85-7455-297-2



9 788574 552972